



Manoel Karam

CONCURSO LITERÁRIO

CONCURSO LITERÁRIO MANOEL KARAM

As cinco primeiras edições

Coletânea de contos e poemas

Organizadores

Adriano Lucas

Johan Henryque

Jonas Felácio Júnior



Adriano Lucas
Johan Henryque
Jonas Felácio Júnior

CONCURSO LITERÁRIO
MANOEL KARAM
As cinco primeiras edições

Prosacult

Copyright © 2024 by, Adriano Lucas, Johan Henryque e Jonas Felácio Júnior
Copyright © 2024 by, Prosacult Editora e Produtora Cultural

Impresso no Brasil

Todos os direitos reservados à
Prosacult Editora e Produtora Cultural
Lontras/SC, Brasil
www.prosacult.com
prosacult@outlook.com

A Câmara Brasileira do Livro certifica que a obra intelectual descrita abaixo, encontra-se registrada nos termos e normas legais da Lei nº 9.610/1998 dos Direitos Autorais do Brasil. Conforme determinação legal, a obra aqui registrada não pode ser plagiada, utilizada, reproduzida ou divulgada sem a autorização de seu autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária: Marciani Raquel Bezerra Tatim – CRB 14/980

L933c

Lucas, Adriano (org).

Concurso Literário Manoel Karam: as cinco primeiras edições. Adriano Lucas (org.). Johan Henryque (org.). Jonas Felácio Júnior (org.). Diagramação e capa Johan Henryque. Coordenação editorial Johan Henryque e Marciani Raquel Bezerra Tatim. Revisão Natália Zimmermann. - Lontras, SC: Prosacult Editora e Produtora Cultural, 2024.

334p. 14 x 21cm.

ISBN: 978-65-999990-7-9

1. Literatura brasileira. 2. Literatura catarinense. 3. Poesia. 4. Contos. 5. Concurso Literário. 6. Manoel Karam. I. Henryque, Johan. II. Felácio Júnior, Jonas. III. Tatim, Marciani Raquel Bezerra. IV. Zimmermann, Natália. V. Título.

CDD B869.93

Adriano Lucas
Johan Henryque
Jonas Felácio Júnior

CONCURSO LITERÁRIO
MANOEL KARAM
As cinco primeiras edições

Adriano Lucas
Johan Henryque
Jonas Felácio Júnior
Organizadores
Johan Henryque
Diagramação
Johan Henryque
Capa
Johan Henryque
Marciani Raquel Bezerra Tatim
Coordenação editorial

Marciani Raquel Bezerra Tatim
Catalogação
Natália Zimmermann
Revisão
Prosacult Editora e Produtora Cultural
Editora

Sumário

1 Concurso Literário Manoel Karam	9
2 Organizadores	11
3 Um rio-sulense das letras	13
I Edição Categoria Única Ensino Médio	15
Jamile Ramos	17
Karine Giovana Chaves Neumann	45
Ane Cristine Crispim	49
II Edição Categoria Poema Ensino Médio	61
Beatriz Bennert Felipe	63
Leticia Brandl	65
Leonardo dos Santos	67
Camila Angioleti de Souza	69
II Edição Categoria Conto Ensino Médio	71
Lucas Andrin	73
Gabriele Maria Schmitz	85
Natália de Freitas Marcelino	93
Beatriz Bennert Felipe	95
III Edição Categoria Poema Ensino Fundamental	97
Ana Beatriz Kraemer Ferreira	99
Artur José Mazzini	101
Rafaela de Sousa Cerutti	103
III Edição Categoria Poema Ensino Médio	105
Beatriz Bennert Felipe	107

Camila Angioleti de Souza	109
Yasmin Walker Maciel Queiroz	111
III Edição Categoria Conto Ensino Fundamental	113
Júlia Lichtenfels Weçolovis	115
Vinícius Buzzi Kalbusch	129
Luiz Gustavo Becker Schmidt	131
III Edição Categoria Conto Ensino Médio	133
Lucas Andrin	135
Bruno Moretti Leite	151
Yasmin Walker Maciel Queiroz	157
IV Edição Categoria Poema Ensino Fundamental	163
Jholiny Miranda Souza	165
Bruno Venturi Moretti	169
Augusto Cesar Nasário	171
IV Edição Categoria Poema Ensino Médio	173
Bruno Moretti Leite	175
Patrick Sabino	177
Maria Eduarda Rosa	179
IV Edição Categoria Conto Ensino Fundamental	183
Maria Eduarda Goede de Souza	185
Ayla Luiza de Souza	193
Júlia Lichtenfels Weçolovis	211
IV Edição Categoria Conto Ensino Médio	217
Augusto Henrique Bennert	219
Ágatha Cristiny Knoth Horst	229

Yasmin Walker Maciel Queiroz	235
V Edição Categoria Poema Ensino Fundamental	245
Richard Kletenberg Gutjahr	247
Amanda Heinrich	249
Bruno Romagnani Leopoldo	251
V Edição Categoria Poema Ensino Médio	253
Giovanni Pisetta Dolzan	255
Maria Eduarda Rosa	257
Joaquim Fronza Silveira	259
V Edição Categoria Conto Ensino Fundamental	261
Gustavo Mezdri Guerrero	263
Nádia Sautner	267
Bruno Romagnani Leopoldo	271
Yasmin Walker Maciel Queiroz	277
Lucas Gabriel Stopassolli	285
Ágatha Cristiny Knoth Horst	293
4 Biografias dos Vencedores	301
4.1 Vencedores da I edição do Concurso Literário	
Manoel Karam (2019)	303
4.2 Vencedores da II edição do Concurso Manoel	
Karam (2020):	305
4.3 Vencedores da III edição do Concurso Manoel	
Karam (2021):	311
4.4 Vencedores da IV edição do Concurso Manoel	
Karam (2022):	317

4.5 Vencedores da V edição do Concurso Manoel

Karam (2023): 327

1 Concurso Literário Manoel Karam

O Concurso Literário Manoel Karam foi criado em 2019 pelos agentes culturais Adriano Lucas, Cintia da Silva e Johan Henryque. Na primeira edição ainda não havia uma nomenclatura específica e o concurso integrou a programação da Feira do Livro de Rio do Sul, em Santa Catarina. A Associação de Escritores do Alto Vale do Itajaí, a Biblioteca Pública Municipal Nereu Ramos e a Fundação Cultural de Rio do Sul foram as entidades parceiras na criação do projeto. Na época, não havia categorias porque era um concurso geral que contemplava alunos do Ensino Médio das escolas públicas e privadas da cidade.

Em 2020, o jornalista e historiador Jonas Felácio Júnior sugeriu dar ao concurso um nome e assim homenagear o escritor rio-sulense Manoel Carlos Karam. Dessa forma, foi instituído o Concurso Literário Manoel Karam para destacar esse importante personagem da história da cultura e da arte da cidade. Naquele mesmo ano, ocorreu a pandemia de Covid-19, o que acabou por inviabilizar a Feira do Livro de Rio do Sul. Os organizadores do concurso apostaram então numa alternativa, realizá-lo de forma virtual. Todas as inscrições foram feitas pelos professores das escolas participantes e a segunda edição pode ser executada com duas categorias, a de conto e a de poesia, para estudantes do Ensino Médio.

A terceira edição, em 2021, trouxe novidades. Kindles, leitores de livros digitais, foram entregues como prêmios aos vencedores em primeiro lugar, contemplando também os alunos do Ensino Fundamental do 7º ao 9º ano nas mesmas categorias que compunham o concurso até então. A quarta e a quinta edição consolidaram o concurso. Em 2023, surgiu uma nova parceira: a Prosacult Editora e Produtora Cultural atuando na coordenação do projeto.

Em seus cinco primeiros anos, o Concurso Literário Manoel Karam contemplou quarenta e sete prêmios: três em 2019, oito em 2020, doze em 2021, doze em 2022, e doze em 2023.

Em 2024, o concurso tem mais novidades. O projeto foi contemplado pelo edital do Prêmio Nodgi Pellizzetti de Incentivo à Cultura de Rio do Sul. Nesta edição, os professores dos estudantes inscritos, que são peças fundamentais em todo o processo, também terão seu trabalho reconhecido com premiação aos vencedores. Cada professor que ficar em primeiro lugar em sua respectiva categoria receberá um Kindle.

2 Organizadores

Adriano Lucas é formado como Agente Cultural, membro e vice-presidente da Associação de Escritores do Alto Vale do Itajaí. Atua na Feira do Livro de Rio do Sul desde 2017. Também é membro da Associação dos Músicos do Alto Vale do Itajaí (AMUSAVI) e faz parte da comissão da Feira da Música de Rio do Sul.

Johan Henryque é poeta, escritor e agente cultural. Natural de Rio do Sul/SC, Johan Henryque formou-se em Letras pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi), em 2018. Publicou os romances: Noah Flint (2017); As Crônicas de Vahl Hallen (2018); O Mistério Na Floresta (2021); os livros de poesia: Emarnhado (2019); Quarteirão Paralelo (2020), Epifania (2022), Arabesque (2023) e Metamorfose (2024); o livro infanto-juvenil: O Viajante (2024); o livro experimental: Alaska (2024); organizou e produziu três antologias de contos, crônicas e poesias: Balaio de Gato (2022), Antologia Sobrenatural (2023) e Terra, Nossa Casa Comum (2024).

Como agente cultural, em 2019, criou e organizou o Concurso Literário Manoel Karam, em Rio do Sul. Faz parte da Associação de Escritores do Alto Vale do Itajaí, e é o atual presidente da instituição. Johan organizou, produziu e executou a Feira do Livro de Lontras em 2022, 2023 e 2024. Fundou a Prosacult Editora e Produtora Cultural em 2023.

Jonas Felácio Júnior é graduado em Jornalismo e licenciado em História. Atua na área da literatura desde de 2007, quando participou de sua primeira publicação. Foi um dos fundadores da Associação de Escritores do Alto Vale do Itajaí, no ano de 2009. Autor e coautor de livros, também participou de antologias. Já escreveu dezenas de artigos sobre temáticas relacionadas à história de Rio do Sul e o Alto Vale do Itajaí.

3 Um rio-sulense das letras

Manoel Carlos Karam foi escritor, dramaturgo e jornalista que nasceu em Rio do Sul, no Alto Vale do Itajaí, Santa Catarina, em 1947. O pai do escritor, conhecido como Titio Karam, era jornalista, agitador cultural e comandava um programa de auditório ao vivo numa emissora de rádio AM. Titio Karam é também o nome do espaço do Teatro Embaixo da Ponte, um local curioso e pitoresco na cidade que já foi palco de muitos eventos culturais.

Do pai, Manoel Carlos Karam herdou o humor peculiar e a paixão pela comunicação. Aos 19 anos, deixou a cidade natal para estudar jornalismo em Curitiba. Viveu na capital paranaense até a sua morte, em 1º de dezembro de 2007.

Karam escreveu dezenas de peças, e dirigiu algumas marcantes, como *O avião parte às 5*, *Urubu*, *Esquina de 7 de setembro com 31 de março* e *Doce Primavera*, que estrearam nos palcos curitibanos. Esteve na década de 1970 à frente do Grupo Margem, e a partir dos anos 1980 dedicou-se aos livros.

Em vida, Karam publicou *Sexta-feira da semana passada* (1972), *Fontes murmurantes* (1985), *A cidade sem mar* (1989), *O impostor no baile de máscaras* (1992), *Cebola* (1996 – vencedor do Prêmio Cruz e Souza de Literatura no ano seguinte), *Comendo bolacha maria no dia de são nunca* (1999), *Pescoço ladeado por parafusos* (2001), *Encrenca* (2002) e *Sujeito oculto* (2004). A maioria desses livros foi reeditada pela Kafka edições

e pela Arte & Letra, duas das principais editoras independentes paranaenses. E também saíram os póstumos *Jornal da guerra contra os taedos* (2008), *Algum tempo depois* (2014), *Meia dúzia de criaturas gritando no palco* (2014), *Godot é uma árvore* (2016) e *Um milhão de velas apagadas* (2016).

Karam já foi tema da Feira do Livro de Rio do Sul e do projeto *Identidade da Escrita*, promovidos pela Fundação Cultural de Rio do Sul. Algumas de suas obras estão disponíveis na Biblioteca Pública Municipal da cidade, que também já sediou a exposição *OK- Ocupação Karam*, realizada pela Design Produções.

I Edição
Categoria Única
Ensino Médio

A adaga do destino

Jamile Ramos

1º Lugar

Acordei com a claridade do sol ultrapassando as cortinas do meu quarto. Demorei para despertar totalmente, mas logo recordei o caso que surgiu no término do meu expediente na noite passada. Um garoto de aproximadamente 19 anos foi encontrado sem vida próximo ao fim da praia. A causa da morte não foi identificada, o corpo se encontrava intacto, não havia nenhuma marca de estrangulamento nem de tiros, a única coisa que tínhamos para resolver este caso era uma tatuagem no dorso da sua mão esquerda, parecia-se com asas. Despertei-me dos pensamentos com o toque do meu celular. Era John Dexter, o outro detetive do departamento que me ajudava com as ocorrências.

– Bom dia, o que aconteceu?

– Lembra o caso da noite passada? Ocorreu mais uma morte semelhante nesta madrugada, e adivinha: o sujeito apresentava a mesma tatuagem, no mesmo local.

– Será que eles faziam parte de algum clube secreto ou algo assim, e usavam tatuagens similares para se identificarem?

– Acredito que não.

– E onde ocorreu a morte desta vez?

– Na mesma região onde foi encontrado o primeiro cadáver.

– Vou agora mesmo para a delegacia investigar melhor, te encontro lá.

Desliguei o telefone, levantei da cama e me arrumei como de costume. Coloquei um mantô preto e calças jeans, amarrei meu cabelo num rabo de cavalo, dei uma rápida olhada no espelho e observei meu reflexo. Meu cabelo castanho, longo e com pequenas ondulações dava contraste a meus olhos verdes. Desviei o olhar, peguei as chaves do meu carro e fui encarar mais um dia de trabalho no departamento de investigações.

Minha casa localizava-se em New Castle, no Norte dos Estados Unidos, em frente à praia. Meu trabalho ficava a menos de 4 quilômetros de onde eu moro.

Cheguei na delegacia e fui direto para minha sala que ficava à direita do elevador central, no final do corredor. Em cima da minha mesa, em frente à janela do centro, havia uma pilha de papéis de casos para resolver e meu computador, no qual logo percebi que havia vários e-mails não lidos de um único remetente. Em todas as mensagens o sujeito suplicava para que eu o encontrasse daqui a duas horas, alegando que possuía respostas para os últimos acontecimentos. Olhei para meu relógio de pulso e percebi que já estava quase atrasada, peguei meu celular e pedi para John me acompanhar até a praia, local onde o rapaz gostaria de se encontrar comigo.

– Alyssa, você acredita mesmo que aquele cara terá respostas? – Falou John, enquanto fitava o horizonte.

– Só saberemos se irmos, não é? – Dei um cutucão em seu braço, sinalizando para me seguir, assim que vi o rapaz na beira mar.

Atravessamos a longa faixa de areia e logo dei de cara com um jovem alto de cabelos lisos e pretos, quando ele se virou, notei seus olhos azuis, tão azuis quanto o mar à nossa frente e, quando ele falou e sua voz serena e ao mesmo tempo firme e segura chegou aos meus ouvidos, tive a sensação de que havia um anjo na minha frente.

– Olá, detetive Alyssa, detetive John. Eu me chamo Edward Smith, prazer em conhecê-los – falou, olhando atentamente para cada um, sorrindo, e nos estendeu a mão para cumprimentá-lo.

– Oi – disse John, retribuindo, meio mal-humorado.

– Olá. Então, o que você tem a nos dizer? – Perguntei impaciente e logo em seguida olhei para John, um homem já perto dos quarenta anos, mas que não aparentava tanto; seus cabelos e olhos eram castanhos, suas feições no momento não eram das melhores, parecia que estava incomodado com a presença do rapaz à nossa frente.

– Na verdade, não tenho respostas, foi só um meio de atraí-los...

– Como você se atreve a nos tratar deste modo? Poderia ser preso neste exato momento...

– Acalme-se, John. Vamos deixar ele se explicar. –
Falei olhando para ele e depois para Edward. –
Prossiga.

– Obrigado, detetive... como eu vinha dizendo,
observei vocês trabalhando no caso na noite passada e
os induzi até mim para pedir que esqueçam esses
últimos ocorridos, porque... digamos que é algo do
qual não conseguiriam dar conta.

– Como assim, não conseguiríamos dar conta?
Explique-se! – Indaguei, desconfiada.

– Se você sabe de algo, não esconda. Você tem
noção do quanto as famílias dessas vítimas sofrem? –
Disse John, pressionando Edward.

– Ah, se sei, pelo visto meu pai não tem muita
piedade quando se trata de recuperar o que
supostamente é dele.

– Seu pai? Recuperar o que é dele? Edward, o
que você está querendo dizer com isso? – Perguntei
alarmada.

– Como eu disse anteriormente, vocês não
dariam conta, mas posso ajudá-los, o que acham?

Olhei para John em busca de auxílio, mas ele
não notou.

– Acho que não será necessário. Tenha um
bom dia. – Dei as costas imediatamente para Edward
e no instante seguinte John já estava me
acompanhando.

Caminhamos até o calçadão da praia sem
pronunciar nada. Meus pensamentos estavam a mil,
refletindo sobre o que o indivíduo acabara de nos

dizer. Ele falou sobre o pai, que estava em busca do que era seu. Provavelmente era algo muito valioso para fazer o próprio filho se expor à polícia e dizer para negligenciar os fatos ocorridos, mas isso não explica o fato de tirar a vida de pessoas inocentes para recuperar o seu pertence. Havia algo muito errado nesta história que precisava ser resolvido o quanto antes, nem que eu tivesse que resolver sozinha. Sabia que seria perda de tempo vir até aqui – desabafou John.

– Foi só eu, ou você também achou esse moço muito suspeito?

– Creio que ele não possa ter algo a ver com esses crimes, mas com certeza ele sabe de alguma coisa e não quer nos dizer.

Quando voltamos para o departamento de polícia, fui direto para a minha sala. Revisei ocorrências anteriores e dei entrada em novas. Não muito tempo depois de começar, escutei alguém batendo na porta.

– Entre! – Assim que falei, a porta se abriu e percebi que era Robert, um dos policiais mais velhos da delegacia. Seus cabelos eram brancos como a neve e seus olhos eram cor de mel. – Ah, olá, há quanto tempo não o vejo... – esbocei um sorriso.

– Olá, detetive Jones. – Como sempre, ele era muito educado comigo e para mim era como se fosse meu segundo pai, apesar de eu ter perdido o meu com apenas cinco anos de idade. Mas um sorriso meio preocupado surgiu em sua face, fiquei apreensiva.

– Sente-se - falei fazendo um gesto para que se sentasse na cadeira em frente à minha mesa. – O que houve? Parece preocupado...

– E não é para menos. Fiquei sabendo das mortes que ocorreram nesta madrugada e tenho algo muito sério a lhe dizer sobre isso.

– Pois conte-me - já estava temendo com o que ele tinha a me dizer, suas feições pareciam cada vez mais assustadas.

– Não sei se já sabe, mas eu já fui um detetive assim como você. Inclusive, cheguei a trabalhar em algumas investigações com seu pai, ele era sempre muito bom no que fazia e não desistia facilmente, e, como podemos ver, você herdou isso dele - um simplório sorriso se estampou em seu rosto e não pude deixar de fazer o mesmo. - Na minha época, também ocorreram mortes idênticas às que estão ocorrendo neste momento. Além do mais, os falecidos possuíam as mesmas marcas de asas que os de agora. Eu e seu pai estávamos trabalhando juntos nesses casos no dia em que ele morreu, e eu acabei vendo uma coisa esquisita acontecer no momento da morte dele. Algo como...

BAM! A porta se abriu de maneira repentina.

– Alyssa, precisamos de você imediatamente no setor de pesquisas! Descobrimos algo que pode nos ajudar - era John. Ele estava atônito, devia ser muito sério.

– Pode deixar, estou a caminho. – falei olhando para John, e depois para Robert. – Continuamos nossa conversa outra hora, pode ser?

– Ah claro, sem problemas – respondeu apreensivo.

Saí fechando a porta atrás de mim e segui John. Passamos pelo elevador central e à esquerda subimos a escada e entramos na segunda porta à direita. O setor de pesquisas era extenso. Diversas estantes com materiais de análises estavam rente às paredes e cinco mesas longas estavam dispostas ao centro. Na última, ao fim da sala, encontrava-se uma de nossas cientistas forenses, que é encarregada das provas. Pelo que pude perceber, ela segurava em suas mãos um tipo de... pena? Mas que diabos isso tinha a ver com as ocorrências? Só podiam estar ficando loucos. Caminhei até o local em que ela se encontrava e visualizei melhor aquilo.

– O que me diz sobre isso? – Indaguei, atônita.

– Bom, fiz algumas análises e não consegui achar nenhum animal de penas brancas que seria compatível com esta aqui – finalizou apontando para a coisa comprida e estreita em minhas mãos.

– Ainda não entendi onde quer chegar, continue, por favor. – Já estava ficando impaciente com aquela situação, e eu tinha coisas mais importantes para fazer do que questionar sobre uma pena, que certamente não nos levaria a nada.

– O negócio é o seguinte, você pode até nos chamar de loucos, sei que vai ser difícil engolir essa, mas pensamos que pode ser de algum tipo de ser sobrenatural que está intervindo em nosso mundo – interveio John na defensiva –, tipo anjos...

– O QUÊ?! De onde vocês tiraram essa loucura? – Só podiam estar de zoação com a minha cara. Olhei para a cientista, e depois pra John. – Sério que até você vai cair nessa?

– Nossas probabilidades de encontrar o suspeito são mínimas no momento, não custa nada acred...

– Mas que diabos está acontecendo neste departamento hoje? Primeiro o Robert aparece querendo me dizer algo importante sobre as mortes, e depois vocês dois com essa história maluca de anjos. Sinceramente, hoje não está dando para trabalhar direito com vocês.

– Escute, Alyssa, tente dar uma chance, não é à toa que a Charlotte é uma de nossas melhores cientistas – implorou John olhando para mim –, você sabe o quão experiente ela é no que faz. – Fiquei olhando para ele pensativa.

– Você poderia vir comigo para averiguar o local das mortes? – Eu tinha um plano, que seria encontrar novas evidências e comprovar para John que essa pena não poderia nos ajudar com nada e que esse negócio de anjos era coisa de sua imaginação. Só precisaria que ele aceitasse.

– Huum, não sei. Você está com cara de segundas intenções – ele falou enquanto fazia uma cara de desconfiado e deixando escapar um sorriso. Como ele poderia saber, será que estava tão na cara? Sempre fui boa em esconder minhas feições.

– Seu bobo, vamos logo – soltei uma gargalhada e dei um tapinha em seu ombro. Peguei a chave de uma das viaturas com a recepcionista, o Ford Interceptor, um veículo propriamente modificado para a polícia, contando com alta potência, sistemas de segurança para o policial e blindagem fortificada.

Andamos até o estacionamento e entramos no carro, dei a ré e saímos pelo portão. Peguei a saída e conduzi em direção ao leste. Como a delegacia ficava no centro da cidade, não demoraria para chegarmos ao destino. Em New Castle havia um rio que dividia a cidade ao meio e desembocava na beira-mar. Em seguida atravessamos a ponte e finalmente chegamos ao canto da praia onde ocorreram as mortes. Tudo estava um caos. Outros policiais continuavam no local. Na parte onde eles se encontravam havia faixas amarelas ao redor, pois era onde estava o corpo de uma das vítimas. Caminhei em direção a eles, passei por baixo da faixa e olhei para o cadáver e depois para um dos policiais.

– Descobriram mais alguma coisa, algum pertence, arma do crime? – Indaguei.

– Infelizmente não foi encontrado nada além daquela pena.

Não podia ser, tinha que haver mais alguma pista.

– Obrigada. Vou dar mais uma revistada no local.

Saí da área com as faixas e comecei a olhar em volta. A maior parte ao redor era composta por árvores de todos os tamanhos e formas. Onde nos encontrávamos era uma área mais aberta. Logo à frente na areia havia um paredão de pedras que se estendia por alguns metros ao oposto da beira-mar, fixei os olhos por uns instantes, parecia que algo me atraía para lá, mas não dei bola. Só podia ser coisa da minha cabeça por causa dessas confusões malucas.

Voltei a procurar pistas, caminhei por toda a área e não encontrei nada. Isso estava ficando cada vez mais estranho, não havia provas em lugar algum. O assassino não podia ser tão experiente assim para não deixar vestígios. A não ser que...

meus Eu estava tão concentrada em pensamentos que não percebi que havia chegado onde se encontrava o corpo da outra vítima, quando algo me chamou a atenção pelo canto dos meus olhos. Era um brilho estonteante. Acabei desviando meu caminho e fui até o objeto que estava introduzido em meio às pedras. Era um anel. Ele era feito de ouro, bastante reluzente, ao olhar bem de perto percebi alguns arabescos que brilhavam em um tom de dourado mais claro. Como poderia servir de evidência não toquei nele e chamei a Charlotte, que já havia chegado ao local.

Junto com ela veio John, achei muito bom, pois assim ele veria que aquela pena não servia para nada e isso significaria que meu plano daria certo.

– Vasculhei a área e encontrei isso – informei a eles e aponte para o objeto reluzente. Depois, olhei para Charlotte. – Leve-o, faça o que deve ser feito e veja se possui digitais nele o quanto antes, por favor.

– Claro, vou agora mesmo – falando isso ela se retirou, me deixando com John a sós.

– Você está indo bem, mas isso não quer dizer que seu plano será concluído – ele deu uma risada.

– Plano? eu? John, de onde você tira essas coisas? – Não sei como ele descobriu, não falei nada a ninguém.

– Você sempre tem uma carta na manga quando se trata de comprovar alguma coisa e dessa vez não foi diferente, sabia desde o início. Apesar dos seus vinte e seis anos, você não me engana. – Deixou escapar outra risada.

– Assim não vale, poderia ter deixado eu concluir o plano para poder jogar na sua cara depois.

– Podemos fingir que não sei ent... – foi interrompido por uma voz que surgiu atrás de nós.

– Detetives, desculpe interromper deste jeito, mas peço a vocês que não levem aquele anel e muito menos que toquem nele.

Antes mesmo de me virar, identifiquei quem era. Edward.

– Por quê? E o que você tem a ver com isso, moleque? – Perguntou John, impaciente.

– Só estou querendo ajudar vocês, mantendo-os longe dessas... dessas...

– Gaguejando para falar algo não é bom sinal, sabia? Pare de esconder o que sabe e nos diga logo – interrompeu John, começando a enfurecer.

– Já chega. Se você está tão preocupado em nos manter longe do que está acontecendo com essas vítimas, nos ajude a resolver isso de uma vez já que você tanto quer – desabafei, não aguentava mais aquele cara se intrometendo. Pelo visto não desistiria tão cedo, assim, esperava que ele nos deixasse em paz

~~O quanto antes~~
– Obrigado, serei de grande utilidade, vocês verão – esboçou um sorriso, estendeu a mão e saiu. Ficamos vendo-o se distanciar e, ao entrar em seu carro, me volvei para John. – Muito cara de pau, oferece ajuda e depois sai com se fosse nada.

– Duvido que ele vá ajudar, não é do feitio dele – falou John.

– Bom, já vou indo, está escurecendo – despedi-me.

– Também já vou, tchau.
Chegando em casa larguei minhas coisas na mesinha ao lado da entrada e subi as escadas que levavam ao segundo andar, ela ficava rente com a parede da porta. Entrei no meu quarto, à direita, e fui para o banheiro tomar uma ducha bem quente.

Como eu morava sozinha, tudo ficava em silêncio à noite. Então peguei um livro e sentei na sacada do meu quarto que ficava bem em frente à

praia. Adorava ler com o barulho das ondas quebrando no mar, aproveitava cada segundo, porque não era sempre que eu tinha esses momentos de sossego. O dia tinha sido tão longo e cansativo que acabei adormecendo ali mesmo.

Passava da meia-noite quando acordei e olhei para o horizonte. Alguns segundos depois, notei diversas luzes no canto da praia, onde estive na última tarde. Fiquei assustada no mesmo instante, mas logo me dei conta que devia ser alguns adolescentes festejando, então levantei e fui para a minha cama.

Despertei, e um cansaço tomou conta de mim.

Como eu gostaria de permanecer na cama, mas, infelizmente, o trabalho me esperava. Levantei e preparei um café da manhã bem reforçado, troquei de roupa e fui trabalhar.

Ao chegar na delegacia avancei em direção à minha sala, mas fui abordada por Robert.

– Bom dia, Alyssa. Podemos continuar nossa conversa? – Interrogou.

– Ah, claro – fiquei tão ocupada no dia anterior que tampouco lembrei da nossa conversa interrompida –, vamos até a minha sala.

e Caminhamos um pequeno percurso chegamos, destranquei a porta e fiz um gesto para que se sentasse, ao mesmo tempo em que fui para a minha cadeira.

– O que você tem a me dizer? – comecei.

– Bom, vou direto ao ponto. O que eu vi foram anjos. Não me recordo onde, era noite, eu e seu pai,

~~resolver imediatamente, aquilo que eu queria~~ Mas, por desventura, ele saiu de perto de mim e foi investigar sozinho. Quando o encontrei, estava morto, e ao longe no céu avistei um par de asas enormes. Fiquei incrédulo e assustado, mal tive tempo de correr até ele quando outro anjo apareceu ao meu encalço. Ele me mandou ficar de boca fechada ou então a população da cidade inteira, bem como minha família, sofreria as devidas consequências. Como eu não fazia ideia de que quais eram, sabendo que coisa boa não seria, escondi isso de

todo mundo. Quando ele saiu, fui até seu pai. Assim que olhei para as mãos dele, percebi que havia uma marca de asas como as vítimas do caso que estávamos tentando resolver. Ainda venho me atormentando com isso desde aquele dia.

– Sinceramente, não sei o que pensar sobre isso. Depois de tantos anos depois da morte dele você vem justo agora me contar sobre isso, e ainda coloca anjos no meio? – Estava difícil de engolir esta história. Por que estava escutando tanto sobre anjos ultimamente?

– Escute, sei que você está zangada, mas eu não poderia duvidar desses seres e ainda colocar todo mundo em perigo por minha causa.

– Tudo bem. Creio que isso não é a única coisa que tem a dizer, então continue.

– Como eu disse, não é de agora que vêm ocorrendo essas mortes estranhas, tenho registros desde quando esta cidade foi fundada. Nas descrições

de todos está a causa das mortes, e continuam as mesmas até hoje. Diversos detetives tentaram resolver este enigma que há muitos anos assombra New Castle, mas nunca conseguiram nada, e muitos morreram no processo. Acredito que somente eu sei o que é, mas não faço ideia do objetivo deles.

– E por que não nos informou antes? – Era o terceiro que me vinha com essa história de anjos, e um deles era Robert. Ele não seria capaz de inventar uma coisa tão séria. Resolvi dar uma chance.

– Estava esperando a pessoa e o momento certo, pois não seria qualquer um que acreditaria em algo desse tipo. Ainda mais vindo de um velhote como eu. Mas se você quiser me ajudar a enfrentar esses seres, tenho todos os registros com as mortes parecidas à disposição. – falando isso ele apontou para umas caixas de papelão em um canto à sua direita. – Sei que você é persistente e me ajudaria. Por isso já adiantei e pedi para que trouxessem até aqui.

– Ajudarei, com certeza – afirmei e comecei a levantar para ir até as caixas –, pode me ajudar a levá-las até a minha sala de pesquisas?

– Claro – ao dizer, já começou a andar em minha direção. Entreguei-lhe as outras duas caixas de um total de quatro.

Ao oposto das caixas estava situada a outra sala. Destranquei a porta e ao entrar acendi as luzes e coloquei as caixas em cima da mesa que se encontrava ao centro. Robert fez o mesmo. Era uma área bem

menor que a sala principal, mas era o melhor lugar para não sermos interrompidos.

Tiramos os papéis das caixas e os organizamos em ordem cronológica. Começamos com o primeiro registro, ano de 1853, até os dias de hoje. A primeira morte ocorreu próximo à ponte, a segunda mais adiante, e várias aos arredores da beira-mar. No ano seguinte ocorreram algumas ao oeste da cidade e diversas ao fim da praia. Nos próximos anos a quantidade de crimes aproximadamente as mesmas. Em 1985 houve o maior pico de vítimas. Algumas foram desconsideradas, pois alguns não possuíam as tatuagens de asas ou a causa da morte era definida. O tempo atual era o momento em que menos havia vítimas. Dentre todos os anos, morreram mais de cinquenta detetives, entre eles o meu pai. Precisaria enfrentar essas criaturas por ele, nem que eu tivesse que morrer também.

A cada uma das mortes íamos sinalizando a localidade no mapa da cidade. Durou pouco mais de uma hora para examinarmos todos os laudos, até que chegamos a uma conclusão.

– Veja só isto – aponte para o mapa –, a maioria das mortes ocorreram ao fim da praia, onde estive ontem. Não é por acaso. Acho que achamos onde está o objetivo deles, só falta descobrir o que é que estão tentando resgatar.

– Precisamos ir agora mesmo até lá para ver se encontramos algo.

– Certo. Vou chamar o John para ir conosco, explicamos tudo para ele no caminho. Te encontro na viatura.

Saí da sala em busca do John. Por sorte o encontrei a alguns metros da minha sala.

– John, venha comigo, é urgente.

– O que aconteceu? Descobriu algo? –

Indagou.

– Certamente. Eu e Robert conseguimos encontrar diversas informações relevantes e estamos indo novamente para o fim da praia. Creio que deixamos escapar alguma coisa no dia anterior. Mas antes vou passar no setor de pesquisas para falar com a Charlotte sobre o anel. Robert está na viatura, vá até ele.

Atravessei o corredor, subi as escadas e entrei na segunda porta à direita. Ela estava logo na primeira mesa.

– Descobriu algo sobre o anel?

– Infelizmente nada. Não havia digitais recentes e nem marcas que poderiam diagnosticadas como arma do crime.

– Posso levá-lo comigo?

– Claro – peguei-o de sua mão e coloquei no bolso do meu casaco.

– Obrigada – agradei e logo saí, pois John e Robert me aguardavam.

Cheguei na viatura e lá estavam eles, conforme o combinado. Entramos e fomos para o leste. Eu estava dirigindo, John ao meu lado e Robert atrás.

- Alguém pode me dizer o que descobriram?
- Perguntou John, já ficando impaciente.
- Há algumas horas atrás informei para Alyssa o que eu sabia sobre as mortes. Desde o início desta cidade ocorrem essas mortes. Então depois fizemos uma comparação entre todas elas – explicou Robert.
- Você estava certo, John. Você e Charlotte. Realmente são anjos que estão causando essas fatalidades – Olhei para ele depois novamente para a estrada.
- Resolveu admitir que eu estava certo e agora está indo atrás de... anjos, Alyssa. É isso mesmo? – Falando isso, deu uma risada.
- Estou indo pelo meu pai. Robert me contou que estava junto com ele no dia de sua morte e viu que uns anjos estavam aos arredores dele.
- E então, o que descobriram com as comparações? – Perguntou John.
- Ao final, a maioria das vítimas foram localizadas ao fim da praia. Assim, desconfiamos que tem algo lá que eles podem estar procurando – respondeu Robert.
- Chegamos no canto da praia. Não havia mais ninguém investigando, somente algumas faixas amarelas onde a primeira vítima se encontrava. Descemos do carro e começamos a procurar em busca de pistas.
- Deixei John e Robert ali no início e fui sozinha averiguar mais para trás. Enquanto caminhava fiquei

de olho para ver se encontrava algo relevante, mas não havia. Aos poucos fui chegando onde estava a segunda vítima no dia anterior. Continuei sem encontrar nada.

Conforme adentrava, o mato se tornava mais denso e mais alto ao meu redor. Quando empurrei os próximos, vi em minha frente alguns capins amassados. Aproximei-me e, quando olhei, tomei um susto. Era mais uma vítima. Em sua mão também havia uma tatuagem de asas. Olhei nos outros capins amassados e havia mais mortos. Fiquei atônita.

Continuei caminhando e as vítimas só aumentavam. Segui os rastros de corpos e quando me dei conta já estava quase chegando na divisa de municípios, mas antes havia um pequeno vilarejo, que eu nem sabia de sua existência. A trilha de corpos se iniciava ali mesmo, na entrada. Me aproximei. De repente avistei um par de asas brancas enormes. Mais adiante vi mais uma, logo outra e foram aparecendo mais. Neste momento estava com as mãos no bolso do casaco e levei uma delas até a boca simulando espanto. Eram anjos e realmente existiam. Saí dali correndo sem olhar para trás.

Quando cheguei novamente à beira mar não encontrei nem o John, nem o Robert, até olhar na areia, perto das pedras. Os dois estavam fazendo força tentando tirar uma delas. Só podiam estar enlouquecendo. Ou eu. Fui até eles e perguntei.

— O que estão fazendo?

– Estávamos investigando o local e não achávamos nada. Quase desistimos, até que o Robert identificou uma caverna aqui e após analisar algum tempo descobrimos a entrada – apontou para a pedra no qual estavam empurrando a uns instantes atrás –, achamos que pode ter algo escondido ali dentro.

– Vamos tentar abrir isso aí depois, tenho algo mais urgente. Eu estava caminhando em busca de pistas até que encontrei uns matos amassados e depois vários outros, olhei de perto e eram todas vítimas. Segui o rastro dos corpos e cheguei num vilarejo de anjos aqui perto, onde começava a trilha de mortos.

– Vilarejo de anjos? Nos leve até lá – pediu Robert.

– Claro, venham.

Largaram a pedra e começaram a me seguir.

Refiz o caminho. Quando chegamos onde avistei o primeiro corpo, John exclamou:

– Caramba, isso é muito esquisito.

– Isso porque você ainda não viu até onde vai.

Continuamos a seguir a trilha de corpos quando avistei logo à frente o vilarejo novamente.

– É logo ali na frente – apontei na direção em que se localizava.

– Onde? – perguntou John. Parei para nos manter em uma distância segura e não sermos vistos.

– Pare de brincadeira John, isso é sério – estava ficando impaciente. Por que diabos estava dizendo que não via nada?

– Alyssa, desculpe-me, mas também não estou vendo nada.

– O QUÊ? Parem de zoeira! – Será que eu estava ficando doida e vendo coisas?

– É sério. Não há nada além de mato e mais mato – informou John.

– Gente, vejam só – aponte para um dos anjos –, ele estava olhando para cá. Me digam que vocês viram.

– Infelizmente não. Venha, vamos tentar abrir a caverna e depois disso você poderá tirar uns dias de folga. Pelo visto, está precisando – disse John, e eles começaram a deixar o local.

Fiquei parada uns instantes absorvendo tudo o que ele havia falado. Além de tudo ainda estava me chamando de maluca indiretamente. Estava tudo tão nítido à nossa frente, eles não enxergavam e ainda a louca era eu, fiquei indignada.

Não tive escolha senão deixar o local. Alcancei-os quando já estávamos na metade do caminho. Continuamos caminhando até chegarmos novamente no início.

John e Robert, que estavam um pouco mais à frente, se dirigiram para abrir a caverna. Me juntei a eles. Depois de muita força e alguns minutos, conseguimos.

– Vamos – chamei.

Ao entrarmos estava um breu, o que já era de se esperar. Somente a entrada recebia alguns feixes de luzes. Peguei meu celular e liguei a lanterna. John e

Robert fizeram o mesmo. O local todo de pedra deixava um tom mais sombrio ali dentro. Quando aponteí o celular para a frente, percebi um caminho bifurcado.

– E agora, para onde vamos? – perguntou Robert.

– Vamos pelo direito, o que acham? – questionou John.

– Por mim pode ser – falei.

Entramos no caminho da direita e seguíamos adiante. Íamos andando e não tinha mais fim aquele caminho.

– Gente, vamos voltar? Tentar o outro, talvez – perguntei.

– Não. Caminhos mais longos tendem a levar ao local certo – falou Robert.

Assim sendo, continuamos. Como dito por Robert, chegamos a um local mais aberto.

Caminhamos mais à frente e acabei esbarrando em algo.

– John, Robert, olhem isso – aponteí a lanterna do celular para vermos melhor. Havia um objeto em cima de um pedestal.

Os dois vieram em minha direção e ficaram abismados com o que viram, assim como eu. Era uma adaga. Observei melhor seus detalhes. Ela era preta e curvilínea, onde segurava-se havia um detalhe luminoso em azul no meio e em volta uns arabescos minúsculos que também brilhavam.

– PAREM! Não deem mais nenhum passo! – Olhei para trás e identifiquei quem era. Edward, mais uma vez.

– Como você chegou até aqui? – Perguntei. Por que essa criatura tinha que sempre aparecer em momentos importantes?

– Olha só até onde vocês, humanos, chegaram. – apontou para a adaga. – Não tenho outra escolha senão contar tudo a vocês.

– Lá vem você de novo com seus mistérios. Pare de atrapalhar a polícia em seu trabalho e saia já daqui, é o mínimo que você pode fazer – enfureceu-se John.

– Não. Ouçam o que tenho a dizer. Vou explicar tudo sobre o que tem ocorrido com vocês ultimamente – olhei para John e Robert na tentativa de entender o que Edward queria dizer. – Para vocês entenderem melhor, primeiramente preciso revelar quem eu sou...

– Você é um cretino, que vive se intrometendo onde não é chamado – interveio John.

– Acalme-se. Deixe-o continuar – falei.

– Como eu vinha dizendo, eu sou um semideus. Filho do Deus Hibidus. Venho observando vocês e suas ações ultimamente.

– O semideus? Você está maluco, é? – Vociferou John.

– Pare, Edward. Suas loucuras estão indo longe demais. Saia já daqui! – Falei.

– É isso mesmo que vocês ouviram. E vou continuar aqui e explicar tudo, vocês querendo ou não. Alyssa, você encontrou um anel não, é? – Peguei ele, que estava no bolso do meu casaco – Como vi, você descobriu o que ele faz.

– Certamente que não.

– Descobriu. Eu mesmo presenciei a cena.

Você visualizou uma parte da vila angelical, ao mesmo tempo em que John e Robert não viram nada. Você não estava ficando louca – olhei pelo canto de olho para John –, isso aconteceu devido ao anel em sua mão. Ele foi perdido por um dos anjos que moravam lá, somente com ele o vilarejo pode ser visto, pois ele é protegido por uma magia divina. E precisa estar em contato com a pele para visualizar a vila. – Lembrei de quando eu estava com a mão no bolso em que estava o anel, no momento em que vi tudo. – Fora daquela área, ele não possui utilidade alguma, é como se fosse uma chave de portal.

– Isso é loucura – falei.

– Quanto as mortes, são eles mesmos que estão causando todo esse caos, assim como vocês já sabem. Eles são anjos que caíram por escolha de meu pai para recuperar a Adaga do Destino para ele – olhei para o objeto ao nosso lado –, mas eles se revoltaram por esta escolha e agora a querem para tornar a raça deles superior à de vocês, humanos, e torná-los escravos. Os anjos usaram-na para tentar matar meu pai, o Deus Hibidus. Ela foi banhada pelo seu sangue, assim, acaba protegendo os humanos, e somente eles

podem tocá-la. Os anjos não conseguem, pois a adaga sente a presença de forças malignas e pode mata-los. Sendo assim, eles possuem os humanos para chegar até esta adaga, mas como o corpo humano é muito frágil para suportar suas almas malignas, eles acabam morrendo, e assim eles invadem diversos humanos na tentativa de algum deles suportar chegar até aqui.

– E o que são aquelas tatuagens em forma de asas em suas mãos? – Perguntei. Com tudo o que vi, não duvido de mais nada sobre o que ele diz.

– Não são tatuagens, são marcas. Cada corpo que possuem deixam-na para sinalizar suas vítimas, como também é um tipo de aviso de que eles estão no comando de tudo. Eles só invadem os corpos à noite para não serem notados e terem suas asas vistas, mas os coitados não se tocam que os corpos brilham quando estão sendo possuídos, podendo ser pegos por humanos.

– Ontem à noite quando me acordei visualizei diversas luzes por essa área, então era isso. Estavam invadindo os corpos e deixaram aquela trilha enorme que presenciamos anteriormente – fiquei abismada com tudo isso que acabei presenciando sem me dar conta do que era.

– Como você é um semideus, por que já não deu basta nisso tudo? Você não é superior a eles? – indagou John, aflito.

– Como eles, eu também não posso tocá-la. Por isso estou aqui, para ajudar vocês a destruir esta relíquia e acabar com tudo iss...

– EU AVISEI, ROBERT. – Todos nós olhamos para trás. Era um dos anjos caídos, devia ser aquele que Robert me contou – Avisei que era pra ter ficado quieto! – Ele foi se aproximando de Robert, colocou suas mãos na fonte de sua cabeça, fechou olhos e murmurou algumas palavras. Percebi que começaram a sair algumas faíscas do anjo, um brilho muito forte.

– PARE! O CHOQUE SUPREMO NÃO! –

Gritou Edward apavorado.

Fiquei espantada quando Robert fechou os olhos e começou a se desprender do anjo. Ele caiu no chão como uma pedra. Me abaixei, toquei seu rosto, estava gelado. Tinha morrido. Minhas lágrimas começaram a descer no mesmo instante em que John se abaixou ao meu lado.

– Não acredito – falei em meio às lágrimas –, ele era uma pessoa tão boa, só queria nos ajudar.

– Fique calma, vai ficar tudo bem. – Falando isso, ele me abraçou, e as lágrimas foram aos poucos cessando. – Vou garantir que ele tenha um lugar especial no céu. Mas agora preciso da ajuda de vocês para destruir essa adaga. Pois, com ela destruída, todas os seres sobrenaturais malignos que moram na terra também serão.

– Obrigada, no fundo você tem um bom coração – admiti com um sorriso.

– Venha – seguiu-o até onde estava a adaga –, o processo será um pouco doloroso. Preciso que seja você, pois ela somente é destruída com o sangue de um humano que perdeu algum familiar nesta

situação. Ele atuará como um combustível para destruí-la.

- Enfrento qualquer coisa pelo meu pai.
- Pegue a adaga e faça um corte no seu pulso.

Depois, deixe o resto comigo.

Fiz o que ele me indicou. Ao tocar na adaga, senti uma leve vibração em todo o meu corpo. Olhei para John, ele assentiu para continuar. Voltei-me para o que estava fazendo, respirei fundo e fiz um pequeno corte no local indicado. Momentos depois, Edward murmurou umas palavras em outra língua que não

pude identificar, e no mesmo instante apareceram

chamas de fogo onde estava meu sangue.

– AAAHHHH PAREM COM ISSO! – Exclamou o anjo que havia matado Robert enquanto se contorcía.

Assustada, larguei-a no chão e conforme queimava, era destruída aos poucos. Junto com ela, o anjo também desapareceu. Para sempre, como todos os outros.

Deus na Natureza
Karine Giovana Chaves Neumann
2º Lugar

Nas inquietudes e atormentações das ruas,
Na mansitude e aconchego do lar,
Nas eternas indagações de nosso "eu pensador"
Sobre a vida, a dor, sobre o Universo e seu esplendor,
Em meio a tantas dores e aflições na escuridão da
ignorância,
Revelando no ser humano sua destruidora
arrogância,
Na alegria de um amor correspondido
Ou na tristeza de outro frustrado,
Encontrando-se na solidão, admirando o majestoso
céu estrelado, Temos procurado Deus. A natureza foi
quem nele demonstrou,
Em um caráter singular, sua força interior enfim se
revelou.
O sopro de uma grande revolução passou sob nossas
cabeças,
Deitando por terra nossas antigas crenças
O mundo já não é mais o Vale de Lágrimas medieval,
Pois sempre surge a bonança depois do vendaval,
Jamais se viu, com efeito, esse magnífico despertar do
espírito humano. Comprovando ser, na Terra, o ser
vivente parte de um plano.
De encontro, porém, com a incrível virtude de pensar
que nenhuma ilusão fascina. Deixou-se resvalar o
sentimento a níveis tão baixos, jogados na esquina.

Onde se encontram os corações palpitantes de puro amor à verdade? Onde se vale o amor fraterno e não a tão estéril vaidade? Em que alma, perguntemos, ainda reina a fé? A crença sincera seja no que for que nos mantenha de pé? É inegável afirmar que a humanidade evoluiu. Já não aprovamos crimes bárbaros como a guerra, que muito nos destruiu, Já não nos comprazemos com a escravidão, Que deixou no passado, uma grande marca de escuridão.

Já não privamos tanto o poder feminino,
Deixando as mulheres escolherem seu próprio destino,
Já não são tantos os que derramam sangue por um “princípio”
Que espalham o terror e a morte como havia no início,
O que há, no entanto, é uma profunda crise de princípios,
Passageira, uma vez que a história não pode negar seus resquícios.

Fora, porém, do mundanismo rumoroso empolgante, que aliena o virtuoso e exalta o de mente vazia,
Estão aqueles que não se contentam em baixar a fronte diante da hipocrisia.
Estes trabalham na solidão, e se mantêm fortes,
É porque não se atrofiam ao contato das sombras e das mortes,

Mortes essas de valores, de respeito e de consideração à verdade, Que, semelhante ao solo infértil, nada semeiam em realidade. Os que nada temem, porém, conseguem desfrutar dessa preciosa fonte. Traçando, assim, para a humanidade um novo horizonte. Sendo muito incapazes de acordar de seu "profundo sono", não é desejável agradar a todos, E a tantos outros, a quem longe estamos de corresponder aos pendores, sabendo servir esses, da ignorância, meros "engodos"

O que não se pode negar, é que a força é soberana à matéria, Os que se opõem, a esse pensamento, vivem em uma emocional miséria.

Confessemos sem pesar, a honestidade de caráter e a ciência experimental nos levarão a conhecer Deus na natureza.

E este, ressaltando-se entre os escombros do orgulho, nos revelará sua inesgotável grandeza.

O Coma
Ane Cristine Crispim
3º Lugar

- Max? - Chamou Sarah, confusa e perdida. Ela não sabia onde estava, tinha a sensação de conhecer o lugar, mas não conseguia atribuir a ele uma localização específica. Estava escuro. As árvores ao seu redor lhe permitiam respirar ar puro, como há tempos não havia provado, e que lhe trazia uma sensação maravilhosa de liberdade.

Sob seus pés, o asfalto encontrava-se gelado. Como estava descalça, ela podia sentir sua aspereza, que fazia cócegas na pele de sua sola, mas aquilo, por mais peculiar, lhe trazia sensações surpreendentes.

- Me chamou, amor? - Disse uma voz atrás de onde Sarah se encontrava. Aquela voz, suave e firme, inconfundível para Sarah. Era Max. Ela se voltou para olhá-lo, deslumbrando-se com a visão que obtinha. Max era lindo, seus cabelos e olhos incrivelmente pretos, o charme de sua postura e a beleza de suas feições, sem mencionar o sorriso que ele trazia nos lábios, malicioso e ao mesmo tempo encantador.

Entretanto, ele estava diferente. Como sempre, vivia surpreendendo-a com suas peculiaridades. Vestia um terno preto, deslumbrante em seu corpo esguio e de tirar o fôlego. Sarah o observava, sem esconder a admiração por vê-lo daquela forma.

- Você também não está nada mal - disse ele, apontando as roupas que Sarah vestia, as quais ela

percebeu apenas naquele momento. A confusão voltou ao seu ser, pois ela não se lembrava de ter colocado aquela roupa. Era um lindo vestido vermelho que descia suavemente até seus pés.

Sarah sentiu-se linda naquele vestido. Ela sorriu e rodopiou. Quando se voltou na direção que estava de de cara com Max, que de repente estava muito próximo dela. Seu coração acelerou, como sempre fazia com sua aproximação. Ela encarou seus profundos olhos negros, que penetraram sua alma e fizeram-na ruborizar.

- Linda, como a noite - disse ele, apontando para o céu estrelado. Sarah desviou os olhos dele para olhar o céu e realmente constatou as estrelas que enfeitavam a vasta escuridão da noite com seu brilho.

- Max, onde estamos? Como viemos parar aqui? - Perguntou Sarah, voltando-se novamente para ele.

- As perguntas serão respondidas depois.

Agora... - disse ele pegando em sua mão - Se me permite, dança comigo?

Sarah olhou para ele, semicerrou os olhos em tom de dúvida, mas enfim cedeu.

- Você é louco - disse ela, permitindo que ele a segurasse para uma dança.

- Ah, Sarah! Se soubesse o que me deixa assim... - Falou, olhando em seus olhos castanhos. Sentindo a forma como seu corpo se arrepiou ao tentar interpretar tais palavras.

Ela estava linda, como sempre. Max sentia uma profunda vontade de beijá-la e esquecer toda a loucura que estava prestes a fazer, mas aquele momento deveria ser perfeito.

- Só não sou mais louco que isso. - Disse, sorrindo e estalando os dedos. Ao fazer uma música começou a tocar. Sarah sorriu, incrédula com o que escutava. A música era Look After You, de uma banda chamada The Fray. “Nossa música”, pensaram ao mesmo tempo, já sabendo dos pensamentos um do outro. Aquela foi a canção da primeira dança dos dois e Sarah não acreditava no que presenciava. Ela olhou para Max e ele sorriu, vendo a descrença em seus olhos.

- Como você fez isso? - Disse ele, tentando imitar a voz de Sarah. Ela riu.

- Essa música parece vir do céu. É maravilhosa - disse ela, encantada, e olhou para ele. - Mas como isso é possível? Bem... Quer saber? Não me importo. Quero apenas que segure em minha cintura e dance comigo.

- É uma honra atender o seu pedido - disse ele. E, assim, os dois começaram a dançar no meio do asfalto, sob as estrelas. Eram únicos no mundo, sentiam-se assim, e naquele momento o coração de Max era todo de Sarah; igualmente, o dela era todo dele também.

A pressão que a mão de Max causava em sua cintura a deixava em completa harmonia. Seu corpo todo era aquecido com a proximidade dele, mas ainda

assim ela sentia que não estavam próximos o suficiente. Queria se fundir a Max, queria cada vez mais aquela sensação de quando estava perto dele, de quando sentia o seu cheiro, o seu toque, a sua presença avassaladora, capaz de deixá-la entorpecida. Era viciante, um vício bom, e Sarah desejava mais dele.

Era tão certo aquele sentimento no coração de ambos. Max era envolvido por todo o amor, por toda a bondade e motivação que aquela garota lhe despertava. Com aquilo, ele sentia que poderia conquistar o mundo.

- Max - disse ela suavemente, causando-lhe um arrepio -, eu sinto... eu... - ele olhou para ela. Por um momento, os dois pararam os movimentos da dança e aquela parada criou a sensação de que o mundo havia congelado, deixando-os ali, presos naquele sentimento. Presos aquele mundo perdido no infinito de sensações que sentiam conectando suas almas.

- Não diga, amor, eu sei - disse ele, encostando a testa na de Sarah. Suas bocas tão próximas. Sarah sentia Max, sentia como ele havia mudado desde quando o havia conhecido. E sentia, no fundo da alma, que ela fora uma das responsáveis por isso.

- Eu preciso dizer. Preciso dizer que te amo. Max, eu amo você. Esse sentimento, ele é...

Max a beijou, um beijo terno e apaixonado, fazendo com que ela se calasse.

- Estou sonhando... - disse ela em meio ao beijo, com um sorriso.

Max sentia que não podia mais continuar com aquilo. Ele se tornaria um covarde se o fizesse e ela merecia mais que aquilo. Sarah deveria ser libertada e ele faria isso por ela. Deveria fazer.

Ela percebeu que uma ínfima lágrima corria pelo rosto de Max, não entendia o porquê. Colocou a mão delicadamente em seu rosto, enxugando a lágrima, fazendo com que Max pegasse em sua mão e a beijasse.

- Ah, amor! Eu sinto tanto que tudo tenha que ser assim. - Falou suavemente, quase em um sussurro.

Sarah despertou. Em meio ao foque e desfoque da visão ela enxergava um teto completamente branco. Ao tentar olhar em volta, procurando localizar-se, sua cabeça latejou.

- Ai, droga! - disse ela levando a mão a testa. Foi quando percebeu fios que a conectavam a uma máquina. Ela olhou a máquina e constatou que acabava de acordar de um coma. Estava no hospital. "Mas o que diabos aconteceu?", perguntou a si mesma.

- Olá, bela adormecida! - Cumprimentou uma voz feminina, que Sarah não havia percebido estar no quarto. Quando tentou identificar quem era, sentiu a cabeça girar, estava tonta, era uma sensação horrível. Ela piscou várias vezes tentando manter-se estável, mas sentia que poderia desmoronar a qualquer momento. Ao focar-se na pessoa parada próxima a

sua maca, conseguiu identificá-la, era Alexia Belchior, a detetive.

- Eu estou tonta, desculpa - disse Sarah, voltando-se para o teto. Sentia que se olhasse o branco do teto a tontura diminuiria.

- Tonta você sempre foi, e sonsa também - disse ela. Como sempre muito agradável, constatou Sarah.

- O que aconteceu? - Perguntou Sarah, completamente desorientada. Ela estava em um sonho com Max. Não, aquilo não podia ter sido um sonho, tinha que ter sido real. Sentiu uma pontada no coração ao constatar que estava mesmo ali, na cama daquele hospital.

- Você estava presa, e depois desmaiou e não acordou mais. É tudo que sei, Vicente poderia lhe contar mais, mas parece que a bela adormecida aqui fala enquanto dorme - disse ela.

- Quê? Vicente? Onde ele está?

- Bem longe daqui, creio eu.

- Por que? Eu preciso vê-lo, eu preciso... - disse Sarah sentindo a tontura tomar conta novamente.

- Você precisa dormir. Só estou aqui para dar cobertura pra Vicente. Agora durma e tente não falar mais nada enquanto faz isso - disse ela ríspidamente, deixando Sarah no quarto sozinha, à deriva em milhares de dúvidas. O que acontecera com Vicente? Ela sentia uma dor profunda no peito ao pensar nele, pois quando pensava, sentia o amor de Max impregnar sua alma, e a culpa por sentir isso a

sufocava. Mas por onde andava Max agora? Acabou adormecendo com esses questionamentos.

Vicente voltara para o hospital, tinha dito que estaria lá para ficar de olho em Sarah. Era dever de seu trabalho e, infelizmente, por mais que tentasse não sentir, era quase uma necessidade de seu coração. Ele sentiu um medo terrível ao vê-la sendo presa. Ficando longe do calor de seus braços, sabia que era inocente, e aquilo já havia sido provado. Quando a viu desmaiada dentro da cela, sentiu-se culpado, sentiu que poderia morrer se algo acontecesse a ela. Ele a amava, droga, e por isso a dor que sentia naquele momento era dilacerante.

Aquelas palavras o assombrariam para o resto da vida. “Max...”, ela repetia esse nome no sonho que tinha em coma. Repetia o nome de outro homem, não podia acreditar que ela, sua Sarah, o traía. “Max, eu amo você”, aquilo doeu como se uma faca perfurasse seu coração. Não podia acreditar no que ouvira. Tudo que queria era remover aquele sentimento que tomava conta de seu ser. Prendendo seu ar e deixando-o sufocar na dor de sua angústia, na dor de suas malditas constatações.

Ele andava desanimadamente no corredor. Com os pensamentos a mil, caminhava lentamente. Ao mesmo tempo em que queria ver Sarah, sentia que surtaria se a visse. Observou o quarto ao fim do corredor e viu Alexia sentada do lado de fora. Assim que ele apareceu, ela percebeu sua presença, alerta

como sempre. Vicente caminhou até ela, jogando-se na cadeira ao seu lado.

- Ok! Por mais que tenha me deixado aqui plantada por duas horas, não vou encher seu saco. Sua cara está péssima - disse ela.

- Algum sinal dela? - Perguntou ele.

- Vicente, por favor! Eu sou sua amiga, poxa. O que aconteceu? Você saiu como um louco daqui. Escutei a maluca falando alguma coisa. Até pensei que tivesse acordado, mas depois você saiu quase que pegando voo de tão rápido. Então, não finja que está tudo bem, porque eu sei que não está.

- Ela não me ama - disse ele, não aguentando o peso de tais palavras. Enfim conseguira dizê-las. Lágrimas começaram a escorrer de seus olhos; lágrimas que murchavam sua esperança, seu coração, e que despedaçavam sua alma.

- Ela nunca amou você - disse Alexia. Suas palavras foram como um tapa, pois Vicente sabia que eram verdadeiras. - Desculpa. Eu não devia ter dito. Olha, se isso importa tanto pra você, resolva com ela. Converse com ela.

- Você não entende, Alexia. Você nunca sentiu um amor profundo por alguém e viu ele ser destruído por essa pessoa não corresponder, e o pior, por essa pessoa sentir isso por outro - disse ele. Sentindo agora, raiva e frustração.

- Ah, fala sério? Deixa de ser babaca. Eu não fiz nada a você. Estou tentando ajudar. E, por favor, não venha com conclusões precipitadas sobre o que eu

sinto ou deixo de sentir. Quer saber? Vá para o inferno! – Falou, dando as costas para ele ao sair andando apressadamente em direção ao elevador.

Depois de ficar um tempo refletindo no corredor do hospital, observando as enfermeiras passarem de um quarto para o outro, carregando consigo pranchetas, ver o elevador fechar e abrir com o movimento de quem chegava e ia, escutar o tic-tac do relógio na parede, Vicente decide entrar no quarto. Teria que enfrentar aquilo cedo ou tarde. Teria que olhar nos olhos de Sarah, ouvi-la dizer o que no fundo ele já tinha como verdade.

Levantou da cadeira e se direcionou ao quarto. Lá estava ela, parecia mais pálida, tão frágil. As lágrimas ameaçaram descer novamente, mas ele não permitiu, teria que aguentar firme. Ela estava acordada e ao olhá-lo, Vicente se deparou com o amor que sentia sempre ao ver seus olhos castanhos o observarem.

– Vicente! – Disse ela tentando levantar. Ele se aproximou rapidamente.

– Não, não. Você tem que ficar deitada. Por favor, Sarah. – Disse ele a segurando, deitando-a de volta na cama. E ao fazer isso não pode evitar o toque de seus cabelos e rosto, como um gesto de carinho e de cuidado. Um gesto que o amor que ele sentia obrigava seus músculos a fazerem.

– Vicente, eu sinto tanto. Eu juro que não fiz nada. Eu não sei o que aconteceu, eu fui presa e depois não lembro de mais nada, apenas de acordar aqui, e

de toda confusão que sinto, e eu... - ele a interrompeu.

- Calma. Está tudo bem. Eu acredito em você, acredito mesmo, amor. - Falou sem pensar. - Como posso ser tão estúpido?

- Estúpido? Por que diz isso? - Perguntou ela. Agora, a raiva surgia em Vicente, ele tentava contê-la, mas ela estava ali, junto com a mágoa e ressentimento que sentia.

- Quem é Max? Ah, espera, não sei por que pergunto. Está na cara que é seu amante, droga, droga! Sarah, porque você fez isso comigo?

- Eu não estou entendendo. Max? O que tem Max?

- Ah, então existe um tal de "Max". Não estou ficando louco. - Disse ele, possessivamente. Vicente estava alterado. Diferente do doce Vicente que Sarah conhecia. E por que mencionava Max? Ele nem sequer o conhecia. - Faça-me o favor, não me olhe com essa cara de desentendida. Max, o mesmo que você chamava em seus devaneios, aquele a quem você jurava amor. Como pôde? Como pôde permitir que eu pensasse que o amor que sentia por você era recíproco, quando na verdade você está apaixonada por outro cara?

- Eu falei isso? Eu não quis...

- Me poupe. Está claro que quis, porque é a verdade. Não minta, Sarah. Faça o que quiser, ame esse desgraçado, até, mas não minta para mim. Isso dói. Dói como o maldito inferno. - Falou. Com

lágrimas teimosas que, por mais que ele tentasse segurar, surgiam em seu rosto.

Sarah caiu em si. E percebeu que seu sonho com Max de alguma forma fez com que Vicente descobrisse por quem ela nutria sentimentos como a paixão. Mas que droga, não, ele entendera errado. Podia amar Max, porém, nunca trairia Vicente. Aquilo foi um maldito de um sonho, maldito sonho maravilhoso, teve que confessar para si mesma. Mas não era real. Era tão irreal que Max não estava ali, não ficara ao seu lado quando ela fora presa e muito menos estava ali naquele momento louco. E o maldito de seu cérebro foi sonhar logo com quem? “Inferno”, pensou ela.

- Vicente eu posso explicar, por favor...

- Será que pode? Olha, Sarah, eu tenho minhas dúvidas.

- Vicente...

- Sarah, eu te amo. E acho que você não tem noção do quanto. Talvez deveria ter dito isso antes. Talvez eu senti demais sem você perceber, o que fez você achar que tudo era nada. Prefiro acreditar nisso. E é por esse sentimento que lhe desejo toda a felicidade do mundo. Fique com esse cara, seja ele quem for. Ame-o. Diga-lhe o que você disse em sonho para ele. - Fungou; Sarah sentia as lágrimas molharem o próprio rosto enquanto o escutava. - Tudo isso dói, mas dizem que a dor passa com o tempo, não é? - Tentou sorrir, não conseguindo. - Então. Eu peço desculpas, pela explosão que tive, e por ter sentido

demais. Agora, se me permite, eu não aguento mais. Não aguento mais olhá-la, amá-la e vê-la amar outro. Tenho que ir, fique bem.

- Não! Droga. VICENTE! Você não pode me deixar aqui. Eu preciso explicar! Vicente! Droga... - Ela tentou novamente sair da cama. Ele a segurou, não permitindo que ela se levantasse. Ao fazer isso, Sarah sentiu o seu calor. Porque diabos o amor que tinha por Max não sentia por Vicente? Ele merecia isso. Merecia tudo e muito mais. Ela se acalmou com sua proximidade. Vicente demorou-se nela. Suas bocas

quase se tocaram. Nunca pensou que teria de resistir tanto para não beijá-la, mas resistiu e, com isso, enfim, se afastou. Adeus, Sarah! - Disse ele. Dando as costas para ela e saindo dali rapidamente.

II Edição
Categoria Poema
Ensino Médio

Desabafo
Beatriz Bennert Felipe
1º Lugar

Ela é quente
Tão quente quanto a coberta bagunçada no domingo
à tarde
Tão quente quanto o café que queima a língua e a faz
rir
Tão quente quanto os seus pés, que reclamam dos
meus gelados
Ela é alta, mas não de altura
Tão alta quanto o seu coração que bate forte num
abraço
Tão alta quanto a música nostálgica que a faz chorar
baixinho
Tão alta que nada me chama mais a atenção do que
ela
Ela é triste, mas eu tento reverter
Tão triste quanto um abraço de despedida, que dura
uma semana
Tão triste quanto um momento difícil marcado pela
distância
Tão triste quanto a saudade malvada que nunca tira
férias
Ela é perfeita, sem exceção
Tudo que me faz lembrar dela me faz sorrir boba
Sempre que penso nela, meu coração aquece
Toda mensagem dela consegue me tirar alguma
risada

Mesmo que algum dia acabe a validade
Espero que seja na mais alta idade
Afinal, eu já não sou mais só eu
Dentro de mim tem um pouco do teu.

Como o brilho da lua

Leticia Brandl

2º Lugar

Mesmo cheia de brilho, a lua pode ser tímida

Em sua fase nova, ela quase desaparece

Fica escura, como todo o resto da noite

As estrelas, que são bem menores que ela

Aparecem e brilham nessas ocasiões

Atraindo olhares e dando saudações.

Quando crescente ou minguante, a lua dá um sorriso

Se alegra, dá até para ouvir seu riso

Mesmo não mostrando toda a sua luz

As estrelas já sentem inveja do seu brilho que reluz.

Assim condiz com o ser Humano

Ele pode ser incrível, mas às vezes não se dá ao valor

Deixando outros reluzirem seu brilho com alvor

Ficando para trás, se escondendo

Ou outras vezes, com um sorriso no rosto, segue a

vida mostrando seu potencial.

O ser Humano é como a lua, o que faz com que ele evolua

Ele tem fases boas e fases ruins

Seria triste se o ser Humano parasse de sonhar

Assim como se a lua parasse de brilhar.

Doce Antítese
Leonardo dos Santos
3º Lugar

Em uma noite de sol florescente, pensava daquele que
amava

Em uma manhã, às cinco horas da tarde... se foi
Em mar congelado, o calor corria
Embaixo da água, sem oxigênio, respirava...
tranquilamente.

Olhos fechados, ao abrir sonhava acordada
Menina de ouro, passos de fada
Sorrisos, traços e lágrimas, nada ensaiada
Dança dançava, baile da vida, sempre na ponta do pé,
rodopiava... calça rodada.

Lembranças importantes que não importam nada
Nadava muito rápido, água congelada
Hoje canto para o público, na frente de muitos, ao lado
de ninguém
Grito em silêncio, alguém me ouve, ninguém me vê.
Vivo uma feliz tristeza
E você uma morte bem vivida

Vivo nas loucuras
E você nos sopros, nos sonhos, nas ruas.
Dormi enquanto acordei

Talvez tenha tudo passado de um sonho
Talvez da vida devesse dormir
Quem sabe quando eu acordar na morte, encontre
você sorrindo para mim.

Efêmera Nostalgia
Camila Angioletti de Souza
4º Lugar

Palavras não ditas atormentam corações inquietos.
A pessoa que antes trazia meus melhores sorrisos
Foi também aquela a tirá-los de mim em um instante.

Com você, pude aprender a linha tênue
entre a felicidade e a decepção,
O amor e a dor, a confiança e a traição.

Entretanto, não sou capaz de odiá-la.
Mesmo que tenha me trazido dolorosas noites de
insônia,
Mesmo que nossa amizade tenha se destruído em
espinhos.

A nostalgia de uma relação perdida,
Que traz lágrimas, mas também alegria.
Tempos que não voltam mais e nos transformam,
Pouco a pouco, ou abruptamente, na despedida.

Sinto falta dos verões amarelos
Que vivenciamos, quando crianças.
Das risadas compartilhadas
E das lágrimas afastadas.

Sinto falta da amizade de ferro que construimos pela
manhã,
E que à tarde estilhaçou-se como vidro.

II Edição
Categoria Conto
Ensino Médio

O Vimeiro
Lucas Andrin
1º Lugar

I

Em um céu que iria escurecer, as nuvens de fumaça tomavam a paisagem de um lugar sem nome. Não muito longe disso, em meio a um milharal, os ventos frios sopravam, balançando os galhos compridos de um salgueiro-chorão, causando barulhos reconfortantes em suas folhas, movendo a sombra projetada ao chão e permitindo que pequenos ~~raios~~ luminosos o alcançassem. O reconfortado no tronco, incomodava o descanso e perecimento das ervas daninhas e a grama. Estas mantinham a irregularidade da sombra de forma mais empenhada que a própria árvore, em uma dança ressequida, além de exhibir um labirinto para as criaturas menores que ali passavam – os poucos insetos moribundos que entravam na terra para procurar o mínimo de umidade.

Acordando lentamente, os sentidos do garoto acendiam em explosões. O barulho dos corvos e do vimeiro eram melódicos, acompanhados de folhas serrilhadas e escadas que acariciavam seu rosto voltado para a abóbada que o cobria. A cintilância iluminava, em feixes lentos, suas pálpebras e cabelos castanho-avermelhados até que, novamente, fossem apagadas pelo eclipse das longas e frágeis pétalas,

deixando sua face repleta de escuridão. A pele pálida do menino sentia a textura fofa e amenamente esfarelada da terra, juntamente à coceira causada pela relva e a aspereza de suas roupas maltrapilhas. Uma camiseta branca barrenta suja de sangue e uma fedorenta calça preta rasgada. Isso foi o que lhe sobrou de dois dias atrás. O que os nobres da época chamam de plebeu nojento.

Vagarosamente, seus olhos se moviam, atrás das pálpebras, procurando algo em seus sonhos ou desviando-se da luz que a grande árvore estranha não conseguia bloquear.

Ela, ao todo, possuía um aspecto esbranquiçado que, combinado ao verde, trazia uma coloração quase sem saturação, quase sem vida. O céu, pouco exibido, nublava-se em nuvens negras que combinavam com os ressoares dos corvos ao seu redor. À medida que o fim da tarde surgia, o sol vermelho, quase coberto antes mesmo de seu pôr pelas fumaceiras, revelava-se ao do garoto cada vez mais sobre a noite. Uma que seria trevosa, gélida e morta.

Joshua, ou pelo menos o nome que se perdeu em sua mente, não se lembrava de nada mais do que acordar jogado dentro de uma vala inacabada dois dias atrás, com um corte na testa. Ou quase nada.

II

Nesta noite chuvosa e turbulenta, um dos responsáveis por Josh estar em seu próprio enterro miserável caminhava incomodamente no âmago da obscuridade tortuosa do milharal. O solo, até então seco e árido, característica que surgiu com velocidade estrondosa nas últimas semanas, tinha se tornado impermeável à água, permitindo que pequenas correntezas se formassem, carregando a sujeira e o pó erodido. Em meio a uma delas, resguardava-se um graveto – objeto peculiar de se estar em uma plantação de milho, mas que seria um dos últimos a testemunhar aquela caminhada silenciosa do homem. Sua comunicação aconteceu de forma muito simples. O pisotear de sua bota quebrou o galho em vários pedaços, que então foram levados pela fina corrente. Um deles, especial por possuir uma face inatingida pelas bilhões de gotas da chuva, balançou, tendeu a virar e se molhar completamente; porém, o fragmento sustentou-se, forjou-se, esforçou-se, e manteve-se suspenso na água seguindo a fluência. Uma grande folha passou próximo a ele, quase o atingindo, mas, antes que isso pudesse acontecer, uma minúscula ondulação a fez submergir por alguns segundos, preciosos o suficiente para que a lasca de madeira continuasse sua implacável viagem no escuro quase completo, sendo contrariada, às vezes, pela presença dos raios.

As mesmas ondas que tinham lhe protegido também tentavam lhe derrubar, talvez por causa da movimentação violenta do ar, talvez para molhar sua face desconhecida pela água, algo que muitos homens e mulheres fizeram com medo do lado turvo das outras barcas. O temporal tirou o menino de cima, onde cada gota criava uma oscilação violenta contra o fragmento, mas por fim, ele se aproximava da sua última missão, desaguar no buraco onde Joshua estava.

A pequena cachoeira da correnteza irrelevante caía caoticamente na cova rasa enquanto os cabelos ruivos do garoto se tornavam mais negros a cada grau de umidade acrescentada. Então o estilhaço despencou em direção ao seu assombroso leito, ~~alganso~~, girando, sendo carregado por centímetros pelo soprar do temporal, e finalmente molhando suas partes, até então inatingíveis pelas ondas. Seu destino acabou, sua força acabou, sua vida acabou, mas apenas sua carcaça foi o suficiente para viajar em meio à turbulência e adentrar no ouvido adolescente e submerso pela água.

A chuva torrencial inundava a cavação no meio do gigantesco milharal morto e amarelado enquanto os trovões gritavam como tambores. O vento, espesso e gélido, castigava a pele de Joshua juntamente com as gotas pesadas que o faziam acordar. Sob a testa cortada do garoto, a sombra de uma pá ficada na beira do sepulcro mantinha-se e se esticava mais a cada

pestandejar dos clarões dos raios. O sangue de sua frente escorria e se misturava com a água que inundava o buraco, levando quase todas as suas memórias para um lugar escuro e sombrio. Então, a grande pontada em seu ouvido o fez despertar.

III

Não se sabe mais o que houve dali até duas noites seguintes, ou antes delas. Afinal, a morte, narradora desta história, somente persegue aqueles que deixam de viver ou aqueles de quem ela se apossará, mas não aqueles que nunca perecerão. Apenas é visível que ela seguiu sua última vítima na ~~destruição~~ do planeta, agarrou-a e consumindo toda sua vida. Como Joshua foi parar recostado naquela árvore sem vida depois de ter acordado em uma vala se tornou um mistério para ela por muito tempo.

Acordando embaixo do salgueiro devido ao roçar das pétalas suaves e cinzentas, Joshua abriu os seus olhos castanhos e visualizou o que mais precisava: Fumaça. Ou melhor, indícios de fogo, onde ~~este~~ há civilização. No entanto, pensamento não ocorreu de forma imediata devido à forte dor de cabeça causada pela fenda entreaberta em sua frente e os milhares de questionamentos que mais tarde o levariam a entender seu próprio caminho em tudo isso.

A confusão em sua mente causada pela elucubração acerca de quem era, onde estava, e como havia chegado até lá, o levava a observar tudo ao seu redor em uma interminável busca nauseante e pandemônica: o mato esmarrido próximo ao vimeiro e sua pedra pontiaguda logo atrás dele, o milharal, a sujeira em suas mãos e joelhos ralados, o sol, vermelho ao céu. Tudo girava constantemente em frenesi e loucura. Joshua colocou as mãos em seus cabelos e arregalou as vistas em um ato de insanidade ao mesmo tempo que balançava os braços e pernas inquietantes em ansiedade. Uma de suas palmas apertava fortemente seu corte, fazendo-o expelir o calor fluido e escorrê-lo em dois filetes, um para a sua têmpora direita e outro entre o seu olho direito e o nariz, que desaguavam em suas bochechas e, então, finalmente caíam em uma das raízes do vimeiro.

Nenhuma resposta foi possível até ele se acalmar, e mirar com o olhar torto para o céu com atenção. Imediatamente, seu cérebro passou a funcionar de forma mais coesa e organizada, pois agora ele tinha uma forma de encontrar algo que estava na origem das nuvens de fumaça. Então, retirando suas mãos da testa, notou a grande mancha de sangue que se formava em uma das palmas, destacando suas marcas digitais ao logo da pele, levando-o a tomar a próxima decisão: Joshua rasgou um pedaço de sua calça de forma que fosse possível amarrar o tecido em sua cabeça. Antes, porém, de fazê-lo, passou o dedo indicador para sentir a grande

ravina de sua frente. Mesmo o corte sendo profundo e sangrando, ele ainda era muito fino, o que diminuía a possibilidade de infecção.

Amarrando, então, o trapo suado sobre o ferimento, ele deu início sua nova linha de raciocínio: ir direto para o ponto de origem do gás negro seria imprudente, pois a noite que se aproximava dificultaria a visualização da fumaça, e nada garantiria que esta não cessaria antes do amanhecer.

Revirando as poucas memórias do local à sua volta que obteve na nauseante observação, ele encontrou a solução: O vimeiro. Mal ele sabia que o levantar e o novo objetivo de caminhada o levaria ao seu grande, ou melhor, profundo destino. O BURACO. Mas não o mesmo. Este era mais fundo, único e, talvez, sem fim.

Joshua, em uma tentativa de observar o que havia em sua rota do outro lado da grande parede de milho seco e morto, iniciou a pequena excursão de escalada no salgueiro. Enquanto suas mãos se apoiavam nos galhos distorcidos e quebradiços e, ao mesmo tempo, eram raladas pela sua aspereza, seus pés tentavam se encaixar em alguma extremidade mais horizontal possível. A cada novo centímetro escalado, seus músculos fraquejavam e faziam o seu corpo pender para tombar à medida que sua respiração grudava os lábios secos de sede. O solo, duro e desconfortável, lhe oferecia o descanso doloroso e nem um pouco agradável com o chamado da gravidade. As folhas se entrelaçavam em seus braços e pernas e, então, os deixavam soltos

novamente, até conseguir chegar ao topo. O chorão era alto. Ah, se era! Talvez a árvore mais alta do lugar, ou ao menos o suficiente para enxergar do outro lado do extenso plantio mirrado.

A visão do cantinho do sol que ainda se esgueirava entre o grande campo nefasto e cheio de sangue e corpos deixou Josh com enjoos mesmo com o estômago vazio. A sensação de incerteza voltava a tomar conta de seus pensamentos sob alvoroço. A luz alaranjada refletia na vermelhidão da terra seca do outro lado do milharal e nos corvos que decolavam e pousavam. Estruturas marrons, do que assemelhavam a catapultas, se projetavam diante do astro celeste, e a fumaça era guiada até as pedras flamejantes, que aos poucos se tornavam mais reluzentes ao cair da noite.

— O que aconteceu aqui? — Sussurrou para si mesmo, arregalando os olhos e soltando suor que escorreu pelas têmporas.

O vendaval se formava nos céus com as nuvens carregadas e balançava a plantação grotesca, espalhando o som do movimento em todo o local. Por um pequeno momento, um animal branco como papel se esgueirou próximo ao vimeiro entre o plantio insípido. Uma criatura como aquela existia apenas na imaginação das crianças: grande e ossuda o suficiente para suas curvas magrelas das costas se ressaltarem mesmo a cem metros de distância.

O medo de ser visto se espalhou da espinha até a carne desnutrida de Joshua, tomando conta de seu

corpo e arrepiando os pelos de seus braços. E a voz do desespero comandou suas decisões. Os seus pés se moveram tremendo para os galhos que circundavam o tronco da árvore visando esconder o restante do corpo. Os pequenos estalares de cada passo dado faziam seus membros rangerem em tremuladas violentas e incertas o suficiente para fazerem ele errar a pisada e despencar do chorão. Olhando atentamente

para a cascata que se projetava do qual a guirra, contida com a besta macabra, muito menos ouvi-la, devido ao bafo gelado

de ar. Sua movimentação de extremidade em extremidade se tornou mais rápida à medida que os últimos raios do sol se alumbravam sob o cabelo castanho avermelhado e lhe deixavam cada vez mais com a sensação de assombro e pavor. Um. Dois. Três. Quatro. E então, a última saliência para percorrer.

La estava ele. Joshua conseguiu chegar do outro lado do lenho, ato que lhe fez soltar um leve suspiro, como se o coração fosse saltar pela boca, e olhar com alívio para o chão seco e receptor da sombra dos últimos segundos de iluminação. Nele, uma protuberância circular e estranha se ressaltava como algo que não era costumeiro da projeção da milharada. Ele precisava confirmar o que era para ter certeza de que estava seguro e pronto para dar o próximo passo, seja lá qual que fosse.

Esgueirando-se cuidadosamente para o canto da casca da árvore, o suor escorreu pelas suas

têmporas e os olhos baios escuros refletiram os últimos raios de luz do dia e do milharal morto.

A criatura horrenda e assombrosa travou seu olhar e seu corpo imediatamente. Pouco delineada para fora da palha, sua cabeça esbranquiçada e lisa revelava grandes veias azuis que percorriam seu pescoço fino e nervoso até sua testa. Os dois buracos em sua cabeça, do que pareciam olhos ímpetos, estavam atentos para cada movimento e passos de Joshua desde que ele começou a se esconder. Eram como ralos da luz, por onde ela nunca voltava. Eram como buracos negros e sem vida nenhuma.

Acompanhando-os, sua boca, com dentes tortos, longos e finos que se arquetavam para fora dos lábios quase inexistentes, se estendia por todo seu maxilar pontiagudo compondo um sorriso macabro e maléfico. Seus braços, que se esticavam até os joelhos pendurando as mãos inquietantes e ansiosas comportavam dedos cumpridos e unhas pretas que iam até o calcanhar.

O que aconteceu em seguida pode ser o que alguns ex-nobres daquele lote de terra chamam de infeliz infortúnio, com ar de ironia em seus lábios sujos de gordura. Mas Joshua ficou tão focado naqueles olhos báratros que deixou de ouvir o ranger dos galhos sobre seus pés. Quando eles se quebraram e Josh finalmente caiu com a nuca na pedra pontiaguda atrás do salgueiro, uma de suas últimas visões foi a criatura em pé sob seu talhe enquanto a

chuva do céu nublado finalmente começou a despencar.

Ela se distinguia da própria caligem usando seu albinismo, mas mantinha o terror intacto.

Curvando poucos centímetros das suas costas, a besta branca esticou seu longo e magrelo dedo indicador e puxou o curativo trapejado para cima dos cabelos desajeitados com sua grande unha negra e cumprida. Tocando sua fronte lacerada, ela a rasgou vagorosamente à medida que descia para sua sobancelha, pálpebra, e finalmente, penetrando em seu olho direito.

Mesmo sentindo-se ficar cego de um lado, não havia nenhuma dor ou qualquer sensação no corpo que pudesse indicar a menor sensibilidade para fazer algum movimento, apenas as trevas profundas e cruéis que se formavam em sua visão.

Retirando seu dedo do olho de Josh da mesma forma que colocara, a criatura desviou o olhar e lambeu o vermelho com sua língua serpenteante como se estivesse se deliciando com o odor e gosto de ferro. Recolhendo sua taramela, sua baba vazou por entre os dentes até o pescoço. Voltando suas vistas para o cenho imóvel do menino, a criatura caminhou sob os raios dos relâmpagos, iluminando as gotas que escorregavam adentro daqueles grandes fossos escuros: as suas brechas da alma, anunciando cada vez mais o seu carácter diabólico, até que ela se posicionou em sua lateral e colocou o pé acima de suas costelas esquerdas.

Os raios clarearam a face do menino já quase sem vida, em estalares repetitivos, no mesmo momento em que uma valeta surgia ao seu lado, engolindo, aos poucos, a terra até se tornar uma fenda assombrosa e tectônica, porém decrepita e mórbida. Se tornando mais espessa, as gotas adjuntas do vento turbulento e frio arrastaram seus cabelos castanhos e ruivos acima de seu olho golpeado escondendo-o abaixo das sombras.

— Adeus, Joshua. Esta é a última vez... — Exclamou o bicho em tons irregulares que iam do mais grave e humano até o mais fino e sofredor, mantendo o grande sorriso risonho estampado mais e mais.

Empurrado para o seu destino, o torso do garoto rolou, desligando o pescoço da pedra que o deixara hirto e, finalmente, mergulhando na grande ravina girando lentamente e rebatendo nas paredes pontiagudas. Os clarões dos raios sumiram à medida que a fenda se fechava. Não havia nada mais. Apenas o ar movimentando seus longos cabelos e braços com rodopios lentos e a aceleração da gravidade. Desta maneira então, ele descobriu quem era.

A Lenda de Eco e Ares
Gabriele Maria Schmitz
2º Lugar

Uma vez, quando criança, em uma das visitas ao sítio de minha avó, a senhora dos cabelos cinza-azulados quis apresentar-me a alguém. A uma menina, na verdade. Dizia ela que a garota não era tão mais velha do que eu. Era grande o suficiente para tirar a água do poço sem ajuda dos irmãos, mas nova demais para se casar com um dos fazendeiros ricos da região. Não tenho nem como negar toda a empolgação que se fez presente dentro da pequena que um dia fui; naquela noite, mal fui capaz de dormir no quarto reservado para mim na casa da velhinha, tamanha a euforia. Então, passado das onze horas da noite, lá estava eu, em minha cama estreita, tentando contar carneirinhos, agarrada à minha pelúcia de elefante sempre inseparável. Cedinho no dia seguinte, ela segurou minha mão, e caminhamos nos arredores do campo bem verdinho, passando pelos girassóis, tulipas e copos-de-leite, até chegar a um pequeno precipício que, para mim, parecia bem alto, mantendo passos de distância da beirada para não cair. Olhava admirada para aquilo diante dos meus pequeninos pés, temendo a altura enquanto meus dedos brincavam com a renda na barra de meu vestido amarelo.

- Vovó, onde ela está? - Questionei curiosa, com os olhinhos de jabuticaba brilhando.

- Por que não tenta chamá-la, Nina? - Ela convidou-me, sorrindo docemente ao ajeitar os óculos sobre o nariz enrugado. - Eco! - Gritou com aquela voz rouquinha, pondo uma das mãos em concha ao redor da orelha.

“Eco, eco, eco!”

Meus olhos dobraram de tamanho e admirei aquela imensidão vazia diante de mim.

- Quem é esse?! - Questionei baixinho, puxando sua saia mediana.

- “Esse” não... “Essa”! É a menina que eu queria te apresentar, o nome dela é Eco. Vamos, é a sua vez. Vá em frente! - Ela incentivou, tocando meu ombro.

- Você quer brincar comigo? - Gritei da mesma forma que ela fizera anteriormente para testar.

“Comigo, comigo, comigo!”

- Olha, vó! Ela quer! - Eufórica, respondi.

“Quer, quer, quer!”

- Ei, mas por que ela está repetindo tudo o que eu falo? Está caçoando de mim? - Arqueei uma das sobranceiras, com um bico entre os lábios ao ver o sorrisinho traiçoeiro nos lábios da senhora.

- Eu estava justamente esperando por essa sua pergunta, pequena. - Ela sorriu graciosamente, me puxando para mais perto enquanto forçava as vistas, como quem tentava lembrar-se de algo. - Eco sempre foi uma menina muito tímida e quieta, que não tinha amigos e vivia sozinha, em um casarão enorme. Diziam até que ela era filha de alguma bruxa e que a

sua casa era assombrada por várias criaturas malignas. Infelizmente, em uma das tantas vezes que brincava pela floresta, correndo atrás de uma borboleta encantada, um mago da floresta aprisionou sua alma dentro de uma concha e a jogou no mar, em busca de reverter um de seus feitiços, visto que ela fora uma das poucas crianças vistas por ali. Deste então, a única coisa que lhe restou foi sua voz doce que ecoava pelo enorme arvoredo, sempre solitária, já que as poucas pessoas com as quais tentava conversar fugiam atemorizadas.

A vovó narrava, sem descolar os olhos da copa das árvores.

- Houve até um tempo em que aquele lugar também começou a ser conhecido como mal-assombrado, para a infelicidade de Eco. - Ela continuou, prendendo toda a minha atenção com aquele ar de mistério que esbanjava propositalmente. - As pouquíssimas crianças curiosas que ainda iam lá corriam no primeiro uivar do vento que podiam ouvir. Mas tudo mudou quando um menino, mais ou menos da idade dela, se aproximou daquele morro alto sem nenhum temor.

Na verdade, ele aparentava ser muito corajoso, estava até empolgado. Chamava-se Ares, um menininho loiro de olhos amendoados, com pouco menos de oito anos de idade e que havia ido pular com suas botinas azuis sob uma poça de lama por ali, enquanto ria inocentemente. Ele olhou para ambos os

lados, norte e sul, antes de sorrir animado, esboçando as pequenas covinhas que moldavam seu rosto.

“Eu sei que você está aí! Eu não tenho medo, pode conversar comigo”, ele gritou em alto e bom som. Alguns segundos se passaram, até que a resposta veio.

“Você não vai fugir de mim?”, Eco perguntou, temerosa. Impressionado – mas não assustado –, Ares arregalou os olhinhos e tornou a falar.

“Eu me chamo Ares, você quer ser minha amiga? Eu não vou fugir, te dou a minha palavra!”

E então, estendeu a mão direita para cima, pondo a canhotoa sob o peito, em um símbolo de juramento fiel. “Eu sou a Eco, muito prazer. Você é o meu primeiro amigo, sabia?”. Ela não poderia estar mais feliz quanto naquele momento.

– Vovó, então eles fizeram amizade mesmo sem que ele conseguisse vê-la? – Questionei em um dado ponto da história ao interrompê-la, e a senhora balançou a cabeça afirmativamente, continuando a narrativa.

– Eles brincavam juntos praticamente todos os dias, fosse trocando conversas, contando histórias de todo o tipo ou compartilhando as coisas que gostavam e tinham interesse. A garota também contou sobre como ela era sozinha antes e como nunca conseguiu construir uma amizade como as outras crianças normais faziam. Dessa forma, a amizade de ambos seguia; todos os dias, Eco esperava por Ares um pouco após o meio-dia e eles ficavam juntos pela tarde

inteira, até começar a escurecer e o menino ter de ir embora.

“Acontece que, um dia, Ares não apareceu. Mas não era porque estava chovendo ou porque estava frio; ele apenas não apareceu, e Eco ficou muito, muito chateada. Ela não tinha muita experiência em relação a amizades, então era difícil não se manter inquieta até que o dia seguinte surgisse e obtivesse alguma explicação. Para a sua surpresa, ele então apareceu, mas não apareceu sozinho. Não parecia deprimido, doente ou sequer carregava algum traço de remorso pela falha no encontro do dia anterior. Muito pelo contrário, ele estava bem animado e mais falante que o normal.”

Interrompendo-a novamente, puxei vovó pelo cotovelo para chamar sua atenção.

– Quem ele trouxe? – Perguntei atenta, afoita pela resposta. Com uma calma tão comum se tratando da senhorinha e aquele sempre presente sorriso curvo na boca, ela prosseguiu, certamente tendo a resposta para minha pergunta na sua continuação:

– Logo atrás de Ares, estava uma menina muito bonitinha, mais ou menos do seu tamanho. Os fios alaranjados, distribuídos em duas tranças nas laterais da cabeça e o rosto coberto por pintinhas traziam a ela um ar de inocência, bem como as bochechas coradas e o sorrisinho tímido contido nos lábios finos. “Eu quero te apresentar a uma amiga minha, ela é muito legal! Venho brincar com ela todos os dias”, Eco

ouviu ao longe, juntamente de passos apressados que corriam em sua direção. Ares se apressou em pegar na mão da garota e a levar para perto da beirada onde costumava encontrar sua companheira diária. “Eco, essa é Diana, alguém muito especial para mim. Ela é bem

bonita, né?” Disse Ares, mostrando as belas covinhas novamente, dessa vez um pouco mais tímido.

Segundo após segundo, nada acabou podendo ser ouvido. Eco se calou como se nunca houvesse falado na vida, com o coração enraivecido pelo ciúme e o rancor, impedindo-lhe de trazer qualquer resposta.

Eco, você está aí? Por que não me responder
Conforme o tempo passava, as expressões da ruivinha iam modificando de pura confusão, para decepção e estranheza. O garoto coçou a nuca, tão confuso quanto ela, alternando o olhar entre Diana e as árvores altas. “Eu sei que está aí. Qual é o problema em nos responder?”

“Você não quer a amizade dela também?”, Ares proferia, cada vez em um tom de voz mais embargado pela mágoa. Com os braços cruzados, a menina ia se afastando, achando tudo aquilo estranho demais. Achando Ares estranho demais. “Você não estava triste por não ter ninguém? Você me tinha como amigo, mas por que não gosta mais de mim?” Ele tentou mais uma vez. Bastou o último monólogo para que Diana fosse embora, afirmando que o novo amigo era completamente louco. Ares tentou correr atrás da menina para se

justificar, mas desde então, ele simplesmente nunca mais voltou lá.

- Então eles deixaram de ser amigos? Por quê?! - Completamente perplexa com aquele desfecho, eu questioneei sua fala, esperando por uma resposta realmente plausível.

- Por causa do egoísmo dela, minha querida. - A vovó respondeu, suavizando as expressões. - Ela queria ter demais, queria que Ares tivesse apenas a ela e queria todo o tempo dele para si. Isso não só acabou com a amizade dos dois, como deixou-o triste por perder outra amizade que tanto custara a conquistar, já que poucos da sua escola costumavam querer brincar consigo como Diana fazia. - Ela respondeu, para que assim eu pudesse compreender. - Como castigo, a Mãe Natureza condenou Eco a repetir tudo o que os homens falassem a ela, para que nunca mais se calasse novamente. Diz a lenda que ela espera até hoje pela voz de Ares para tentar lhe pedir desculpas, mesmo que ele nunca tenha voltado lá.

Vovó finalizou, olhando para mim com carinho enquanto percorria os dedos por meu cabelo, em um breve cafuné. Por último, avisou que precisava ir para dentro preparar o café de meu avô, depositando um selar na minha testa antes de voltar para dentro, me deixando brincar ali no campo o tempo que eu quisesse. Mais tarde, naquele mesmo dia, ao anoitecer, percebi uma pequena bola de pelos caminhando entre as minhas pernas, miando em busca de atenção. Soltando uma risadinha

completamente derretida pela fofura, alcancei a gatinha de minha avó com meus pequenos braços e a segurei no colo, tocando a pontinha do nariz na pelagem macia.

- Ainda bem que você é amiga de todo mundo, Fofucha. Já pensou como seria ter que miar de volta para todo mundo que te chamasse?

Eroda

Natália de Freitas Marcelino

3º Lugar

Há muitos anos, uma nova ilha havia sido descoberta. Em milhares de estudos marítimos, Eroda nunca foi mencionada em livros de história ou de geografia – mas isso era o que não faltava naquele lugar: histórias. Os moradores acreditavam que viajar em dias ímpares dava má sorte, que suas nuvens perpétuas pairavam sobre o céu há séculos porque uma vez certas palavras foram mencionadas em um bar próximo (e dificilmente isso ocorreu novamente); por isso, alguns pescadores ainda usavam peças de ouro, crendo que isso era um amuleto que afastaria o azar. Mas depois de anos de uma população com cara amarrada, algo – ou melhor, alguém – peculiar surgiu.

Não, aquilo não foi algo bom. Apesar do sorriso cintilante do garoto que iluminava meio mundo, moradores da ilha faziam o máximo para se esconderem dele.

sua Melancolia descrevia exatamente passagem por essa vida. Foram anos de solidão porque as pessoas não sabiam como lidar com coisas diferentes, ele perdeu seu sorriso, o mundo ficou mais sombrio e o oceano mais violento.

Com vinte e poucos anos, ele decidiu pôr um fim nessa dor, caminhou até uma pedreira, respirou fundo, mas quando viu um peixinho se debatendo nas rochas, não conseguiu o ignorar. Uma, duas, três

Os comedores de batata
Beatriz Bennert Felipe
4º Lugar

As cinco pessoas, três mulheres e dois homens, faziam sua última – e possível única – refeição do dia. Na casa escura, iluminada por apenas um lampião quente, eles se reuniam na mesa quadrada para aproveitar um único prato de batatas. A mesa era tão pequena que nem fora feita para acolher o número de pessoas ali, o que gerava a dúvida sobre se realmente cabiam tantas pessoas na pequena casa. Os rostos marcados e cansados denunciavam o esforço colocado para conquistar o mero prato de batatas que comiam.

Esforço esse que, muito mal reconhecido, não lhes dava nada além do prato adiante. As roupas surradas e simples podiam dizer por eles. Apesar da tristeza e do luto pela desgraça que viviam, o acolhimento do lar provavelmente os aquecia e se sobrepunha ao frio que entrava pelas frestas das duas pequenas e velhas janelas atrás de si. Além disso, também aquecia o vapor do café servido pela mulher mais velha dali. As quatro xícaras cheias de café eram uma pequena recompensa pelas feridas das mãos calejadas e finas, que seguravam os garfos, a xícara e o bule. Apesar da melancolia, era possível identificar alguns lampejos de esperança, através do brilho nos olhos, o pequeno sorriso tímido, a simpatia singela como agradecimento pela cortesia de servir o café. Eles sabiam que toda ação, desde levantar da cama até

alcançar o sal, já mostrava o quanto eram guerreiros. Os corpos curvados evitavam o encosto da cadeira de palha, que perdia para o próprio ar no quesito conforto. Mas como meros camponeses, nada havia a se fazer e nada havia a se cobiçar além de um prato de batatas e a companhia de seus entes no fim do dia. Talvez alegria. Mas as cores opacas, tristes e frias de suas roupas e paredes não lhes permitiam, sendo o mais colorido do quarto o lampião quente. O minúsculo quadro e a pequena planta eram apenas uma tentativa de esconder a miséria das paredes mal rebocadas e sem graça.

Talvez “comedores de batatas” seja um nome bom para a burguesia que vivia há muitos quilômetros de distância da periferia em que estavam. Mas, para os cansados camponeses, “apreciadores de batatas” seria mais adequado.

(Conto escrito a partir da pintura “Os Comedores de Batata”, de Vincent van Gogh)

III Edição
Categoria Poema
Ensino
Fundamental

Nosso voo
Ana Beatriz Kraemer Ferreira
1º Lugar

A vida é como um pássaro, voa sem parar.
Aproveitar a viagem é o que nos resta, afinal, a
juventude vai depressa.
O segredo é guardar todos os momentos em uma
caixinha de memórias,
Para lembrar do tempo que não vai voltar... dos
sorrisos soltos pelo ar.

Lembrar do cheirinho do café
Do sol radiante das manhãs
Da não preocupação com o futuro
De não ter pressa para crescer
Dos momentos com os amigos
Das boas risadas
Das brigas e trapalhadas

Lembrar dos momentos da escola, da merenda
deliciosa.
Dos momentos com a família, das viagens animadas.
Dos animais de estimação que se vão, mas que ficam
no nosso coração.

A viagem está apenas começando, ainda temos muito
voo pela frente.
Na juventude começamos a entender o mundo, a ver
as coisas diferente.

E mesmo sendo jovens, sabemos que o futuro depende muito do hoje, depende da gente!

Tecendo fé
Artur José Mazzini
2º Lugar

Nas manhãs congelantes de inverno
Passava todos os dias por um chão úmido e
enlameado
Sem algo que pudesse proteger meus pés congelados
Meu destino? A escolinha feita de madeira que até
hoje em minha mente rodeia
Lembro-me dos dias que estávamos atrasados
Cortávamos o caminho pelas pastagens dos vizinhos
Fazíamos chinelo de palha e escorregávamos pelos
pastos
Não tínhamos estabilidade para ficar em pé
Mas tínhamos curiosidade para aprender
Naquela época não tínhamos nem tevê
No 4º ano fui obrigada da escolinha me despedir
Por motivo de mudança tive que dali sair
Sempre fui menina sonhadora, um dos meus sonhos
era muito peculiar
Desde novinha sonhava em ter uma máquina para
costurar
Tempos depois, meu sonho se concretizou...
Minha cidade começou a se desenvolver
E assim como Rio do Sul, minha família também a
crescer
Atualmente o meu lar é conhecido como o município
do jeans

Cidade das costureiras batalhadoras que madrugam
para labutar
Lugar de gente honesta que assim como eu
Com trabalho árduo ajudam a economia gerar
Hoje, idosa estou, não costuro mais para fora
Mas tenho a primeira máquina ali guardadinha
De vez em quando faço uns consertos nas roupas dos
meus netos e vizinhas
Algumas lembranças não são tão boas, das enchentes
que assolaram nossa terra
Destruição, desespero, causado pela subida das águas
do Rio Itajaí
Até minha máquina de costura já vi estragar quando
a água subiu
Mas houve casos bem piores, povo que não conseguiu
nada salvar
Era água “pra mais de metro”, e muitos metros acima
do rio
Graças a Deus a nossa gente nunca deixou de lutar
Baixa a água e povo começa a reconstruir
Na escolinha da vida muito aprendi
Talvez as lições mais importantes foram nunca deixar
de sonhar
E o bem sempre com a fé costurar.

Em busca de uma transformação
Rafaela de Sousa Cerutti
3° Lugar

Nesta vida maluca
Besteira absurda
Esse mundo de guerra?
Por que aqui na Terra?

Sei que às vezes sou egoísta
Não me importo com o outro dormindo no chão,
Mesmo tendo para dividir
Não compartilho não!

Quero sempre mais
O dinheiro muito me atrai
Tenho sede de poder
Meu objetivo é sempre crescer.

Não importa em quem eu tenha que pisar
Quem irei magoar.
O que eu busco?
Eu vou alcançar.

Mas no fundo esse meu jeito me assusta.
Mas mudar? Muito custa.
Encontrar a paz?
Talvez... Não aguento mais: injustiças, perseguições,
rivalidade, maldades.
Para todo lugar que olho

Há essas crueldades!

Preciso me dar um cartão vermelho

Meu Deus! Vejo essas crueldades até no espelho.

Eu quero um mundo de paz.

Onde não tenha dor.

Mas para isso acontecer

Precisa começar por mim, preciso distribuir amor.

III Edição
Categoria Poema
Ensino Médio

A Vida do Tempo
Beatriz Bennert Felipe
1º Lugar

Todo dia, toda hora, a todo momento
Acordar de madrugada para contar o tempo
Marcar os segundos de cada mordida
No compasso da vida, sempre meio tempo à frente

Quanto tempo gasta a piscada?
O meu saldo ainda existe?
E no Ministério do tempo,
O Serasa é arrependimento?

Na infância se conta o tempo para crescer
O adolescente conta para amadurecer
Quanto tempo o adulto tem para viver?
O velho, quanto tem antes de morrer?

Se valemos nosso tempo, se vendemos nosso tempo
Por que rico é quem tempo mais tem?
E quanto mais tempo para o rico
Mais pobres de tempo se veem?
Engolindo tempo, adiando o viver
O ciclo do tempo retorna a nascer
Já que pensar em tempo só gasta tempo

Tornar-se Arte
Camila Angioletti de Souza
2º Lugar

Se o que me permite viver é a arte,
De que adianta temer tanto a mim mesma?

A arte que se desenvolve a partir do artista,
A mesma arte que busca significado
Nos confins de uma existência vazia.

A arte que expressa, ri e chora,
A arte que te torna verdadeira essência,
Em um mundo crítico, despedaçado,
A arte que dá sua sanidade mantém lagos.

Não entendo ao certo o que faço,
Me pergunto se alguém entende.
Se o que faço é o certo,
Ou se o certo é o que não faço?

Que rumo tomo enquanto vagueio,
Cega, por entre páginas?
Páginas de poesia amadora, poesia amarga,
Mas que, mesmo de insatisfação, me enchem a
vaidade?

Ainda assim, mantenho meus passos largos.
Atravesso o tempo e as palavras,
Passo por pessoas desconhecidas, pessoas amigas
E de tudo que há em mim, tento me recriar
Em alguns versos de poesia.

Cova de Loucos
Yasmin Walker Maciel Queiroz
3º Lugar

Cova de Loucos
Que dançando nas chamas,
Alheios aos dramas,
Morrem aos poucos.

Tão sonhadores,
Sempre com compostura,
Que mesmo sem mistura,
Cantam belas dores.

Vão na defesa
De quem tudo lhes priva.
Pobre gente cativa,
São as sobras da mesa.

Mas quem pode negar
Que o lugar tem lá seu charme?
O forasteiro que se arme
Para o que vai encontrar.

Pois, na Cova de Loucos,
Há sofrimento e há vergonha,
Mas também há quem suponha
Que a cova é um lar.

III Edição
Categoria Conto
Ensino
Fundamental

O Bendito Livro
Júlia Lichtenfels Weçolovis
1º Lugar

Era uma vez...

– Espera, isso de novo? Não, já estou farta dessas "historinhas de princesas"!

Vou ver se tem algo que preste para eu ler. – Diz Alissa, uma jovem de 16 anos que não suporta contos-de-fadas enquanto passa os dedos nos livros da biblioteca de sua escola, esperando achar algo para ler. Entediada, sai de mãos vazias voltando para o pátio, pois já estava acabando o tempo do intervalo. Lá, encontra-se com sua amiga Cinty:

– E aí, Sassa? Achou alguma coisa interessante?

– Não, e você sabe que eu odeio que me chame assim.

– Mas você amava quando eu te chamava assim na creche!

– Não me lembro disso, mas de qualquer forma, a escola ultimamente está bem ruim para livros.

– Não sei não, eu achei um livro muito bom!

– Deixa eu ver.

Cinty tira o livro de sua mochila enquanto Alissa espera um pouco, entusiasmada, para ver se o livro poderia ser interessante para ela também. Quando Cinty mostra o livro para sua amiga, Alissa olha sua capa com uma cara de desprezo.

– Que foi? – Pergunta Cinty.

– Sério, Cinty? De novo esses livrinhos de criança? – Alissa resmungua.

– Não são livrinhos de criança! Isso se chama FANTASIA, e eu amo esse tipo de literatura! – Cinty responde em alto tom.

– Tá bom, tá bom, não precisa gritar no meu ouvido! – Debocha Alissa.

O sinal da escola toca e os alunos vão para suas salas. Cinty tenta consolar sua amiga:

– Um dia você vai achar um livro que te agrade.

– Talvez, mas acho difícil.

Depois da aula, Alissa teve a ideia de fazer uma festa do pijama em sua casa mais tarde. Cinty gostou da ideia e assim elas combinaram.

Estava tudo pronto. Alissa comprou doces, salgadinhos, refrigerante, enfeitou o quarto e colocou seu pijama. Então a campainha toca e sua amiga chega com um travesseiro, uma coberta e seu livro, pronta para a "noite das meninas".

– E aí, gata. – Diz Cinty empolgada.

– Opa, entra! – Alissa rebate.

– Sério que você trouxe o livro?

– Sim, uai, por quê?

– Ah, sei lá, é uma noite do pijama, não uma aula de leitura.

– Engraçadinha, deixe-me ler meu livro em paz.

– Tá bom, moça de cultura.

Cinty anda em direção ao quarto de Alissa, quando olha tudo enfeitado e diz:

– Uau, não sabia que eu era uma convidada tão ilustre assim!

– Ah, para né, amiga, não é a primeira vez que você vem na minha casa não.

– Eu sei, mas geralmente sou eu que faço todos esses enfeites assim.

Alissa sorri fechando a porta do quarto. As duas começam a conversar e comer, assistem filmes e séries, riem, brincam de guerra de travesseiros, cantam no karaokê, dançam, jogam e mexem no celular uma da outra. Cinty lê seu livro enquanto Alissa assiste alguns vídeos. Divertem-se a noite toda, mas quando percebem, o tempo tinha passado em um piscar de olhos.

– Meu Deus, já são 1:17 da manhã!

– Fala baixo, Cinty! É melhor dormirmos porque amanhã temos aula!

– Verdade, já tinha me esquecido disso.

As duas se aconchegam e adormecem. No dia seguinte, são acordadas pela mãe de Alissa gritando:

– Acordem, meninas! Já são quase 7:30!

Vamos!

Alissa e Cinty despertam assustadas pulando da cama e correm para o banheiro. Quando Alissa volta ao seu quarto para se arrumar, pega o celular para ver as horas:

– Mãe, são 6:55 da manhã! Por que você falou que eram quase 7:30?

– Para fazer vocês acordarem, ué!

Alissa abre o guarda-roupa para pegar seu uniforme e se arrumar. Cinty entra no quarto e faz o mesmo.

– Prontas? – Pergunta a mãe de Alissa.

Cinty e Alissa acenam com a cabeça e entram no carro. Chegam à escola e a mãe de Alissa vai embora.

– Ontem à noite foi muito legal! – Cinty diz feliz.

– Muito! Temos que fazer isso mais vezes.

Fazia tempo que nós não tínhamos uma festa do pijama.

Cinty concorda e ambas entram na sala.

A aula termina e saem conversando. As amigas têm o costume de irem juntas até o ponto de ônibus de Alissa, enquanto Cinty espera seu pai buscá-la de carro. O ônibus chega, elas se despedem e seguem suas rotinas. O pai de Cinty aparece e ela diz:

– Veio mais cedo hoje!

– Pois é, saí de fininho e ninguém percebeu. –

Ele fala sorrindo.

– Então é melhor ir rápido antes que seu chefe sinta sua falta. – Cinty brinca também.

O ônibus para e Alissa desce. Chegando em casa, ela joga sua mochila no chão e tira seu casaco.

Sua mãe está trabalhando, mas costuma deixar comida na geladeira ou no micro-ondas para a filha.

A garota almoça e vai para seu quarto tirar seu

uniforme e fazer seus deveres. Algumas horas depois, já entediada, ela vê seu celular carregando, e quando olha para o lado, nota alguma coisa debaixo da cama.

Alissa se abaixa e enxerga o livro de Cinty:

— Era óbvio que ela ia deixar o livro na minha casa! Ela já esqueceu praticamente todas as coisas dela aqui.

Então pega seu celular e digita o aviso para Cinty, porém, a amiga está off-line e não vê a mensagem. Alissa pensa em ir à casa dela entregar o livro, mas, estando cansada, não vai. Começa a observar o tal livro com mais atenção, cada detalhe, suas cores, sua textura, o título...

— Bom, não deve ser tão ruim assim. — Diz ela, pegando o livro e abrindo-o.

Assim que Alissa abre o livro, percebe algo estranho, não nela, no livro. Ele parece brilhar. De repente uma luz surge de dentro dele. A garota derruba-o assustada. Fica por uns segundos observando-o. Então, pouco a pouco vai se aproximando do livro, tentando ver se há mais alguma coisa no meio daquela luz. E realmente tem! Ela consegue ver algumas letras ali dentro, como se fossem um "holograma". Alissa se aproxima mais e mais até que sente uma força "puxando-a".

Tenta se afastar, mas não consegue e é sugada para dentro do livro. Sim, ela entra no livro.

Deitada em uma cama, Alissa abre os olhos um tanto embaçados, senta e começa a enxergar ao seu redor. É um quarto diferente no meio de sete camas,

uma ao lado da outra. Parece ser uma “casinha” de madeira, bem pequena. Alissa então se levanta e anda pelo quarto na ponta dos pés. Ela vê uma porta e abre lentamente na esperança que seja a saída daquele lugar. Quando abre, vê uma escada que parece dar para a cozinha. Ela ouve cantorias:

— Tem pessoas aqui. — Alissa pensa enquanto desce as escadas vagorosamente.

Chegando ao final da escada, vê anões em uma cozinha, cantarolando, resmungando, tossindo e espirrando enquanto cozinham algo. Alissa fica paralisada observando-os. Ela tinha certeza que os conhecia de algum lugar. Um dos anões está carregando pratos até que esbarra em Alissa:

— Ops, desculpe. — Diz o anão.

— Tudo bem. — Alissa responde com uma risadinha, já que o anão distraído nem a percebeu.

O anão então para no caminho quando escuta a voz de Alissa e a encara, espantado:

— EI! QUEM É VOCÊ, E O QUE FAZ EM NOSSA COZINHA?! — O anão grita, fazendo todos os outros anões perceberem a presença dela ali.

Todos começam a gritar dizendo que a garota é uma intrusa. Alissa não aguenta a pressão e explode:

— CHEEEEEEEGA!

Todos os anões param.

— Olha, eu não sei o que estou fazendo aqui!

Acho que isso é um sonho ou eu estou ficando maluca! Porém, vou logo dizendo que não quero atrapalhar

nada nem ninguém, só preciso de ajuda para voltar para casa!

Os anões se acalmam, mas dizem para Alissa que não sabem como fazê-la "voltar para casa", pois essa não é a especialidade deles.

– Mas vocês sabem quem pode me ajudar?

A porta da frente se abre. É Branca de Neve chegando, a doce princesa dos lábios vermelhos!

– Onde estão meus adoráveis anões? Diz Branca, com sua irritante voz suave e um sorriso no rosto.

– BRANCA DE NEVE! – Dizem todos os anões correndo rapidamente até a porta.

Branca de Neve cumprimenta os anões, um por um, dando um beijo em suas bochechas. É nessa hora que Alissa percebe onde está, mas não entende como, por que isso tudo acontecendo com ela? Entretanto, ela só quer voltar para casa. A garota anda em direção à porta para sair. De repente, a porta se abre acertando sua cabeça.

– Ai! Ei! – Alissa diz irritada.

Entra uma idosa com roupa preta e um capuz cobrindo seu rosto. Sua pele era branca como a da Branca de Neve. Uma verruga enorme na ponta do narigão, unhas gigantes e carregando uma maçã.

Alissa percebe na idosa a tal bruxa que oferece a maçã para Branca de Neve.

Antes que a velha pudesse falar qualquer coisa, Alissa bate a porta na cara dela dizendo:

– Tem pão velho aqui não! Vá embora, bruxa!

– Não deveria agir dessa forma com as pessoas! Tenha bons modos, mocinha. – Diz Branca de Neve para Alissa. – Aliás, quem é você?

– Bons modos nada, princesinha, ela ia lhe dar uma maçã envenenada. E respondendo sua pergunta, nem eu sei quem sou nessa história. – Alissa diz indignada.

Branca de Neve arregala os olhos com a frase de Alissa:

– Maçã envenenada? Como assim?

Branca de Neve olha para a bruxa e para a maçã em sua mão.

– Olá, minha jovem, eu posso lhe oferecer uma maçã? É de graça, não desejo nada em troca, apenas aceite. – Diz a velha, tentando enganar Branca de Neve, que se dirige para Alissa.

– Olha, menina, eu nem te conheço, não sei se devo acreditar em você. Essa idosa só está querendo me dar uma maçã, uma gentileza dela.

Alissa indignada diz:

– Tudo bem, você prefere acreditar em uma velha esquisita que lhe oferece uma maçã DE GRAÇA a acreditar em mim que digo a verdade? Seus pais nunca ensinaram a não aceitar nada de estranhos, princesa? E outra coisa: você diz que não acredita em mim porque não me conhece, mas você também não conhece essa velha feiticeira aí!

– EU NÃO SOU VELHA FEITICEIRA! CUIDE COM O QUE DIZ, MENININHA!

– Diz a bruxa com sua voz rouca, tentando gritar.

– Está bem, tanto faz, se quiser morrer, morre, ô branquela! Tenho mais com o que me preocupar. Fui!

Alissa sai correndo da casa e esbarra na idosa (vulgo bruxa) que cai no chão. Segue seu caminho. Saindo de lá, ela para um pouco para refletir:

– Muito bem! Primeiro: como eu fui literalmente "sugada" para dentro do livro? Segundo: por que isso está acontecendo comigo? Terceiro: como eu vou sair daqui? E quarto: como a Cinty não foi sugada também se ela estava lendo esse negócio? Ah, enfim, acho que a única pergunta da qual preciso resposta agora é a terceira.

Alissa continua caminhando pela floresta. Já estava começando a escurecer.

De repente, ela avista algumas luzes de longe.

Começa a correr e chega nesse lugar, um belo reino. Bem movimentado, várias mulheres com vestidos deslumbrantes saindo de suas casas e indo até o castelo.

– Isso parece familiar. – Pensa Alissa um pouco intrigada.

Anda discretamente, aproxima-se para ver o que está acontecendo lá dentro.

Ela se esconde no meio dos arbustos perto do castelo e observa as mulheres passando. Enquanto entram, um mestre de cerimônias anuncia o nome de cada uma, apresentando-as para o povo do castelo.

Chega uma carruagem preta, estaciona e dali saem três mulheres: uma mais feia que a outra. A mais vivida vira para as outras duas e diz:

– Não se esqueçam de fazer tudo para chamar a atenção do príncipe, meninas, enquanto isso, eu vou chamar a atenção do rei.

Ali então, a garota percebe que essas mulheres são: a madrasta e suas duas filhas.

Alissa já está pronta para segui-las quando outra carruagem chega.

Imponente, redonda, parecia ser feita de ouro, e o mais estranho, lembrava muito uma abóbora. De repente, a porta da carruagem abre e desce uma jovem loira, com um vestido azul gigante e brilhoso, com sapatinhos de cristal em seus pés. Ela esbanja beleza com um sorriso enorme no rosto. E não adentra pela escadaria principal do castelo. Ela sobe as escadas laterais, fazendo com que o mestre de cerimônias não a veja e não a apresente. Alissa segue a princesa misteriosa discretamente para não ser vista, pois sabia quem era ela. Cinderela chega na sacada do palácio, atraindo todos os olhares, especialmente os do príncipe.

A loira desce as escadas lentamente, indo ao centro do salão. Ao som da música, o príncipe a admira com brilho nos olhos e um sorriso em seus lábios. Estende sua mão para ela e dançam em perfeita harmonia, lenta e romanticamente. Todos ao redor olham surpresos, pois uma princesa misteriosa aparecera ali do nada. Alissa olha lá de cima,

entediada, pois já vira essa cena várias vezes. O relógio marca 23h57min e Cinderela só teria mais dois minutos com seu "amado" até que tudo voltasse ao normal. Sem saber o que fazer para chamar a atenção da "princesa", a garota decide gritar:

– Ô, DO VESTIDINHO AZUL, TU SÓ TENS DOIS MINUTOS COM O PRINCIPEZINHO AÍ! BORA, AGILIZA!

Cinderela olha espantada para Alissa, pede desculpas para o príncipe e diz que precisa ir embora. Todos ficam confusos com a situação e se perguntam o que estaria acontecendo. Cinderela sai correndo fora do castelo. Alissa corre dali também, até que guardas começam a persegui-la:

– Parada! Quem é você?

Alissa corre e se esconde em um canto do palácio onde dá um pulo e consegue sair, mas avista Cinderela, que estava descendo as escadas da entrada do castelo onde tropeça e deixa cair um dos seus sapatinhos.

– Ah meu Deus, isso de novo! – Diz Alissa com tom profético.

Cinderela tenta voltar para buscar, mas o príncipe está chegando. Então desiste do sapato, volta para a carruagem rapidamente e some na escuridão.

A essa altura, Alissa está exausta e morrendo de fome. Decide aproveitar a confusão para fugir de lá em busca de abrigo e comida. Sem forças, avista uma casinha abandonada no meio de um bosque. Ela entra, ajeita um lugarzinho e dorme.

Ao amanhecer, Alissa acorda sentindo cheiro de comida. Levanta e se depara com uma bruxa cozinhando:

– Oh não, mais uma bruxa? Em que conto estou agora? – Alissa pensa alto.

A velha senhora vira-se e diz:

– Calma, querida! Não sou daquelas bruxas que dão maçãs envenenadas para jovens ou que lhe oferecem um par de pernas em troca de sua voz. Sou apenas uma mulher velha que vive ajudando pessoas perdidas como você. Uma bruxa do bem, eu diria.

– Mas faz poções? – Alissa questiona.

– Faço sim, querida, tanto que já sei qual poderá lhe ajudar.

– Como assim? – Pergunta a menina surpresa.

– Cansada de contos? De princesas e magias? Não deveria se surpreender por eu saber o que você está passando, Magricelinha. Eu sou uma bruxa, o que esperava? – Diz a velha levantando um pouco os braços.

– Está certo. Eu não aguento mais, só quero ir para casa e esquecer tudo isso! – Diz Alissa, sentando-se em uma banqueta de três pernas.

– Bom, eu posso lhe ajudar, mas você terá que me prometer uma coisa: irá ler mais e tentar se interessar por literaturas. Seu braço não cairá se segurar um livro. – Diz a bruxa, rindo.

Alissa confirma a promessa. Então a bruxa corta o bolo que estava fazendo, adiciona uma cobertura mágica e oferece a Alissa:

– Coma este bolo e se sentirá melhor.

Alissa aceita desconfiada, mas come mesmo assim. Então, começa a sentir algo estranho no estômago, como se sua barriga tremesse. Tudo ao seu redor fica girando. Uma tontura, escure sua visão, parece desmaiar. Em seguida, a garota abre os olhos e se vê sentada em sua cama, no seu quarto. Finalmente retornara para casa! Nunca esteve tão feliz!

Alissa começa a correr pelo seu quarto. Abraça e beija tudo que há nele até ver o bendito livro sobre a mesa. Fica paralisada encarando-o, quando a porta de sua casa abre. É Cinty. Alissa chega até sua amiga e dá um abraço apertado como se não fosse soltar nunca mais.

– Amiga, que foi? Parece não me ver há trinta anos! – Cinty diz brincando. – Eu vim pegar meu livro. Inclusive, obrigada por me mandar a mensagem, senão eu nem ia me ligar que ele estava aqui, lerda do jeito que eu sou.

Alissa ri e fala:

– Ah, pode levar, está no meu quarto. E trate de nunca mais trazê-lo para cá! – Brinca.

– Pode deixar. – Diz Cinty, folheando-o.

Alissa pensa em tudo que viveu em apenas um dia e acha estranho, afinal, parecia que nada havia acontecido, como se o tempo não tivesse mudado. Então ela olha para o relógio e são 17h34min. Fica

mais confusa ainda, pensando se aquilo realmente acontecera ou fora um sonho ou ainda, maluquice. E se realmente aconteceu, deveria contar a alguém?

A garota tinha muitas perguntas, mas decidiu esquecer e relaxar. Cinty pegou seu livro e foi embora. Alissa deitou-se na cama e tentou descansar, embora não conseguisse parar de pensar naquela estranha experiência. Chegou à conclusão de que tudo fora fruto de sua imaginação. O que ela vivenciara teria sido a experiência de ler. Quando você se interessa pela leitura, você se sente "dentro da história". Foi

então que Alissa lembrou da promessa feita para a "bruxa imaginária": ler mais e se interessar por literaturas. Quem sabe assim ela pudesse ter experiências mais agradáveis.

Os intrigantes olhos vermelhos
Vinícius Buzzi Kalbusch
2º Lugar

Acendo a luz da sala de estar, ouço alguém batendo na janela, apoio-me no corrimão de madeira, enquanto desço os degraus da escada, as madeiras rangem sob meus pés! Inclino-me para ver a luz amarela do lustre à cima da mesa, com muito receio vou andando devagar com o taco de beisebol na mão do meu irmãozinho, ele havia ganhado do vizinho Manoel. Levanto minha calça de pijama para não tropeçar, vejo a janela aberta e as cortinas voando na cozinha, observo algo batendo na janela, vou próximo a ela com medo, muito medo...

Não acredito que levantei apenas pelos galhos das árvores. Solto o taco de beisebol em cima do balcão e apoio-me na pia para fechar a janela, fecho-a e olho para trás, percebo algo com olhos vermelhos, vermelhos fortes e pele escura. De repente a luz se acende e este algo ou alguém desaparece. Ouço rangidos na escada, pego novamente o taco de beisebol na mão e vejo meus pais na escada! Vou dormir pensando: "O que era aquilo que vi na cozinha?"

No dia seguinte, vou à escola sozinho como de costume. Chego em casa, tomo banho, sento no sofá para assistir tevê e de tão cansado que estou, durmo. Acordo horas depois, assustado, pois tive um pesadelo terrível, onde alguém puxava meus pés.

Ouço batidas na porta de casa, mas logo percebo que são meus pais chegando novamente. Conto a eles por que acordei naquela noite, eles falam que era apenas um pesadelo, acredito e vou dormir. Na mesma noite acordo, reparo novamente algo ou alguém com olhos vermelhos fortes e pele escura dentro do meu guarda-roupa. Levanto-me e corro até o guarda-roupa para trancá-lo. Tranco-o e começo a gritar. De repente meus pais aparecem e perguntam o porquê de estar gritando. Falo que há alguém no meu guarda-roupa...

Corro para o braço de minha mãe como se fosse o lugar mais seguro do mundo, mas mesmo assim sinto meu coração na garganta, aflito, desesperado. Meu pai aparentemente desconfiado abre a porta vagarosamente e vê que o que está lá... Era apenas o gato de seu Manoel com olhos vermelhos e pelo escuro!

A lenda do Kraken
Luiz Gustavo Becker Schmidt
3º Lugar

Estamos há quatro dias navegando em busca de novas terras, os outros piratas já enlouquecendo, e o capitão Jack estava no seu limite. A comida e a água potável estavam acabando, até que alguém gritou:
- Terra à vista!

Era uma ilha pequena e comum com uma vila no centro. As pessoas eram gentis, o capitão não quis saquear aquele lugar por terem nos ajudado.

Tinha um senhor de idade que nos contou a história de um polvo gigante que se chamava "Kraken"; ele disse que o Kraken afundava navios e voltava para o fundo do mar.

Como o capitão era alguém animado e empolgado, decidiu que iríamos procurar o tal polvo gigante, eu tentei convencê-lo de que era apenas uma lenda, mas, quando o capitão coloca algo na cabeça, é difícil de tirar...

No dia seguinte, compramos comida e partimos logo em seguida; O capitão Jack estava empolgado, fazia tempo que eu não o via assim. Navegamos por dias, parando em pequenas ilhas e saqueando as pessoas. No décimo primeiro dia, todos haviam desistido, menos o capitão.

Em uma distração, o navio bate em algum tipo de pedra grande e vermelha. Capitão Jack mandou um dos piratas averiguar o estrago, ele saltou do

navio até a pedra. Mas, no momento que seus pés a tocaram, deu para perceber que era gelatinosa e grudenta, até que ela começou a subir, revelando tentáculos longos que se chacoalhavam incontrolavelmente.

Com um dos tentáculos, ele agarrou o pirata que estava em sua cabeça e o esmagou feito um pedaço de papel. Capitão Jack, assim como os outros, estava amedrontado, porém, maravilhado com tal criatura.

Tentamos recuar, mas ele agarrou o navio puxando para perto de si, destruindo-o lentamente com a força de seus tentáculos. Os piratas foram todos mortos pelos escombros do navio ou pelas fortes e rápidas chicotadas que os tentáculos davam.

Morreram quase todos, restando apenas capitão Jack, outros dois piratas e eu.

Subimos em cima de um grande pedaço de madeira e flutuamos para longe por longas doze horas até uma cidade ao oeste.

Ficamos em luto, tristeza profunda por nossos aliados. Hoje, 30 anos depois, sou eu, o velho da praça, que conta esta história...

III Edição
Categoria Conto
Ensino Médio

A Marca do Assassino
Lucas Andrin
1º Lugar

I

Fora da cidade de Pectuscurus, os dois irmãos desembarcaram da carroça que, uma vez, um pescador oferecera como resgate, e posteriormente como carona de uma extensa viagem. A academia de magia Drakinque erguia-se ao céu, retumbante sob a sombra das torres que perpassavam as nuvens desde que Fibur's Drakinque decidiu estudar os relâmpagos formados em tempestades. À distância, a visão sibilou calorosamente no peito de Carlos, o caçula de Sasha. “Conseguimos... Pai, Mãe. Fugimos da guerra que ocupou nossas terras e a vida daqueles que amávamos. Agora vamos estudar em Drakinque! Um dia, vamos voltar a ler embaixo daquela macieira...”

Uma voz abafada pelo coração estupefato de Carlos atravessou seus ouvidos à medida que vislumbrava os campanários e prédios que, assim como as fumaças antagônicas de seu próprio destino, se exaltavam sob a grande muralha em torno do burgo.

— Carlos! P-p-preste atenção enquanto f-falo com você. — disse Sasha afetuosamente, mas arrebatando a orelha do caçula e fazendo-o grunhir:

— O que foi? O que foi? — Ele se virou para a irmã trajada com uma saia marrom rasgada até os

joelhos e uma blusa, antes branca, agora levemente amarelada com mangas que beiravam os cotovelos. A passos largos, a garota, com joelhos machucados pelas fugas nas estradas esgueiradas por salteadores, dirigiu-se à carroça de Gerald e retirou um balaio pesado.

Em seguida, entregou-o a Carlos e apanhou um dos sacos de livros e velharias que seu caçula nunca entendeu por que trazer. Por fim, virou-se para Gerald, o pescante que salvara suas vidas.

— Obrigada por tudo s-senhor G-G-Gerald. —

Ela gaguejava desde que vira os pais pela última vez.

— Não sei o que f-faríamos sem v-você. — Exclamou para o velho que, sentado no escabelo da carroça, recebia a luz ardosa do pôr-do-sol e dispensou gratulações com uma das mãos.

Depois de anos guerreando, a idade pesou em Gerald, que fora dispensado do insuportável trabalho.

Enquanto regressava para a moradia tomada de limos, os refugiados que observou, inimigos ou aliados, todos eram iguais – os olhares dos degradados emanavam insegurança e obscuridade.

Será que essa era a vida pela qual lutamos tanto tempo? Ou foi por discursos e promessas ridículas? Desde então, o velho nunca mais foi o mesmo.

Quando a água dos rios passou a silenciar a culpa e os pensamentos obscuros que sentia, virou um pescador que buscava ajudar qualquer um que viesse a ele.

— Agradeço, Gerry.

Carlos vestiu o balaio nas costas e voltou-se novamente às muralhas do burgo cheio de algazarra devido as feiras incentivadoras dos candidatos de alistamento à Drakinque. Era simples, passava-se em algum teste, e depois aprendia magia. Seus punhos cerraram e um objetivo negro perfurou seu semblante coberto pelas sombras dos cabelos castanhos

— Aliás, você ronca dormindo. — Riu.

— Carlos!...

Antes que Sasha completasse, a gargalhada do idoso interrompeu e amparou os campos úmidos de trigo que cercavam a cidade. Lágrimas refletiram o sol vermelho, mas não caíam porque depois de tanto tempo, Gerald havia encontrado mais um pouco de sua redenção naquelas crianças tão divergentes. Um sorriso de despedida divagou pelos rostos dos três, e assim se separaram. O octogenário pilotando a carroça de burros na direção da morte; a guerra produz coitados, e deles podem surgir o que alguns chamam de monstros.

II

Enquanto os irmãos caminhavam pelos passadiços de pedras acinzentadas em direção à praça de inscrição de Drakinque, as lamparinas iluminavam, com seu fulvo vibrante, as exposições desordeiras e a noite nublada. Escuro já era, vez que a inspeção minuciosa do guarda sob os pertences de Carlos e Sasha durou o suficiente para fecharem os

portões do burgo e fazer prevalecer o preto no céu. De acordo com ele, seguir a estrada principal continuamente daria no lugar de alistamento, mas quando saíram a feira ainda estava acontecendo.

Êxtase subiu à coluna dos irmãos, que, fascinados pela feitiçaria dos magos, passaram a vasculhar os seus arredores antes de partirem efetivamente ao seu destino.

Nas primeiras tendas exibiam-se recipientes de criaturas estranhas, devolvendo os olhares dos telespectadores. Em outras duas, portais que transportavam qualquer coisa, assim como o modelo planetário flutuante criado por Yallon, representando a real estrutura dos planetas em torno do sol.

— Será que aprenderemos sobre essas coisas em Drakinque? — Perguntou Carlos virando para a irmã.

Ela o animou confirmando com a cabeça amorosamente. Então deram continuidade a caminhada, à medida que visualizavam as flâmulas dançantes nas mãos de seus performistas acima do palco e as árvores com pétalas reluzentes ao azul. Estas trouxeram lembranças profundas do cheiro do vento e dos barulhos das folhas que caíam majestosamente abaixo da macieira onde, quando crianças, costumavam ler livros.

Os cabelos loiros de Sasha resvalavam ao vento em contraste com o ciano crescente das plantas, mas, em contrapartida, suas roupas camponesas se destacaram entre nobres cheios de caprichos que

encaravam de mal agrado, mesmo órfãos da guerra sendo figuras recorrentes em Pectuscurus. De forma simplória, poderia significar desprezo, mas naquelas circunstâncias, enxergava-se algo que um destes artistas ardilosos – Makash Rubrinis, se esse sequer fosse seu nome – ponderava veemente. Aqueles olhos estridentes sob o manto rubro remexeram à tarde por esta oportunidade. Quando encontrou os irmãos apreciando-o em meio aos espectadores, cravou sua risonha face nefasta em seus rostos e, com dificuldade, barrava risadas enquanto se apresentava

no palco.
 Rubrinis, apesar da idade moderada, entretinha o público fogosamente com uma magia simples e duvidosa, depositada em um pano fino e escuro, que já demonstrava não carregar nada. De lá, ele retirou uma maçã ainda madura e mordeu, jogando o restante de volta para o tecido estranho com indiferença. Em seguida, uma espada, que brandou acima da cabeça e depositou no breu do pano novamente sem qualquer reação do fio cortante da lâmina. Quando os espectadores se deram por conta, um armário inteiro saiu do tecido, agora esticado e maior, devorando o grande objeto outra vez e depositando-o com estampido sonoro no que se assemelhava à um porão.

– Você está bem aí? – gritou Makash para o tecido.

De repente, uma voz surgiu de dentro:

– Estou sim, não se preocupe.

Uma risada irônica do mágico percorreu os observadores, e ele continuou, regozijante:

– Assistentes... Gargalhadas ganharam vida e aplausos vieram com brandura, seguida da última e irrevogável esquete do apresentador. Esta obtinha um propósito claro e real. Esta era sombria. Esta era a alacridade que Makash aguardara desde que suas vítimas não trouxeram o que desejava – a justificativa de por que raios sua mãe sorriu doentamente em seus últimos momentos de vida. O que havia de graça em morrer?

Deixar o filho para trás sozinho naquela cidade nojenta que o exploraria e descartaria como fizeram com ela?

– Como meu último número, antes de nos despedirmos nesta noite, chamo duas pessoas que já venho fitando desde que chegaram: vocês dois. – O mago apontou para Carlos e Sasha carismaticamente, o que, por trás, era um abismo sem volta.

Por um segundo, os irmãos hesitaram e os demais os encararam. Um vento gélido saltou pelas suas nuças. A guerra... a morte de seus pais... os salteadores que os perseguiram dias e noites por todas as rotas em busca de corpos que os satisfaçam, comida que os sustentem. Será que era pedir demais por um momento de inocência, um momento que deixasse se levar pela diversão daquela noite? Sasha conseguia ver que, mesmo sob dúvida, havia brilho no olhar de Carlos. Ela estava cansada de fugir de tudo e se

agarrou aquela oportunidade de fazer o seu caçula feliz cedendo ao pedido do artista.

Os irmãos subiram no palco à medida que o homem grisalho, vestido com uma longa túnica vermelha, se aproximou a passos lentos em remanso perspicaz. Dentro de sua vestimenta, era possível visualizar um bordado escuro, do mesmo tecido do qual se baseara seu show. Desconfiança perpassou os olhos de Sasha e Carlos, que perceberam o que iria acontecer. As vozes da feira ressoaram-se nos ouvidos de todos quando o silêncio rasante atravessou o palco.

Makash Rubrinis não conseguiu mais se conter e um sorriso macabro rasgou seu semblante, fazendo prevalecer as sombras no rosto velho e magrelo, as marcas bizarras de expressão e os olhos verdes tomados pela escuridão crescente do capuz. Uma gargalhada fétida em hálito adveio e então, Rubrinis saltou sobre os irmãos.

O manto se abriu como um véu da morte e, encobrendo-os, desapareceram em plena luz das lamparinas adjunto do idoso. Antes que o tecido encontrasse a madeira do palco, chamuscou e iluminaram e consumiram-no rapidamente enquanto a plateia observava pasma.

Todos sabiam o que havia acontecido, mas ninguém admitia. Preferiram se atentar a ignorância e fingir que fazia parte do show aqueles jovens serem sequestrados pelo velho, que magnífico era aos requintes da nobreza.

III

O ranger tomou conta do porão e uma porta se abriu no fim do corredor extenso que dava em escadas recém iluminadas pela luz que adentrava. Este era o primeiro brilho que Carlos e Sasha viam desde dois dias atrás. Um segundo rilhado ecoou e a luminescência sumiu novamente. A escuridão reinou por longos segundos arquitetados em passos pesados de botas de couro, e Makash Rubrinis acendeu sua vela, tão vermelha quanto o sangue que jorrou uma vez, na cela a qual se dirigia. Os irmãos se encolheram no canto do cárcere fitando o homem que, por longos minutos, observou os dois das grades com sombras pesadas nas vistas.

— Vocês sabem como esta cidade cresceu? — exclamou Rubrinis. O silêncio perdurou mais uma vez na cela, e ele retirou uma pistola de pederneira do bolso apontando-a para os dois. — Eu perguntei se vocês sabem como essa cidade cresceu!

Uma expressão triste derreteu seu rosto em agonia recordando-se de sua mãe.

Alguns gemidos resvalaram-se e uma resposta negativa sucedeu de Sasha fazendo Makash baixar a arma e continuar sua fala:

— Quando a guerra estourou, muitas famílias desabrigadas vieram aqui. Trabalho, comida, um teto, era tudo o que desejavam, mas já devem ter percebido que os olhares dos burgueses não são acolhedores. A verdade é que aqui, nos tornamos ferramentas

desesperadas que pouco ganham pelo próprio trabalho, sendo exploradas sem cessar em todos os lugares para encher o bolso e requintes burgueses.

Uma ironia raivosa perfurou seu semblante com a fala associada à mãe, que, para ele, o abandonara por causa deles.

— A grande Pectuscurus, a cidade famosa pelo progresso da magia, onde feiras incentivam órfãos desmiolados a ficarem poderosos para lutar em guerras sem sentido. Aliás, sustentada pelos equipamentos produzidos pelas famílias abusadas que fogem da mesma guerra, mas ajudam a erguer aqueles que a financiam. Agora vocês sabem por que Draquinke é gratuita, só para fisgar coitados como vocês. Tudo se justifica neste mundo putrefato.

— P-p-por que está nos c-contando isso? — perguntou Sasha enquanto Carlos permanecia em silêncio.

— Para vocês entenderem que ninguém procurará por vocês — a expressão de agonia sumiu e um sorriso demoníaco apareceu pela ânsia de conseguir o que almejava por tanto tempo. — Mas eu imploro que respondam por que uma pessoa sorri na morte, logo depois de abandonar alguém!

Novamente, o velho apontou a arma para os dois. Sasha abraçou Carlos com todas as forças, mas desta vez a bala voou na direção dos jovens. O ricochete sonoro zumbiu naquele lugar apertado, e algumas risadas ouviram-se advindas do manto

vermelho que vislumbrava os bramidos e as tremedeiras em horror.

– Você..., pode cantar como a mamãe fazia? –
Disse a voz que se engasgava no sangue aos poucos. Lágrimas escorreram em uma face histérica e repleta de tenebrosidade. Calor fluido escorreu e uma lembrança se repetiu...

IV

A macieira balançou suas pétalas amigáveis à medida que recepcionavam o chama do pôr do sol e o vento assoviava estalos em seus galhos. Algumas folhas caíram em movimentos suaves e repetitivos, até que se depositaram nos cabelos de uma Sasha dois anos mais nova, desta vez, com roupas limpas. Lendo o livro com seu caçula, não poderia esperar que sombras sagazes espreitavam o bosque próximo. A noite sem lua prometia a melhor retaliação, e os espiões longínquos sabiam, aguardando para atacarem a vila.

À frente da árvore, uma porta de madeira abriu-se, e de dentro da casa saiu uma mulher, Risha. Ela andou pela grama, guardiã das criaturas menores que ali viviam, e depôs um cesto ao chão ao passo que recolhia as roupas do varal e lá depositava. Sua cantoria, repetida desde que as crianças nasceram, caminhou pela brisa, deixando-a um pouco mais quente:

– O mar, que tão belo reflete...

V

— ..., a luz do s-s-s-s-sol. — A tartamudez não a deixava cantar e as lágrimas se misturaram com o fluido rubente. Os olhos do menino, que sorriu uma última vez, fecharam-se e o sangue se espalhou pelas mãos de Sasha em gélidas sensações determinavam o fim. Rubrinis encontrou o que tanto buscava. O riso de sua mãe, como o do garoto, era apenas uma tentativa de impedir a vista do rosto triste de quem abandonara, e a progenitora, à beira da morte, tinha esperanças que seu filho não tivesse uma vida amarga. Um arrependimento marcou o cenho do assassino por não ter realizado o sonho de sua geradora, mas como expressão única de tristeza, só soube sorrir como Carlos.

— Eu... — exclamou ela colocando o irmão em paz no cimento frio.

VI

A cantoria cessou. A mãe voltou para dentro da casa entre a macieira e a floresta carregando o balaio de roupa. Os últimos raios de resplandecência estavam atravessando o plantio de milho quando um homem chamado Journ surgiu do milharal que cercava a casa e tangenciava os arvoredos.

— Vamos, está anoitecendo. — disse ele, enquanto carregava uma enxada apoiada no ombro

direito e o céu já possibilitava a visão das estrelas contrastadas com o leve azul morto.

— Certo, pai. Acabamos de ler amanhã, Carlos. — Exclamou Sasha com pesar à criança empolgada, que um bico fez ao ver sua irmã se levantar e sacudir o vestido avermelhado.

Ambos caminharam para dentro da moradia, que de barulhos e gritos estava saturando-se, assim como o restante do vilarejo poucos segundos depois. O homem correu e abriu a porta em desespero com a inchada em punhos, mas já era tarde, o sangue de sua

esposa escorria pelas gretas do chão de madeira, e seres armados com espadas fitaram o fazendeiro

assombrado em exasperação furiosa. — *Risha?* — disse ele. Os olhos dos jovens se arregalaram em desespero, e o pai jogou a ferramenta giratória cravando-a no pescoço de um dos assassinos. Este tombou deixando sua espada cair logo à frente do corpo que uma vez fora esposa de Journ.

— M-m-m-m-mãe? — disse Sasha dando o primeiro sinal de gaguejo e segurando o caçula atrás de si, criança que observava retraída, sem entender o que acontecia.

O pai avançou ferozmente buscando a espada que acabara de cair e, quando a pegou, foi coberto pela sombra do guerreiro progredindo ao golpe vindo de cima. Então, o fazendeiro levantou um dos braços musculosos, bloqueando a lâmina cortante até metade de seu antebraço. Com sua outra mão, agarrada ao

punhal do gládio, arrastou a afiação metálica rasgando a perna do sujeito, que caiu em um vaso de cerâmica, recebendo cacos cortantes em seu pescoço. A agonia voltou-se para aqueles olhos que mal recebiam sangue, mas uma segunda lâmina foi retirada de seu tabardo penetrando próximo a região do peito de Journ.

– P-p-p-pai! – gritou Sasha paralisada enquanto o caçula se escondeu atrás de suas vestes choramingando.

– Saiam da daqui! – Bramiu Journ, perdendo suas forças e caindo em cima dos corpos. – Por favor, fujam! – Os olhos refletiram o choro do homem que já soluçava sob a luz das velas laranjadas adentro da casa.

Um sentimento gradual de raiva entorpeceu Sasha, que reagiu com expressão pavorosa de ódio e medo, pois parecia a ela que destruiria tudo ao seu redor. A sensação era prazerosamente assustadora. A vingança entregando-lhe um novo significado à vida. Então Journ, observando a face composta por sombras da filha, percebeu que suas últimas palavras deveriam ser incomuns:

– Não os odeie, minha filha. Eu prefiro que você sorria novamente, pois sempre será mais bonita assim.

A potência macabra sumiu, e Sasha começou a chorar.

– M-m-mas eu...

VII

— ...vou matar você, seu filho da puta! — Disse ela explosivamente cravando a frente nas grades da cela à medida que suas mãos apertaram o ferro enferrujado, passando a ranger sob o sorriso louco da garota. Os olhos refrataram apenas uma porção do espasmo crescente e visualizaram os amedrontados misturados com risadas rasantes de Makash. Ele enxergou mais do que procurava naqueles irmãos, agora ele reconheceu a si mesmo também.

Naquele porão, pela primeira vez o aço cedeu e quando Sasha saiu de sua cela apertada, carregada do corpo de Carlos. Ela gargalhou, imunda e conturbada, junto a Rubrinis, enquanto o desfigurava a socos e a vela que caíra no chão queimava a parafina. — Des... culpa... mãe.

Ao final, durante o tempo em que o cadáver fétido do homem se espalhava mais e mais naquele porão sob o pretexto dos golpes vagos e irrealis, o regozijo crescente de Sasha não sumiu até que Rubrinis se torna irreconhecível. De repente, a garota experimentou suas emoções de prazer interno penderem ao vazio recheado com apenas um único sentimento. Levantando de cima do cadáver, um sorriso delirante se espalhou com caligem em sua face. A ânsia por mais cresceu no mesmo momento em que as lágrimas derreteram seu rosto, e por um instante, Sasha se encontrou observando seu desejo

circunstâncias. A vida transplanta da, mas para assim como, talvez não do mesmo modo ou pretexto que Rubrinis possuía, mas certamente almejava a vida alheia para trazer-lhe algo a mais, fossem respostas, fossem sentimentos.

Ligação Espiritual
Bruno Moretti Leite
2º Lugar

Estar deitado naquela cadeira de divã suede com seu aconchego neo-paterno numa sala transbordado obras de Freud e Dostoiévski, decorada de bacharéis antropólogos, não era seu habitat natural. Era um homem tradicional, nascido antes da virada ao século XXI, beirando os cinquenta anos e com a cor castanha da sua juba respeitosa para a idade já esmaecendo. Não era diferente de nenhum produto de sua época: amava o maldito hábito de resguardar todos os seus sentimentos dentro de si e fechá-los a sete chaves e sete portas, odiava qualquer emoção além de felicidade ou contentamento e preferia ficar em casa assistindo jogo do Palmeiras. A sala em tons cinzentos e marrons do psicanalista que anotava toda emoção expressa numa prancheta com sua caneta Cartier era o último recurso de um homem ansiando desesperadamente por um ultimato definitivo das suas mágoas shakespearianas, sem vontade de epílogos.

- E como você me descreveria o momento da partida, Roberto? - Purpurava o analista com seu tom manso de gato de madame. - Parece que pesou muito na sua mente.

- Demais, doutor. Demais.
- Articule mais, sim?

- Era como... Era como se a minha felicidade estivesse desaparecendo na minha frente. Eu podia sentir a alegria esvaziando para fora de mim. Coração pesado. Nó na garganta. Mão tremendo, respiração desregulada.

- Hm. - Fungou o homem, seguindo a rabiscar palavras no papel. Passava os olhos por cima das informações que já tinha obtido e formulava outras perguntas cirúrgicas. - E essa reação de desolamento foi única para essa situação, foi uma resposta momentânea ou você se recorda de outras instâncias que tenha respondido nessas linhas? Pode ser uma expressão do seu *modus operandi* em casos dessa natureza.

- Não, doutor. Longe de eu ser assim. Foi algo como eu nunca tinha sentido antes. Eu já passei por poucas e boas, mas nunca fiquei desse jeito. Quando eu cheguei e vi a sala vazia...

Roberto teve de se interromper, cobrindo a boca com as costas da mão, pois sentiu dentro de si um impulso de que poderia começar a chorar de novo. O doutor prontamente deslizou uma caixinha de lenços pela mesa de vidro, que o paciente também prontamente recusou. Pôs a mão livre no peito e respirou fundo para retomar forma.

- Roberto, aqui é um local seguro. O que acontece aqui, morre aqui. Sinta-se livre para expressar as emoções como elas vierem. - Assertou

com toda sua gentileza. – Se você estiver se sentindo sobrecarregado, podemos acabar a sessão mais cedo.

– Não, doutor... Desculpa... É só... É muita coisa para digerir. – Soltou um suspiro e passou a mão pela testa até alisar o cabelo.

– Não se desculpe, Roberto. É uma reação normal da terapia. Mas o ato de mudança é normal. Acho que todos nós compreendemos isto em diferentes graus. É uma fase essencial da vida.

Roberto mirou o homem com sua careca complementária aos óculos quadrados e sentiu uma vontade gigantesca de explodir ali mesmo. Ele nunca entenderia.

– Mas há alguma razão maior por essa melancolia excessiva? Você leva algum arrependimento? Existem pontas duplas, opa, desculpe-me, lapso freudiano, pontas soltas?

– Traí... – Falou com um caroço na garganta. O analista arqueou as sobrancelhas e fez um sinal para que prosseguisse com a história. – Uma vez só. Depois de mais de seis anos juntos. Me arrependi logo depois que saí. Não consegui encarar meu reflexo no espelho por mais de uma semana de tanto que eu me senti mal.

– Como foi o caso? Se não for muito intrusivo, claro.

– Foi último recurso. Foi um ato de desespero meu. Nunca teve ligação, nunca teve amor. Eu já passava das semanas crescendo essa vontade, e o nosso horário nunca conseguia bater. Sempre tinham

outros compromissos, trabalhos, reuniões... Então eu, no impulso e na frustração, deixei acontecer o que aconteceu... - Roberto engoliu em seco. - Quarenta reais pelo serviço completo.

- E vocês discutiram sobre? - Prosseguiu o doutor.

- Nunca contei. Houve uma certa desconfiança quando eu apareci lá depois de tanto tempo fora. Não sei se fui descoberto ou se alguém contou o que aconteceu, mas dava para sentir no ar uma mudança de humores.

- Descreva essa mudança de humores. Como era a relação de vocês na rotina? Como foi o impacto?

- Nossa, era coisa de sonho... A gente se entendia sempre tão bem em qualquer coisa... Nunca tinham fim nos nossos assuntos. Tinha que se separar praticamente à força. Só quando chegava reclamação dos clientes que a gente ia cada um para o seu canto seguir a vida. E no final sempre, eu digo sempre, acabava perfeito. Não precisava nem mais troca de palavras. A gente se comunicava quase que por telepatia.

Deu para se notar um sorriso de canto de boca carregando em si uma leveza extraordinária. Os olhos tintilavam de tamanha ternura como se fossem descritos numa cantiga de ninar. Continuou:

- Mas a última vez que eu tive chance de aparecer lá foi umas três semanas atrás, um bom tempo depois do meu deslize. Ficamos mais em silêncio que o normal e, essa semana, quando eu fui

ver, simplesmente não estava mais lá. Nenhum resquício de que já existiu. Sumiu. Agora eu sigo, né? Vou tocando a vida como dá, mas não minto que tudo anda muito complicado...

O paciente bufou e o analista fez suas últimas anotações depois de checar seu relógio de pulso. Retribuindo e refinando toda a informação obtida naquela curta hora de uma quarta-feira, deu seu veredito final:

- É um mundo grande, Roberto. As engrenagens viram, o destino muda, a vida segue.

Viver em nostalgia na esperança de um sentimento que já foi não causa nada além de dor. Você vai encontrar outro alguém.

- Doutor, o senhor não entende. Isso não é uma relação que se constrói de uma hora para outra. É uma ligação espiritual. Nunca vai ter alguém que faz como ele fazia.

Ah, meu Deus, o que vai ser de mim agora que ele se mudou?

- Deixe disso, Roberto. Existem vários outros barbeiros nessa cidade.

No Balcão
Yasmin Walker Maciel Queiroz
3º Lugar

Sentada sozinha numa cadeira meio bamba do restaurante, Clara estava apreciando as últimas mordidas da sua empadinha de palmito quando o viu chegar.

Quase nunca saía para lancha fora, ou com as amigas, ou só sair em geral. Na maioria das vezes, Clara fazia um almoço sem gosto e, caso tivesse fome à tarde, uma pipoca de micro-ondas. Não sabia por que naquele dia, nem por que aquela lanchonete ou por que uma empadinha de palmito, só estava ali. Talvez estivesse triste por ter estragado sanduicheira e precisava de um consolo, mas não sabia ao certo se era isso. Não até ver Bruno Soutto Garcia entrar.

Será que era ele mesmo? Antes que pudesse controlar, seu coração deu um pulo. Estava tão diferente. Para começar, tinha o cabelo mais curto e menos bagunçado do que se lembrava, sem contar que parecia mais bem vestido do que o menino de roupas remendadas e largas com que havia se acostumado.

Definitivamente, estava mais alto, talvez uns 5 centímetros. E mais importante, tinha algo diferente que brilhava em seus olhos castanhos com manchinhas pretas. Algo conhecido, ainda assim, diferente.

Mas quem era ela para afirmar isso? Não o via há quanto tempo? 11 anos...

Ou eram 12? Não importava. Nem sequer lembrava que ele existia há segundos atrás.

E outra, quem podia garantir que era ele mesmo? Podia estar confundindo Bruno com um estranho sentado no balcão. Um estranho que, por mera coincidência, tinha o mesmo nariz, levemente inclinado para direita, os mesmos olhos, amendoados e sérios, e, parando para observar, a mesma pintinha na lateral do pescoço. É, não dava para negar. O homem encarando o cardápio da lanchonete era Bruno.

Clara então percebeu que tinha parado de comer e olhava fixamente para onde o moço estava sentado. Desviou rapidamente o foco para as migalhas de empada no prato. Ele provavelmente já a tinha avistado quando chegou, afinal, sua mesa dava de frente com a entrada. Talvez estivesse evitando-a, assim como o evitava agora.

Ou tinha passado distraído por onde Clara estava sentada e foi diretamente ao balcão, de onde fazia seu pedido para a atendente.

– Quer um? – Lembrava das palavras. Foi assim que se viu gostando dele. De repente, Clara estava de volta ao quinto ano do fundamental, quando tinha esquecido o lanche e, sem sua melhor amiga, Thais havia faltado naquele dia, encarava o chão tristonha. Bruno, sempre muito educado, ofereceu-lhe uns salgadinhos do pacote barato que

tinha. “Era um motivo meio besta para se gostar de uma pessoa”, parava para pensar.

Depois disso, cada interação com ele ocupava sua mente. Como quando ela esbarrou com ele uma vez na educação física, ou quando fizeram um trabalho de matemática juntos, ou quando ela percebia que ele a estava encarando. Clara se divertia em relembrar cada momento. Era estranho perceber quanto tempo tinha se passado desde que eles saíram da escola e se afastaram de vez. Não pensara mais em Bruno desde então.

— Já posso tirar? – O garçom perguntou subitamente, apontando para o copo de refrigerante vazio e o prato na mesa.

— Claro. – Ela respondeu ainda meio imersa nas lembranças.

E se fosse até o balcão falar com ele? Poderiam conversar sobre onde cada um trabalha agora, sobre a inflação dos preços ou o clima, caso ficassem sem assunto.

Podiam até mesmo rir e trocar os contatos um do outro. Que mal poderia fazer? Só estaria revendo um amigo. “Não é como se você ainda gostasse dele”, lembrou a si mesma. “É isso, vou até lá”, pensou.

Clara percebeu que estava um pouco ansiosa e puxou o ar tranquilamente, como tinha aprendido nos vídeos de meditação guiada da internet. Não funcionou. No instante que pegou o impulso para levantar da cadeira, ela parou. Não porque tinha se acovardado, mas sim porque, agora, outra pessoa se

achegava no banquinho ao lado de Bruno. Parecia um conhecido, ela reparou pelo jeito com que se cumprimentaram, um abraço. Os dois começaram a tagarelar. Apesar de inconveniente, não aparentava ser uma conversa que se alongaria, Clara poderia esperar. Não era obrigada, mas poderia.

– Não vou morrer se esperar uns minutinhos.

- Falou baixinho para si mesma.

Acontece que o assunto com o amigo parecia não ter fim. Cada tópico levava a um outro, que gerava outro, e assim por diante. “Se já esperei isso tudo, agora posso esperar mais”, reforçava ela, conforme a conversa era prolongada por um novo tema interessante e mais risadas descontraídas, que, para ela, pareciam falsas.

Quando tinha a impressão que queria desistir e ir para casa, lembrava-se de que aquela espera toda tinha que valer alguma coisa, como se precisasse se convencer de que não estava agindo como idiota.

– Vai querer pedir mais alguma coisa? -

Perguntava o garçom com olhar julgador.

– Não, obrigada. Já estou de saída.

– É que faz mais de meia hora que você acabou de comer.

– Sim, e eu disse que já estou de saí... - Clara parou.

O amigo inesperado tinha finalmente rapado o pé. O caminho estava livre. Ela levantou de supetão, arrumando suas roupas. Notou que não tinha se maquiado naquele dia. “Paciência”, pensou. Antes que

pudesse evitar, começou a duvidar se deveria mesmo ir. E se ele não quisesse ser incomodado? Bom, então não teria gastado quarenta minutos conversando com aquele outro cara. “Não é para tanto, Clara, deixa de neura”, incentivou-se enquanto aumentava a velocidade até o balcão.

Olhava diretamente para Bruno, que já tinha comido e se preparava para ir pagar. A distância entre eles pareceu aumentar. Clara apertou o passo. Grande erro. Não viu outro garçom que passava segurando uma bandeja com dois copos cheios de suco de uva.

Pelo visto, ele também não pressentiu a colisão, já que, segundos depois, os dois se trombaram fazendo um estardalhaço grande o suficiente para todos da lanchonete conferirem o que tinha acontecido. Para piorar, um dos copos caiu e se estilhaçou em vários pedaços que corriam tilintando pelo chão.

Envergonhada e percebendo os sussurros agitados que seu banho de suco despertou, Clara apoiou-se em uma das cadeiras do balcão.

– Quer um? – Ofereceu uma voz familiar.

– Como? – Ela ergueu os olhos. Bruno a encarava oferecendo um guardanapo.

– Para se secar. – Disse ele de forma simpática, voltando a se dirigir para o caixa.

– Espera, é a Clara! Lembra de mim? –

Perguntou, ao mesmo tempo que tentava enxugar o que conseguia da camisa ensopada.

– Clara? – Estranhou ele. – De onde mesmo?

– Da escola, estudávamos juntos. – Olhou para ele, esperançosa.

– Ah! Claro... – Fingiu Bruno, que obviamente não se lembrava.

Silêncio.

– Bom, tenho que ir, fica bem, Clara... Foi legal te ver de novo. – E, assim, saiu deixando Clara atônita e pingando suco de uva.

– Me desculpa, moça, não te vi. – Suplicava o garçom desastrado se aproximando.

– Não, tudo bem. – Respondeu – Só me vê mais uma empadinha de palmito, por favor.

Por fim, sentou-se no balcão.

IV Edição
Categoria Poema
Ensino
Fundamental

A incógnita da lanterna
Jholiny Miranda Souza
1º Lugar

Numa noite escura
Um pontinho amarelo
Surgiu da minha janela
E veio um calafrio
Por volta de minha canela.

Eu estava com medo
Até que eu vi um carpinteiro
Saindo de uma casa mal-assombrada
Onde moravam duas empregadas
Que eram muito mal-educadas.

A dúvida logo me invade e pergunto:
Será que ele faz um escondido culto?
Ou esconde coisas no escuro?
Mas será um ritual?
Ou apenas à luz de uma vela... Lê um jornal?

O pontinho amarelo da janela
Era apenas a sua lanterna...
E a casa mal-assombrada
Ficava ao lado de uma taverna
Onde ele ia para beber, pois não tinha o que comer.

Receosa fui ao quarto de minha vó
Ao lado dela estava um cipó
Pulei de susto ao escutar um barulho
Era só Fernandinho...
O meu fiel cachorrinho.

Minha vó rapidamente
Virou uma delinquente
Oh, perdão...
Não quis dizer literalmente
Estava mesmo, era doente.

Ligeiramente me puxou pelos braços
Também roubou um guardanapo
Para amenizar seu resfriado.
Levou-me para o cantinho da cama
E começou a me contar um drama...

“ Uma história vou lhe contar:
De duas irmãs do Paraná
que vieram para ficar
Após verem o carpinteiro
acharam que o sujeito tinha muito dinheiro.

As duas se apaixonaram
por um pobre homem velho
Mas o que elas não sabiam...
Que devido a isso
Seus futuros seriam em um cemitério!

Após saberem que teria guerra
As duas viraram feras
Sofrimento, raiva, rancor e mísera sorte
Brigaram até a morte
Por um pobre velhote.

Agora todas as noites ele as visita
Levando duas orquídeas
junto com uma lanterna
Para duas mulheres ternas
Oh coitadas...Eram tão belas!

Agora um aviso lhe dou
Por trás da luz de um grande amor
Pode haver um obscuro terror..”

Pequenos insetos
Bruno Venturi Moretti
2º Lugar

Pequenas como só elas
Estão em todo o mundo
Tentando se livrar de perigos frequentes
Dando uma aula de como se trabalhar junto.
Tudo parece para elas imenso
Um mundo de coisas gigantescas
São espertas e intensas
Fazem parte da natureza.

Muitas vezes passam despercebidas
Sem ganhar o mínimo de atenção
Eu, falo das formigas
Que merecem nossa admiração.
Seres miúdos, mas de um exemplo grandioso!
Enquanto muitos reclamam da vida
Elas trabalham unidas
Como um todo.

Trabalham juntas o dia inteiro
Cada uma sabendo sua obrigação
Uma corta a folha e carrega
Enquanto uma deixa, a outra pega.

Elas nos mostram que a união é importante
E o esforço é valioso
São o exemplo a ser seguido
Pelo homem preguiçoso.

Devemos dar valor a nossa vida
Aproveitando cada dia
Estando com nossos amigos e família
E seguindo o exemplo das formigas.

O simples fato de ser simples
Augusto Cesar Nasário
3º Lugar

O que faz eu me sentir vivo
É um bom chá feito na hora
Com água vinda do poço
E o chá colhido na horta

O que faz eu me sentir vivo
São bons abraços e risadas
Um livro muito bem lido
É ali onde encontro morada

Hoje vejo a felicidade
Brotando do mais simples gesto
Do abraço, do sorriso, da caridade
A alegria está no modesto.

IV Edição
Categoria Poema
Ensino Médio

Sincretismo financeiro

Bruno Moretti Leite

1º Lugar

Sem sentimento por trás do nó da gravata
aspas: quinto dia útil é o ápice; lapsos
por entre sorrisos tão ácidos; rígidos
perda de espírito por dígito; cítrico
sonho antes tão vívido; morto
rezando por Crédito e Débito,
o politeísmo do cético.

Sem sentimento por trás da maquiagem barata
me bota na cruz que eu te digo os pecados
vendendo inocência para o meu Pôncio Pilatos
sob a luz de teto do carro importado, BMW
liturgia divina, eu comungo em centavos
Maria Madalena na esquina da estrada
rezo de joelhos, mas morro na calçada,
a monoteísta de conceição maculada.

Sem sentimento por trás do clique do gatilho
pego no três-três, soa a sexta trombeta
tudo pelo pão nosso que me falta na mesa
meu Cristo é pro bono, meu demônio Excelência
meu Deus, caiba na fiança que meu pecar é vivência
sem penitência, eu juro na Bíblia e minto na cara,
ateísta jurídico que azeda na cela gelada.

Alphaville nas minhas preces,
apodreço no vale de lágrimas
sete céus com especulação imobiliária para cada
Bacen é a Meca, versículo no contrato da Ailos,
queda de ação, prestação, crediário.
Eu saio cedo de casa, tem um morto na estrada,
espero que Jesus perdoe meu atraso no itinerário.
Capitalismo lifestyle – abençoado seja.

A chuva
Patrick Sabino
2º Lugar

Acordo cedo de manhã, vejo o sol, vejo o céu,
Vejo o dia a começar, a arte no papel.
Me arrumo, coloco a roupa, estou prestes a sair,
O hoje mal começou, tem muita coisa a vir.
Vejo mais uma vez o céu, só por precaução,
E o dia, antes radiante, se tornou escuridão.
A chuva chegou.

A chuva chegou com força, com raiva, com emoção,
Dava para perceber que de casa não sairia cedo não.
Cada gota era uma flecha, querendo minha alma
morta,
Vinham com muita fúria, tentando arrombar minha
porta.
O medo chegou, a ansiedade, por azar, também,
Só havia uma coisa que podia fazer para meu bem.

Enfrentar a chuva.

Enquanto pensava em qualquer jeito de vencer essa
luta,
Lembrei que, na minha gaveta, havia um guarda-
chuva.
Peguei-o, uma capa velha, e a porta destranquei,
Abri o guarda-chuva, e bem fundo respirei.
Saí correndo pela rua, rápido como o vento,

Me molhei bastante, mas a roupa seca com o tempo.

Quando menos percebi, o Sol de novo brilhava,
O tempo ruim foi embora, e o bom voltara.

Eu venci a chuva.

17 anos
Maria Eduarda Rosa
3º Lugar

Como já chegou?
O tempo passou.
Tá! Já vou.
Calma, ainda não acabou...

Os anos estão passando,
A ficha caindo,
Tanta coisa chegando,
Pensamentos indo e vindo.

Quando paro para pensar
É até difícil acreditar.
Em menos de uma semana faço 17,
Abrindo as portas do último ano que promete.

O último como adolescente,
Tão imperfeito e inocente,
Antes do súbito dezoito.
Será que aproveitei o suficiente?

Da vontade de dizer:
TEMPO, PARA!
Mas não tenho o que fazer,
Ele não vai ouvir.

Na verdade, parece que ele me diz:
Vá se divertir,
Crie memórias do que vir,
Ainda há tempo para se despedir.
Falta um ano para começar a dirigir,
Alguns meses para faculdade decidir.
Tem um espaço de mim ainda antes do peso cair,
Antes da maioridade atingir.

Mas, tempo...
Tenho responsabilidades na fila
E não consigo ficar tranquila
Com essa crise de idade
E a crescente ansiedade.
Para muitos posso ser tola considerada,
Mas, essa é a verdade:
Não me sinto preparada!
Tenho que fazer escolhas!
Me preparar para futuras decisões,
Furar a minha bolha,
Sentir as pressões,
Deixar de lado as hesitações.

Nesse ano, desejo que você viva intensamente,
Tendo em mente que é preciso viver com medo e
verdadeiramente!

Você está me desafiando
E, ao mesmo tempo, aconselhando.
Pensando e repensando,

Eu agradeço e, por isso, estou aceitando!
Vou com minha turma estudar, torcer e debater
E nos joguinhos da educação física tentar vencer!
Vou dar conta dos cálculos difíceis
E de problemas invisíveis.
Quero curtir os 15 minutos de recreio
E aprender com meu receio.
Me estressar com provas,
E conhecer pessoas novas.
Estudar pro vestibular
E sendo do time arco-íris sempre me orgulhar!
Respirar fundo e aceitar me respeitar...

Em mim, acreditar!
E, por fim...
Entender que é tempo de crescer.

IV Edição
Categoria Conto
Ensino
Fundamental

Meu amigo o Homem Sombra
Maria Eduarda Goede de Souza
1º Lugar

Ding-ding-ding.

O sino bateu, hora de ir embora. Juntei minhas coisas e saí correndo da escola animado, indo em direção ao parque. Olho para os muros das casas e prédios no caminho, e lá estava ele, sorridente como todos os dias, esperando-me: o Homem Sombra, pelo menos era como eu o chamava. Ele era meu melhor amigo e eu era o dele.

– Olá, Homem Sombra.

Ele tira o seu chapéu coco engraçado da cabeça e me cumprimenta.

– Estou indo ao parque! Quer ir comigo?!

O Homem Sombra abre um sorriso, e faz que sim com a cabeça. Sorrio.

– Então, vamos – disse, puxando-o pela mão e saindo desembestados em direção ao parque.

Chegando ao local, fui direto em meu brinquedo predileto, o balanço, já que tantas tardes incríveis foram passadas ali.

– Você pode me balançar? – Pergunto, já sentando no brinquedo. Sua sombra se move entre as árvores, ele se aproxima, segura as cordas do balanço e puxa para trás o mais longe que consegue e solta.

– Uhuuu! Mais alto! Mais alto! – Gritava, entre risadas.

O tempo foi passando e o sol foi se pondo.

– Puxa! Já é bem tarde, vovó vai ficar uma fera, melhor irmos logo para casa.

O Homem Sombra concordou e voltamos para casa. Minha avó estava na cozinha, preparando o jantar: bolo de chocolate.

– Humm... – suspirei quando senti o cheiro bom de comida. Bolo de chocolate, delícia! – Oi vó, como a mamãe está se sentindo hoje?

– Está atrasado, onde estava a uma hora dessas? – Disse, brava.

Eu e o Homem Sombra nos entreolhamos com medo.

– Está... Estava no parque, vó.

– Uma hora dessas, sozinho! Não quero você andando por aí à noite sozinho, essas ruas são perigosas.

– Mas vó, eu não estava sozinho.

– Se não estava sozinho, estavas com quem então?

– Com o meu amigo, o Homem Sombra, nós brincamos juntos a tarde toda – disse, e o Homem Sombra afirmou com a cabeça repetidas vezes.

Ela suspirou, e revirou os olhos.

– Não quero mais você chegando depois do pôr do sol em casa, estamos entendidos?

– Sim, senhora. Eu e o Homem Sombra concordamos assustados.

– Tudo bem, vamos comer.

– Oba! – Exclamei, salivando, quando ela colocou o bolo em nossa frente, mas não era qualquer bolo, era o bolo de chocolate especial da vovó, o melhor do mundo inteiro!

– Mas, primeiro, vá levar um pedaço para a sua mãe.

Peguei um pedaço em um prato e fui em direção ao seu quarto. Bati na porta, mas não obtive resposta, então, entrei.

– Mãe, sou eu, como você está?

Olho em volta, no quarto escuro, ela está deitada em sua cama, os olhos marejados e o semblante triste, várias caixas de remédios estão em cima do bidê; pulo em cima da cama, sorridente.

– A vovó fez um bolo de chocolate, só o cheiro está de matar... trouxe um pedaço para você.

– Eu não estou com fome.

– Mas mãe é o bolo da vovó, o melhor do mundo!

– Já disse que não estou com fome, agora, saia daqui, quero dormir.

– Tudo bem.

Saio do quarto cabisbaixo e vejo o Homem Sombra me encarando, à procura de uma resposta.

– Ela ainda não melhorou, acho que os remédios não estão fazendo efeito, nem bolo de chocolate da vovó ela quis... só queria que ela melhorasse logo.

O Homem Sombra se aproximou e colocou sua mão em meu ombro, como um gesto de carinho.

– Vamos, menino, o café vai esfriar – minha avó gritou da cozinha. Quando cheguei sozinho, ela estranhou. – Sua mãe não quis o bolo?

– Não, não quis. Por que ela ainda está doente, vovó?

– Ela só está cansada, querido.

– Ela está sempre cansada – bufei.

– Dê tempo ao tempo, uma hora ela vai melhorar. Agora anda, vai comer o bolo.

Sentei-me à mesa com o Homem Sombra, e devorei o meu pedaço.

– Vó, corta mais um pedaço.

– Não, chega de bolo, mocinho, você já comeu demais.

– Mas não é para mim, vovó. É para o Homem Sombra.

– Que é isso, garoto, inventando mentiras agora só pra conseguir mais bolo?

– Mas não estou mentindo vovó, é o preferido do Homem Sombra.

O Homem Sombra fez que sim com a cabeça.

– Homem Sombra pra lá, Homem Sombra pra cá, já estou ficando farta com as suas mentiras.

– Mas vovó...

– Já chega, vá para o seu quarto, não vai ter mais bolo por hoje.

Eu e o Homem Sombra vamos tristes para o meu quarto.

– Poxa, por que ela não acredita na gente?! Quero dizer, é o seu bolo preferido, e você é real, muito real.

O Homem Sombra faz um gesto com as mãos expressando também não entender.

– O pior é que agora ficamos sem bolo de chocolate, tem castigo pior que esse? – Caio em minha cama reclamando. – Se ao menos a mamãe melhorasse... Ela está assim há meses, achei que ficaria boa de novo, mas não...

De repente, tive uma ideia:

– Poderíamos fazer algo para animá-la, algo para deixar a mamãe feliz de novo.

O Homem Sombra abriu um sorriso e pulou de animação, concordando que essa era uma ótima ideia.

– Mas o que poderíamos fazer? Se nem o bolo de chocolate especial da vovó funcionou.

O Homem Sombra suspirou, sem nenhuma ideia, até que....

Ele estalou os dedos e pulou.

– O que?! O que foi?! Você teve alguma ideia?

Ele pegou um lápis e começou a escrever em uma folha.

Eu me aproximei e li o que estava escrito.

– Isso pode funcionar!

No dia seguinte, na volta da escola com a ajuda do Homem Sombra, preparei uma surpresa para a minha mãe. Cheguei em casa animado e dei um beijo em minha avó.

– Oi vó, mamãe ainda no quarto?

– Sim, meu filho, ela não está muito disposta hoje, mas que animação é essa?

– Tenho algo para ela que acho que ela vai gostar!

Vou ao quarto dela. Toc-toc-toc.

– Mãe, sou eu. Abre a porta!

Sem resposta, eu entro.

– O que você quer? – Ela disse, sonolenta.

– Ver como você está!

Abro a janela, deixando a luz e a brisa agradável do dia entrar.

– Mas o que está fazendo, menino? – Ela gritou furiosa. – Feche já esta janela!

– Mas olha como está lindo o dia lá fora, mãe.

Minha mãe parou e olhou pela janela, fazia tempo que ela não via a luz do dia.

– Tenho algo para você – digo me aproximando. Tiro uma caixinha pequena de fósforo do meu bolso e entrego a ela.

– O que é isso? – Ela disse, ainda irritada.

Ela abre a caixinha enrolada em um laço vermelho e vê uma linda arte com uma pequena Plumeria feita de papel. Lágrimas escorrem pelo seu rosto.

– Não chore, mamãe, não quis te magoar, só queria fazer algo para te deixar mais feliz – digo com um sorriso triste.

– O seu pai... ele... ele costumava fazer isso para mim quando eu estava triste ou zangada, ele

sempre conseguia me fazer rir... era uma coisa só nossa, como sabia?

– Não sabia, o Homem Sombra que me contou.

– Por que faz isso comigo? Não sabe o quão difícil já é para mim, sem lembranças constantes do que perdemos!

– Não, mãe! Está errada, não são lembranças do que perdemos, mas do que tivemos!

Olho para o canto do cômodo e vejo o Homem Sombra parado, escutando, com um sorriso triste em seu rosto. Minha mãe sorri ao olhar para a flor novamente, de uma forma que não fazia há muito tempo.

– Quando você ficou assim tão esperto?! – Ela me abraça e faz cócegas.

– Para, para! – Gritei, entre risadas.

– O que você acha de irmos ao parque hoje?

– Eba! – Comemorei.

– Então, vamos!

Minha mãe deixa o quarto e vai em direção à porta.

Sombra! Conseguimos, Homem

Conseguimos! – Olho em volta, mas não o vejo mais.

– Homem Sombra? Homem Sombra?

Ele não aparecia, onde ele estava? Tinha ido embora?

– Vamos filho! Vai escurecer logo!

– Já estou indo, mãe. – Saio do quarto correndo.

Chegamos ao parque e vou direto ao balanço, procurar pelo Homem Sombra – ele só podia estar ali, no nosso lugar preferido.

– Homem Sombra! Homem Sombra! – Chamo, mas ninguém responde; olho para o balanço. – Ah... – exclamo ao lembrar de quantas tardes passei com o meu pai ali, balançando o mais alto que podíamos alcançar.

Noto algo em cima do banco, aproximo-me e vejo que é um chapéu, o chapéu coco do Homem Sombra, o chapéu do meu... do meu pai; o chapéu que

ele sempre usava. Pego-o e coloco-o em minha cabeça.

Minha mãe me alcança e começa a me balançar o mais

alto que pode. Ela me dá risadas e sorrisos, olho para o céu e

posso jurar que vi o Homem Sombra sorrindo para mim, uma última vez, então digo:

– Obrigada, Homem Sombra.

O romance inesquecível do pianista
Ayla Luiza de Souza
2º Lugar

Ele a conheceu depois de sua fase final. Ele conhecia o pai dela e ela foi apresentada como fã. Eles se deram bem instantaneamente. Ela foi um grande apoio para ele e ela adora quando ele toca para ela. Ele ainda se lembra de como eles riam juntos e ela o beijava e fugia, rindo. Ela adorava ser perseguida e ele sempre a atendia, seus braços pegando-a ao redor de sua cintura esbelta e girando-a para beijar seus lábios dispostos.

O dia em que se casaram foi o melhor dia de sua vida e viveram felizes por cinco anos. Cinco anos lindos e maravilhosos. Quando eles receberam a notícia de sua doença, já era tarde demais. Ela passou o tempo todo no hospital e ele não tocava mais. Ela sabia que seu tempo estava próximo e ele a trouxe para casa para que ela pudesse ficar confortável. Ela sabia que era sua hora, mas ele recusou. Ela queria que ele fosse feliz, ela queria que ele a amasse, ela queria que ele tocasse. Ele empurrou a cadeira de rodas para a sala de música a pedido dela, mas, quando sentou no banco, seus dedos não se moveram. Ele apenas olhou para as chaves sem expressão, sua mente apenas em sua linda e gentil esposa.

Ela o incitou a tocar, ela implorou, com lágrimas nos olhos, mas ele não conseguiu. Ele ergueu as mãos, pressionando suavemente as teclas e ouviu

um pequeno som satisfeito de seu amor. Seus dedos começaram a se mover, dançando no preto e branco, movendo-se tão rápido que se tornaram um borrão. Ele tocou e tocou, e viu sua esposa relaxar com o canto do olho. Seus olhos se fecharam, seus lábios se separaram, sua alma se foi. Linda, mesmo na morte.

Ele tocou e tocou e tocou, seus dedos ficando dormentes, mas, mesmo assim, continuou a tocar. Ele continuou a preparar o caminho para sua esposa com sua melodia, sua canção amorosa e de coração partido, até que ele não pôde mais tocar. Ele fechou os

dedos dormentes em punhos quando finalmente viu o corpo de sua esposa cair da cadeira. Ele gritou o mais alto que pôde, batendo as mãos inúteis nas teclas que ela tanto amava. Ele se levantou e fechou a tampa. Ele não tocaria mais.

Estava escuro lá fora, e o quarto estava iluminado apenas por uma lâmpada no canto do quarto. As cortinas estavam abertas e a chuva escorria pelo vidro, abafando o som do violino suave vindo do alto-falante próximo à janela. Matheus suspirou e colocou seu copo de uísque de volta na mesa de centro. Seu apartamento era pequeno, e ele gostava assim, mesmo que isso significasse que, na sala, mal conseguia esticar as pernas. Ele se recostou no pequeno sofá e levantou o telefone, rolando a tela para cima. Seu dinheiro começaria a acabar em poucos meses. Ele teria o suficiente para durar para sempre, se não gastasse tanto em álcool e cigarros. Ele bateu as

cinzas no cinzeiro cheio e deu outra tragada profunda no que sua esposa chamava de “pirulitos da morte”.

Ele sorriu carinhosamente com a memória dela. Ela era infantil em muitos aspectos, e isso só fez amá-la ainda mais. Se ela pudesse vê-lo agora, ela teria começado a chorar e pegado o cigarro e jogado na pia e o afogaria na água da torneira, mas ela não estava aqui. Matheus estava sozinho e ficando sem dinheiro. Ele suspirou novamente e pegou o copo quase vazio em sua frente. Ele bebeu o resto do líquido, antes de se servir de outro copo e beber também.

Ficando de pé, Matheus se espreguiçou, apreciando a sensação do álcool entorpecendo seus sentidos. Era hora de ele começar a procurar um emprego. Mas apenas o pensamento de sair de casa para trabalhar o fez sentir-se mal do estômago. Decidindo pensar sobre isso pela manhã, Matheus foi para seu quarto, passando pela porta trancada do quarto principal e indo para o menor. Ele não conseguia se livrar do conteúdo daquele quarto, mas também não conseguia olhar para eles. Com um gemido, ele afundou na cama, em cima das cobertas e fechou os olhos. O sono não viria facilmente, ele sabia disso, mas ele sempre tentava, de qualquer maneira.

Uma hora depois, o álcool havia passado, mas Matheus ainda não conseguia dormir. Ele se levantou e cambaleou de volta para a sala de estar. Ele não sabia por que achava que esta noite seria diferente. Ele não tinha dormido na cama desde que ela o deixou. Ele se jogou no sofá e como fazia todas as noites, pegou a

garrafa de uísque de onde a havia deixado na mesa e começou sua tarefa de esvaziá-la, até que bebeu até ficar inconsciente. Matheus gemeu quando sentiu algo batendo em seu pé, e abriu os olhos pegajosos.

“Vá tomar um banho, você está fedendo a uísque. É horrível. Eu vou limpar a bagunça”.

Matheus fez o que lhe foi dito, tropeçando até o banheiro e tirando suas roupas. Ele ligou o chuveiro e entrou debaixo da água, fechando os olhos e esperando que a água lavasse sua dor. E sua dor de cabeça. Como de costume, isso só tirou o fedor de uísque, então ele se secou, antes de escovar os dentes e ir para o quarto vestir algumas roupas. Matheus vestiu seu jeans, e Rafael suspirou, pegando a toalha do chão e colocando-a sobre o cabelo molhado de Matheus. Ele esfregou até secar, antes de levar a toalha para o banheiro para pendurar sobre o radiador.

“Coloque seus sapatos”, ele disse, “nós precisamos ir buscar um café para você. Tudo o que tem em casa é uísque. Isabella seria tão-”

“Cale a boca, Rafael”, Matheus retrucou.

“Você não pode continuar vivendo assim!”

“Eu ouvi isso um milhão de vezes”, Matheus suspirou. Pegou suas chaves e seguiu seu amigo do pequeno apartamento. A rotina matinal deles era sempre a mesma; Rafael acordando Matheus e forçando-o a tomar um banho, antes de arrastá-lo para um café cheio de pessoas e forçar cafeína goela abaixo. E, depois disso, ele sabia que receberia algum tipo de

sermão sobre suas escolhas de vida, mas geralmente ficava insensível a isso. Ele tinha ouvido isso tantas vezes. No entanto, esta manhã, ele surpreendeu Rafael assim que eles se sentaram no café.

“Rafa”, ele disse, seus olhos fixos em seu café preto quente, “eu preciso encontrar um emprego.” “Sempre há um lugar para você nos meus shows, Matheus”, disse Rafael, bebendo seu chá. “Podemos até tocar juntos, como costumávamos.”

“Eu não vou tocar”, disse Matheus, Rafael suspirou e passou os dedos pelo cabelo.

“Que tal ensinar? Tenho certeza de que você seria um ótimo professor, se não fumasse e bebesse tanto.”

“Não, isso está fora do limite para todos. Até para mim” Rafael suspirou. “Eu posso deixar você usar uma das salas de música da escola, então”

Matheus mais uma vez balançou a cabeça. “Eu não tenho paciência para ensinar”.

Isabella uma vez pediu para aprender e Matheus adorou ensiná-la, apesar do fato de que eles constantemente se distraíam. Ele adorava como o rosto dela se iluminava toda vez que ela acertava alguma coisa e como seus dedos pequenos e finos tentavam alcançar as teclas como os deles, mas não conseguiam esticar o suficiente.

“Matheus, vamos lá” Rafael disse, “estou tentando te ajudar, é tudo por minha conta, por favor”. Matheus suspirou e enfiou as mãos no bolso da jaqueta.

“Tudo bem, mas com uma condição, eu não estarei ensinando iniciantes”. Ele murmurou, e saiu pela porta na chuva. Puxou um maço de cigarros da jaqueta e soltou um, antes de enfiá-lo entre os lábios e acendê-lo. Ele deu uma tragada profunda e soltou uma pequena baforada de fumaça. Assim que chegou em casa, tirou os sapatos e as meias e pendurou o paletó na porta da frente. Ele sabia que Rafael ficaria bravo quando ele entrasse e tivesse deixado sua jaqueta molhada no chão.

Com um suspiro, foi até a cozinha e serviu-se de um copo de uísque. Era hora do almoço, e ele não tinha dormido bem, como sempre, então, seu plano era mais uma vez beber até ficar inconsciente, e ficar até Rafael voltar pela manhã. Talvez, desta vez, ele não acordasse. Rafael estava preocupado com seu amigo. Ele estava preocupado desde que Isabella ficou doente, mas Matheus não estava mais saudável. Ele vivia de álcool e cigarros, e a única razão pela qual comia era por que ia todo fim de semana e preparava comida para a semana. No entanto, quando seus estudantes universitários entraram na sala de aula, ele teve um pensamento súbito e revelador.

Havia uma aluna, que era quase perfeita. Ela tinha a mente de um músico genial, ela podia tocar piano, violino como Rafael e alguns outros instrumentos clássicos. Ela tinha um tom perfeito e podia memorizar uma partitura em poucas horas. Ela tocava bem dentro de uma orquestra, mas faltavam duas coisas. Duas coisas importantes e importantes

que a estavam segurando e impedindo que ela avançasse em sua carreira e conseguisse um lugar na competição que a nomearia a melhor pianista do mundo. Paixão e disciplina. E Rafael conhecia a pessoa que poderia ensiná-la.

"Kim Daisy, uma palavra," Rafael gritou quando sua palestra terminou. Ele esperava que Matheus chegasse a qualquer momento, então, queria falar com ela antes que as aulas extras começassem. Enquanto o resto da classe saía lentamente da sala de aula, o aluno em questão veio até sua mesa. Como sempre, ela parecia descuidada e meio adormecida, como se preferisse estar em qualquer outro lugar, menos ali.

"Sim, senhor?" Ela disse, sentando-se na primeira fila.

"Seu pai e eu tomamos uma decisão." Como antes, sempre que seu pai era mencionado, o corpo de Daisy ficava tenso. "Como venho dizendo no ano passado, falta disciplina e paixão quando você joga..."

"Com toda a justiça, Sr. Rafa," Daisy disse, estreitando os olhos, "Você não toca piano, como você sabe?"

Rafael forçou um sorriso. "Eu toco piano básico, Daisy, é claro que eu toco. E eu toco um instrumento, é assim que eu sei."

Daisy revirou os olhos, "Violino não é o mesmo que piano. Tocar piano com esse tipo de paixão é... Impossível."

Rafael não pôde deixar de rir, "Agora você está falando besteira, Daisy." Ele disse, ignorando a carranca dela.

"E como você saberia?" Ela pressionou, seus olhos estreitos.

"Porque eu cresci assistindo Matheus Lin tocar piano." Daisy ficou em silêncio por um momento, antes de se levantar. "Matheus Lin era diferente. E ele não é ouvido há anos."

Matheus desceu as escadas em direção a ele. Rafael estava agradecido por sua camisa estar limpa, mesmo que estivesse um pouco amassada. Era óbvio que ele não secou o cabelo direito de novo, mas ele estava presente, e era isso que importava.

"O que você quer, Rafael?" Matheus suspirou. Ele só queria voltar para casa, para o sofá, para passar mais tempo com uma de suas muitas garrafas de uísque.

"Esta é Kim Daisy", disse Rafael, apresentando-a. "Sua nova aluna".

Matheus olhou para ela com olhos mortos.

"Tudo bem."

"Eu não preciso de professor", a garota retrucou, "eu já sei tocar".

Matheus acenou com a mão, "Aí está. Ela não precisa de um professor. Estou indo para casa."

"Espere, pelo menos ouça-a tocar", disse Rafael.

"Eu não preciso provar a ninguém", disse Daisy, segurando sua pasta no peito, "especialmente a um professor de baixo nível como ele."

"Toque, e então eu posso ir para casa."

Depois de apenas um momento de hesitação, a garota se submeteu, e Rafael os levou para a sala de piano mais próxima. Ele sentou do outro lado da sala, enquanto Matheus se encostava na parede, com os braços cruzados. Ele observou enquanto Daisy enfiava a saia sob as pernas e sentava no banco, antes de levantar a tampa do piano. Ele estava agradecido por não ser um piano de cauda, ele passou a não gostar deles depois da última vez que tocou.

Observou Daisy esticar um pouco os dedos, antes de colocar os dedos nas teclas de marfim. Ela estava ligeiramente agachada, nada ereta, e Matheus franziu um pouco a testa. Assim que seus dedos pressionaram e ela começou a tocar, ele percebeu que ela tinha habilidade. Ela não estava tocando uma única nota, e a melodia era bonita enquanto flutuava no ar. Mas estava errado. Era muito preciso, muito mecânico, muito forçado.

"Já cansei", disse Matheus, afastando-se da parede, "não vou mais ouvir isso".

O rosto de Rafael se iluminou com um sorriso.

"Eu te disse!"

Daisy levantou-se com raiva, "Não há nada de errado com a minha música! É perfeito!"

"Sim, perfeito demais," Matheus retrucou. "É plano e não há vida. Sua música está morta."

Daisy engasgou em choque, antes de seus olhos brilharem com raiva. "Você não sabe do que está falando."

"E não vale nada. Você nunca chegará a lugar nenhum com isso tocando." Ele se virou para Rafael. "Terminamos?"

"Espere no meu carro, eu vou levá-lo", disse Rafael, ficando de pé.

Matheus saiu da sala e Daisy se virou com raiva. "Quem diabos era aquele homem rude?" Rafael sorriu para ela, "Ele é seu novo professor, Daisy. Seu pai e eu decidimos perguntar a ele."

"Isso não responde a minha pergunta!"

"Ele é Matheus Lin."

Não demorou muito para ela chegar em casa e, como já eram seis da tarde, seu pai já havia voltado do trabalho.

"Por que você voltou tão cedo?" Seu pai era um homem severo e, assim que a viu entrar, imediatamente se dirigiu a ela: "Você deveria estar praticando."

Com um suspiro, Daisy foi para seu quarto. Ela colocou sua bolsa em sua cama, antes de ir para o próximo quarto, onde estava o piano. Fechando a porta atrás dela, ela a trancou com força. Se seu pai quisesse entrar e observá-la, ele teria que bater. Ela colocou os dedos nas teclas de marfim. Estava tão confusa que não sabia mais como se sentir, mas Matheus havia lhe ensinado uma coisa. Ele a havia

ensinado a liberar suas emoções através do piano. Ela começou a tocar sem nem pensar, seus dedos dançando rapidamente pelas teclas. Ela não percebeu que tinha escolhido uma das músicas de Park Luan para tocar até que ela estava na metade, mas ela não parou. Ela não precisava. Não importava que peça ela tocasse. Como Matheus havia ensinado a ela, a música era sobre contar uma história, a história dela. E foi isso que ela fez.

Tocou quase sem respirar até chegar ao final da peça, e quando finalmente deixou os dedos descansarem, sentiu uma lágrima quente escorrer pelo rosto. Ela nunca se sentiu mais sozinha. Houve uma batida forte na porta e ela rapidamente enxugou o rosto e fez um gesto para a porta para destrancá-la. De pé no caminho da porta estava seu pai, e ele não parecia satisfeito.

"O que..." ele começou, com raiva, "Que música amável eles estão ensinando a você naquela escola?!"

"Matheus" Ele olhou para cima quando ouviu uma voz, para ver Rafael e Daisy parados na porta.

"Daisy e eu precisamos de um favor seu."

"Oh?" Ele disse, virando os quadris no banco para ficar de frente para eles, "O que é isso?"

"O próximo show e competição", disse Rafael, "você vai abrir e fechar para nós?"

Os olhos de Matheus se arregalaram. "Rafael, eu não tenho certeza".

"Você não vai abrir sozinho," Daisy disse, calmamente, "Eu estava pensando se talvez pudéssemos tocar um dueto."

O queixo de Matheus quase caiu de surpresa, "Você quer abrir o show com um dueto? Daisy e eu?" Rafael sorriu, "Eu acho que ela está pronta para se apresentar com você no palco, Matheus. Você mesmo disse que ela poderia superá-lo."

Matheus olhou para Daisy e, depois, de volta para Rafael. "Tudo bem. Eu vou fechar para você. E eu vou abrir com um dueto".

Um sorriso brilhante e caloroso cresceu no rosto de Daisy, e os olhos de Matheus se arregalaram. Ele ainda não tinha visto o sorriso dela, e agora que tinha visto, era como se o quarto tivesse se iluminado. Sentiu uma pontada de arrependimento por ser um daqueles que a impediu de sorrir antes. "Estou animado!"

Rafael exclamou: "Os ingressos vão se esgotar tão rápido. Matheus Lin e Kim Daisy, dueto de piano, mal posso esperar!"

"Então," Matheus disse, limpando a garganta, "o que você quer tocar? Não temos muito tempo antes do show, e você tem duas peças para praticar."

No momento em que eles começaram a tocar, Matheus pôde sentir uma mudança em Daisy. Eles praticaram isso com perfeição, trabalhando em tudo, desde o ritmo até a sincronização e as emoções. No entanto, só era diferente; ele podia sentir isso. Daisy estava muito mais animada do que o normal. Ela não

estava sentada em frente às teclas, e ela não tinha a preocupação em estragar tudo escrito em seu rosto. Na verdade, ela não parecia apenas confiante, ela parecia animada. Combinando perfeitamente com sua forma de tocar, o tom da música mudou do que eles pretendiam que fosse. Eles originalmente queriam mostrar ao público o caos organizado. Eles queriam que eles vissem como Matheus e Daisy costumavam se sentir presos em suas emoções, incapazes de viver adequadamente por causa de sua perda. Eles queriam mostrar sua luta para se libertar de suas correntes

emocionais e como seguiram em frente.

A peça que estavam tocando agora, embora ainda um caos organizado, não era o que eles praticavam. Eles estavam tecendo uma história de energia reprimida e excitação. Ficou claro que eles estavam atualmente felizes com suas situações e tinham muito tempo para compensar. Uma rápida olhada na plateia disse a Matheus que sua mensagem estava sendo ouvida em alto e bom som; eles estavam sentados na beirada de seus assentos, arregalados e alguns até com sorrisos em seus rostos. Quando a dupla chegou ao fim de sua emocionante peça, ele não pôde deixar de sorrir.

Ele tinha perdido isso. Ele havia esquecido como era contar uma história no palco na frente de ouvidos dispostos, e suas reações o fizeram lembrar por que ele costumava se apresentar. Não era por fama ou dinheiro, embora o dinheiro fosse definitivamente uma vantagem do trabalho. Não era

para ser reconhecido por quem conhecia o tipo de música que tocava. Ele não fez isso porque sua esposa gostou, ou mesmo porque ele adorava tocar. Ele adorava fazer as pessoas sentirem. Ele adorava ver seus sorrisos ou lágrimas por causa de qualquer história que estivesse contando. Ele adorava a forma como a música ressoava nos corações das pessoas assistindo. Você não precisava de letras para contar uma história; a música em si era cheia de palavras se você tivesse tempo para ouvir.

O dueto chegou ao final e, enquanto ambos batiam as mãos para as notas finais, o público levantou, aplaudindo e aplaudindo. Ele olhou para Daisy, que estava um pouco sem fôlego, mas sorrindo amplamente. Ele pegou a mão dela, ajudando-a a sair do banco, e ambos fizeram uma reverência rápida, antes de sair do palco. "Isso foi incrível!" Ela chorou.

Matheus a puxou para um abraço, enquanto o próximo artista subiu ao palco. "Isso foi brilhante, Daisy" Ele disse, afastando-se. Ela sorriu para ele, "Eu tenho que agradecer a você por isso".

"E eu não teria sido capaz de fazer isso sem você", disse ele, honestamente. Ambos caíram em um silêncio constrangedor, sem saber realmente o que dizer um ao outro. Enquanto ouvia as várias peças solo que vieram depois de ambos, ele percebeu algo. Ela havia se ajudado a encontrar o amor e a paixão pelo piano. Tudo o que ele fez foi cutucá-la na direção certa e falar com seu pai. Além disso, era tudo ela. Ele

finalmente quebrou o silêncio: "Você está pronta para tocar sua peça solo?"

Daisy hesitou, e, então, assentiu: "Acho que sim. Meu pai está na plateia e quero que ele veja que não se trata apenas de peças clássicas de compositores famosos. Quero mostrar a ele que posso comover as pessoas com qualquer peça, contanto que..." Ela sorriu um pouco, "contanto que eu brinque com emoção".

Matheus assentiu. "Além disso, sem pressão, mas..." ele sorriu, "Luan está na plateia. Ele veio te assistir como prometeu. Esta é uma peça inteiramente composta por ele", e ele se interrompeu, hesitando. Ele não tinha certeza se dizer a ela o verdadeiro significado da música antes que ela se apresentasse seria o melhor. Ambos viraram a cabeça quando ouviram Rafael no palco.

"A próxima peça solo será Kim Daisy com 'Spring Day'. Organizado pela própria, e originalmente composta por Park Luan."

Matheus voltou-se para Daisy. "Eu acredito em você".

Ela respirou fundo e acenou com a cabeça, antes de ir para o palco. Ela não estava indo para o palco para ganhar; estava indo lá para provar a si mesma e ao mundo que você pode contar uma história com qualquer tipo de música.

Matheus havia começado sua nova vida juntos com aquela música, e, agora, ele estava começando suas novas vidas separados com ela. Ele amara Isabella com todo o seu ser; seu coração e alma

pertenciam a ela, e isso nunca mudaria. Mas agora ele entendia o verdadeiro significado de deixar alguém ir. Ela nunca seria esquecida, ela simplesmente não estava mais ao seu lado. E ele decidiu que podia. Como ele abriu o caminho para sua nova vida com essa música no dia em que se casaram, ele estava abrindo caminho para a paz.

Com essa música, ela estava sendo guiada para longe dele, deixando-a saber que, mesmo que ele a amasse, ele estava bem sem ela agora. Ele rezou, enquanto seus dedos tocavam a música que a fez chorar sete anos atrás, que ela estava vendo ele tocar para ela apenas uma última vez antes que ela pudesse se livrar dele. Ele a manteve acorrentada a ele por tanto tempo, que era difícil deixá-la ir, mas ele sabia que estava fazendo a coisa certa. Ele poderia nunca se apaixonar novamente, mas estava tudo bem. Ele não tinha Isabella com ele, mas ele estava bem. Ele sabia que a veria novamente, mas não tão cedo. No futuro distante, esperançosamente, ele seria capaz de segurá-la em seus braços novamente e dizer a ela o quanto ele sentia falta dela, e o quanto ele a amava. Ele poderia pedir desculpas por esperar tanto tempo para deixá-la ir, mas, por enquanto, isso teria que esperar. Ele tinha toda a sua vida pela frente e sabia que Isabella o perdoaria por querer viver um pouco mais sem ela.

Ele trouxe a música para o final, fechando os olhos enquanto seus dedos tocavam as últimas notas com tanto amor e paixão que ele podia reunir. No curto período de silêncio entre o momento em que as

notas finais morreram e o rugido de aplausos da plateia, Matheus olhou para cima. Ele podia jurar que ouviu uma voz em seu ouvido, e o roçar suave de uma mão em seu ombro. "Eu te amo, Matheus. Seja feliz, estarei esperando para te ver de novo."

A menina do vestido amarelo
Júlia Lichtenfels Weçolovis
3º Lugar

Lembro-me bem da tal história que me acontecera quando mais jovem. Há 60 anos atrás, uma criança simples, morava no campo e meus pais cuidavam de uma fazenda. Havia vacas, bois, porcos, galinhas, ovelhas e, de vez em quando, apareciam cachorros, gatos e animais domésticos lá. Se eles tivessem coleiras, cuidávamos até acharmos os donos, caso contrário, cuidávamos como se fossem nossos. Eu ajudava meus pais a tratar os bichinhos, tirar leite das vacas, pegar os ovos, dar banho, etc. Era uma vida muito boa, sossegada e tranquila.

Mas um dia eu estava ordenhando leite de uma das vacas, como sempre, até que vi de longe uma menina, parecia ter mais ou menos minha idade, brincando num balanço pendurado em uma árvore ali perto, o que era estranho, pois não me lembrava da presença de um balanço perto de nossa casa. Aquela árvore sempre esteve lá, já o balanço, não; mas o que mais me chamava a atenção nela era seu vestido de cor amarela. Não havia detalhes nele, nem desenhos ou enfeites, seu cabelo era castanho claro, com uma pequena trança meio frouxa, não usava calçados em seus pés e seus olhos pareciam ser pretos ou castanhos. Eu não conseguia ver direito por causa da distância. De qualquer forma, havia terminado de

ordenhar o leite, então, peguei os baldes e entrei em casa. Mais tarde, saí para brincar na grama até que olhei para a direção onde antes estava a menina, mas ela já não estava mais lá, nem ela, nem o balanço. Não sei para onde ela foi, o que aconteceu com ela, e nem sei o que aconteceu naquele dia, mas eu tinha e ainda tenho certeza de que havia a visto.

Passou-se um ano e eu já tinha praticamente esquecido do ocorrido.

Estava indo viajar com meus pais para a cidade pequena onde nos encontraríamos com meus avós e onde eu passaria o meu aniversário de onze anos. A viagem dentro do carro foi entediante, pois eu estava muito ansioso para reencontrar meus avós e brincar com sua cadela Milly. Não parava dentro do carro, tanto que meu pai reclamou um pouco por causa disso. Enfim, chegamos na cidade, paramos em frente a um posto de gasolina para reabastecer o carro.

Enquanto meu pai pagava o moço da gasolina, minha mãe disse que iria na lojinha do posto para comprar alguma coisa, obviamente aproveitei para ir junto apenas para sair daquele bendito carro e mexer as pernas (e também para convencer minha mãe a comprar um doce para mim). Descemos do carro e entramos na lojinha, enquanto minha mãe olhava o que iria comprar eu ficava brincando com o boneco do posto me chacoalhando de um lado para o outro, até que vi de longe uma menina brincando em um balanço pendurado em uma árvore. Era ela, a menina do vestido amarelo! Ela continuava a mesma, nada

havia mudado nela, não parecia ter aumentado nem um centímetro. Fiquei paralisado observando-a se balançar, pensando se devia falar com ela ou se ficava ali parado. Fui interrompido de meus pensamentos quando ouvi minha mãe me chamar, virei minha cabeça para trás e a vi mostrando uma barra de chocolate e perguntando se era essa que eu queria. E eu apenas assenti com a cabeça. Quando me virei para a frente, vi que a menina tinha sumido de novo.

Minha mãe pegou minha mão e me levou para o carro, ela me deu o chocolate e fomos embora.

Finalmente chegamos na casa de meus avós. Eu desci do carro rapidamente e fui dar um abraço em ambos.

De repente a cadelinha Milly veio correndo em minha direção pulando em minha perna, eu a peguei no colo abraçando-a e ela retribuiu lambendo meu rosto.

Meus pais cumprimentaram meus avós e eles nos ajudaram com as malas, já que iríamos passar um

tempo ali. Já estava de noite e eu estava muito entusiasmado, pois o dia seguinte seria meu

aniversário. Todos estavam na cozinha jantando e conversando enquanto eu brincava com a Milly na sala, até que comecei a refletir sobre o que acontecera mais cedo. Primeiro ela reapareceu depois de muito tempo, e depois sumiu, de novo, assim como fez na primeira vez que a vi. Não sei como nem o porquê de ela fazer isso. Não entendo até hoje, e também não entendo por que ela sempre estava em um balanço. Será que era algo simbólico? Alguma mensagem que

não entendi na época? Se eu não entendo hoje, imagine se eu entenderia quando mais novo!

Bom, festejei meu aniversário com meus familiares, me diverti, comi muito (muito mesmo) e aproveitei cada segundo. Depois de alguns dias, eu e meus pais fizemos nossas malas, nos despedimos de meus avós e da Milly e fomos embora voltando para nossa vida no campo. Fiquei muito triste em ter que voltar para casa, mas sabia que voltaríamos no próximo ano.

O tempo foi passando, os dias se tornaram meses, os meses se tornaram anos e os anos se tornaram décadas. Hoje tenho dois filhos gêmeos, lindos e amados, Milly e Charles, de 22 anos. Coloquei o nome de “Milly” na minha filha em homenagem à cadelinha mais amada do mundo, e “Charles” no meu filho em homenagem ao meu querido e carismático avô. Minha esposa faleceu há 2 anos por uma doença incurável, mas eu ainda sinto sua falta. Meus filhos me ajudam a lidar com o luto, apesar de sentirem o mesmo.

Esses dias, eu estava em minha cadeira na varanda de casa apenas observando o pôr do sol, até que vi em uma árvore de meu quintal... Sim, ela, mais uma vez em seu balanço, com seus cabelos ao vento e um sorriso no rosto.

Ainda pequena, ainda criança, com seu mesmo vestido. Confuso, levantei-me de minha cadeira e comecei a andar em sua direção, sem desviar o olhar, pois, sabia que, se eu tirasse meus olhos dela, a mesma

poderia nunca mais aparecer novamente. Quando finalmente cheguei perto dela perguntei:

– Nos encontramos de novo, não é?

Ela não respondeu.

– Quem é você? E por que tem aparecido em minha vida constantemente?

Manteve-se calada.

– Por que não me responde?

Não tinha jeito, ela não respondia. Nenhuma palavra sequer saía de sua boca, apenas continuava se balançando e balançando, com o olhar para o horizonte.

Eu já desistira, me virando de costas para ela e pronto para voltar para minha cadeira e nunca mais vê-la novamente, mas de repente ouvi:

– Eu sou a eternidade, senhor.

Surpreso com essa frase, já me virei olhando-a, e ela continuou:

– Eu lhe acompanhei por toda sua trajetória, mas o senhor só me viu algumas vezes.

Fiquei com os olhos arregalados para ela e perguntei confuso:

– Mas como assim “eternidade”?

A menina se levantou do balanço e respondeu:

– Você teve uma longa e ótima vida, mas, depois que partir, descansará na eternidade, nos braços do Pai.

– Então você veio me “buscar”?

A pequena menina assentiu com a cabeça.

– Mas e os meus filhos? Eu ainda não estou pronto para ir! – Disse, assustado.

– Todos acham que não estão, é normal sentir medo, mas infelizmente não posso mudar o seu destino.

– Então é isso? Eu vou morrer? Bom, pelo menos poderei me encontrar com minha amada e meu avô. Mas, como ficarão os meus filhos, meus pais e os outros familiares?

– Eles permanecerão, mas não para sempre, também terão a vez deles.

– Nossa! Passei a vida toda tendo visões suas. Que triste receber uma notícia dessas assim. Porém, se não há nada que eu possa fazer para ficar mais um pouco nesse mundo, só me resta aceitar. Uma luz de fundo intensificou a menina de amarelo, cuja cor sinalizava a passagem para a eternidade, lugar para onde fui levado, e a minha vida findou.

IV Edição
Categoria Conto
Ensino Médio

Progressão

Augusto Henrique Bennert

1º Lugar

percepção na soturnidade da fundamentada que concluí: todos eles estavam errados. O repúdio à desordem era meramente um mecanismo defensor projetado pela consciência que havia de ceder (como, de fato, fez), e não o pilar inabalável sobre o qual se firmava a sociedade. Somos uma sucessão de acasos, e nada mais. Mesmo que seja um axioma doloroso e repulsivo, é necessário que o compreendamos; espero, portanto, que eu seja capaz de elucidar o que precisa ser aclarado.

Há cerca de uma semana, meus serviços de vassalagem foram solicitados uma vez mais. Deveríamos (eu e meus companheiros) bater em retirada, seguindo os rastros deixados por um vandálico inconsequente. Ele tinha sido visto, conforme a descrição dos olheiros, incendiando terras do feudo, tomado por um “ímpeto piromaníaco”. A narração não me soava estranha. Era comum que estrangeiros ou bêbados descontassem insatisfações nos arredores do território; apesar da recorrência, não poderiam escapar impunes. A solução era semelhante em todo caso: o suserano enviava uma patrulha de quatro ou cinco vassalos para punir o transgressor. Nada era diferente naquela ocasião.

Quem quer que fosse o responsável pelo incêndio, não parecia preocupado com a possibilidade de captura. Era certo que morreria caso o encontrássemos e, mesmo assim, cruzamos diversos acampamentos porcamente elaborados e visíveis ao mais desatento dos observadores. Contando cinco dias de trajeto, estávamos nos aproximando da fronteira saxônica; foi quando Teodorico, um de meus associados, decidiu trazer a questão à lume.

“Isso tudo é muito suspeito”, ele disse, ao que todos os outros três (inclusive eu) concordaram, como se a dúvida já os assombrasse o pensamento. O meu, assombrava.

“Ele partiu com um dia de antecedência. Como averiguamos no caminho, viaja sobre uma montaria. Mesmo assim, o intervalo de tempo entre bivaques é cada vez menor. É como se estivesse desacelerando”, concluiu. Era verdade.

“Talvez esteja ferido”, supôs Domenico, em tom de indagação. “Não”, retruquei.

“Nós teríamos notado”, disse, referindo-me aos vestígios comuns desse tipo de ocorrência, como manchas de sangue, talas ou bandagens usadas. “O que você sugere, Dalibor?”, questionou Biornus, que vinha mais atrás. “Eu não sei”, respondi. “Teremos que prosseguir para entender.”

Biornus e Domenico eram cavaleiros corpulentos e de grande estatura. Era raro que enfrentássemos emboscadas ou ataques no caminho, já que a mensagem que ambos transmitiam era

basilarte excepcional. Teodorico que não me impedia de se destacar como um soldado a serviço do feudo. Minha função era a de coordenar as expedições do grupo e, em eventuais ocorrências, disparar algumas flechas.

Em nenhuma das missões para as quais fomos escalados deixamos de vencer, e em nenhuma delas nossa convicção ou confiança fora reduzida. Mas havia algo incomum naquilo tudo.

Cavalgamos por mais duas ou três milhas por um terreno seco e irregular quando Teodorico sinalizou que parássemos. Sem falar, apontou para o topo de uma formação rochosa que abrigava a abertura de uma caverna. Defronte a ela, estava sentado um homem cuja feição não pudemos reconhecer em função da distância e da luz do sol que se punha às costas da colina. Vi meus companheiros afrouxarem as lâminas em suas bainhas e, consternado, pus a mão sobre a aljava que pendia transversalmente na minha retaguarda. Antes que pudesse armar o arco, no entanto, observei a figura tornar o rosto para nós, levantando-se e partindo para dentro da caverna. “Não parecia surpreso”, pontuou Domenico. “Não mesmo”, Biornus assentiu.

Enquanto escalávamos o íngreme outeiro, pude jurar ter visto mais quatro indivíduos na fenda da grotá; quando olhei com mais atenção, porém, já não estavam mais lá. Deduzi que fosse uma alucinação em consequência da inquietude que já sentia há algumas horas e forcei-me a continuar.

Paramos na entrada. “Eu não tenho um bom
 Prescritor. Enquanto falava, puxei de meu cinto uma
 estaca de madeira envolta por um pano em um dos
 extremos. Tirei de outro compartimento uma botelha
 de couro e despejei o breu sobre o tecido; friccionei
 duas rochas até que faiscassem e acendi a chama.
 “Todos os indícios apontam para uma armadilha”, o
 geógrafo continuou. “Não sou capaz de inferir por
 qual razão algum estrangeiro teria por nós qualquer
 inimizade, mas é como soa”.

“Sei como soa”, respondi, esticando a tocha
 frente ao torso e iluminando a caverna. “Mas é para
 isso que trabalhamos. Somos quatro, ele é um. É
 impraticável que nos vença”, terminei, em tom
 encorajador. “Seria impraticável que perdêssemos
 mesmo que fossem cinco no lugar de um”, comentou
 Domenico, e Biornus riu.

Quando cruzamos a boca da cova, senti-me
 observado. Chacoalhei a tocha, na intenção de
 iluminar todas as extremidades do algar, vãmente; a
 passagem era larga e comprida, e eu não era capaz de
 enxergar tudo. Caminhamos por alguns minutos ao
 som do eco de nossos passos peregrinando pelo ar
 úmido e quente. Foi quando, em um espaço aberto e
 amplo, ouvi Biornus resmungar.

“Tropecei em algo”, ele disse. Virei a tocha em
 sua direção. Seu rosto, que encarava o chão,
 empalideceu. Era um esqueleto; jazia de bruços com
 uma faca enferrujada na mão direita e vestes de pano,

semelhantes às do incendiário. “O que é isso, porra?”, Teodorico disparou. “Alguém. Morto. Não é o primeiro que você vê”, ironizou Domenico. Biornus abaixou-se e recolheu um pedaço de papel envelhecido. Pediu-me a tocha e começou a ler: “Não era piromania. Não era o fogo. Era desordem; caos. Agora, já espero há um dia, o que deve significar que logo estarão aqui. Sim. Vejo os vassalos, na distância, banhados pelo Sol. Devo voltar à caverna. Devo voltar e morrer”.

O silêncio perdurou por alguns instantes, até que decidi por rompê-lo. “O escrito insinua que o corpo é do transgressor. Não faz sentido, acabamos de vê-lo”, expliquei, como se pontuar a obviedade tornasse aquela situação menos impossível do que era. “Essa não é a única anormalidade”, começou Teodorico. “Tudo que foi dito é muito específico. É como se fosse produzido designadamente para desmentir os relatos que nos foram apresentados. É muito improvável que mencionasse o termo ‘piromania’ a menos que soubesse a respeito do que foi declarado sobre ele”, disse.

“Como ele poderia saber?”, perguntei. “Será possível que o suserano tenha entrado em contato com ele? Ou algum dos olheiros?”, antes que me respondessem, gritos abafados percorreram a caverna e chegaram aos nossos ouvidos.

Reunimos coragem e seguimos caminho.

Tivemos algumas discussões sobre desistência nos minutos seguintes, mas todos parecíamos

demasiadamente intrigados com todas aquelas incógnitas. Alcançamos uma porção imensamente espaçosa da grotta, de onde podíamos enxergar, uma centena de metros à frente e dezenas para baixo, uma abertura iluminada. O que se estendia à nossa frente era uma superfície pedregosa e inclinada, que levava à uma planície adornada por pilares esculpidos na pedra; nenhum deles passava da altura de dois homens, provavelmente pela degradação do tempo.

Observei atentamente a lateral de um desses pilares e percebi quatro figuras iluminadas por uma modesta fagulha dourada. “Hão de ser os responsáveis pelo assassinato”, eu disse, apontando para o grupo. Recolhi uma flecha da aljava e preparei meu arco. “Você tem certeza disso, Dalibor? Não sou ~~capaz~~ de identificá-los, talvez seja comentou Teodorico, ao que não respondi. Prendi o fôlego por alguns instantes, com o portador da tocha como alvo, e disparei.

A lume logo tombou, alumbrando o corpo, que jazia imóvel. Os três indivíduos restantes fugiram em gritos de horror. “Contei um segundo”, eu disse, friamente. “São cerca de setenta metros até lá. Devemos ir rápido, antes que tenham tempo de se reorganizar”, e saltei sobre a inclinação. Os pedregulhos soltos me fizeram perder o equilíbrio, e percorri o trajeto deslizando. Minha descida fora majestosa se comparada à de Biornus e Domenico, que rolaram até a superfície plana, sob periódicos gritos de dor que ecoavam pela imensidão da caverna.

Depois de nos recompormos, partimos em direção ao corpo. A chama que irradiava da tocha caída já havia cessado e, quando aproximei a minha, uma incredulidade nauseante atingiu-me o estômago. O cadáver era esquelético, com apenas algumas porções espaçadas de carne apodrecida. Instante após instante, eu era capaz de ver a carne se contrair e desaparecer, até que não restasse nada além de ossos enfraquecidos.

Entreguei a tocha à Domenico e me agachei próximo da figura, intentando um melhor entendimento. Nenhum de nós falava. Aquilo não era possível. Foi então que percebi.

Por mais enferrujada que estivesse, a armadura vestida pela figura cadavérica não podia ser confundida. Eu a via todos os dias desde que iniciara as operações como vassalo.

Aquelas eram as vestes de Domenico. Ouvimos um eco sibilante permear o ar. Durou cerca de um segundo. A flecha atingiu meu companheiro na altura da nuca, produzindo um ruído seco. Eu me joguei para frente enquanto o corpo pesado de Domenico bombardeava o chão rochoso em um baque surdo.

Meus companheiros passaram a gritar; eu só consegui correr. Depois de certa distância, reuni forças para olhar para trás. Onde eu esperava dois cadáveres, só havia um; de início, era possível identifica-lo. Alguns instantes depois, era mais esqueleto do que era Domenico. Corremos rumo à abertura que já era visível do outro lado da caverna.

Atravessamos a larga entrada, disposta em um arco de pedra, e encontramos-nos em um salão iluminado por brandões. Havia um largo vão que separava o solo das paredes.

Enquanto Biornus e Teodorico gritavam, fui em direção à beira. Observei o fundo da brecha com ~~atenção concentrada. Depois de alguns~~ instantes percorrendo o ambiente, com o olhar fixo nas entranhas da caverna, parei. Lá estava ela. A prova definitiva do que eu já suspeitava. Dois cadáveres esqueléticos.

Ora, mas eram apenas dois.

Para um de nós, havia esperança. Não seria justo que o único capaz de relacionar as evidências fosse premiado? É claro que seria. Tornei-me para meus colegas e suspirei.

“Biornus, Teodorico!”, exclamei, levantando a voz. Seus olhos transtornados e desesperados caíram sobre mim. “Há algo que vocês precisam ver”.

Ambos cambalearam até a beira. Eu apontei para o fundo e dei um passo para trás, deixando que tomassem o meu lugar. Depois de um período de hesitações, percebi que eles haviam compreendido. Era a hora. Teodorico estava prestes a se virar quando toquei na superfície fria das armaduras e, usando todo o meu peso, empurrei-as para frente. Os dois se estilhaçaram na superfície escura do fundo do vão.

“Que Deus me perdoe”, sussurrei, “mas seria impraticável que vocês me vencessem”.

Depois disso, não lembro de muito. Não lembro de como retornei ao feudo ou quando o meu ímpeto pela progressão se originou. Tudo que sei é que sou designado a intermediar um processo complexo demais para que seja compreendido. Sei que a ordem é ilusória. Sei que minhas convicções eram fantasiosas e que eu me privava da verdadeira dimensão do Universo em prol da autopiedade. Mas agora não. Agora, o ciclo precisa progredir. Não pode ser interrompido. Não era nada do que imaginavam. Não era piromania. Não era o fogo. Era desordem; caos. Agora, já espero há um dia, o que deve significar que logo estarão aqui. Sim. Vejo os vassalos, na distância, banhados pelo Sol.

Devo voltar à caverna. Devo voltar e morrer.

Cuidado com os sinos
Ágatha Cristiny Knoth Horst
2º Lugar

Na grande Avenida São Paulo de 1989, chovia intensamente e pessoas corriam para se esconderem embaixo de qualquer abrigo que pudessem achar. Entre essas pessoas estava Sarah, uma bela jovem de 21 anos, que se encolhia da chuva em frente a uma livraria. Era uma menina cheia de vida, vivia com a cabeça nas nuvens. Passava todo seu tempo livre lendo e imaginava como era viver em um universo onde você pudesse ter superpoderes e se aventurar por aí lutando com monstros ou então caçando tesouros perdidos há séculos. Sua família sempre foi muito rica, o que lhe rendeu uma boa herança com diversas relíquias, entre elas, muitos e muitos livros.

O temporal a impedia de ir a qualquer lugar, então, Sarah decidiu-se, por fim, entrar.

Sua chegada foi anunciada pelo barulho de um sino de porta tinindo. Céus, como a garota detestava esses sinos!

O local era relativamente grande, entretanto, estava vazio, absolutamente ninguém à vista, nem sequer no balcão. Sarah nunca havia entrado ali antes, na verdade, não sabia sequer de sua existência, então, andou entre as prateleiras em busca de algum título que lhe chamasse atenção. Era uma livraria um tanto diferente, não havia separação por gêneros literários ou qualquer classificação, estava tudo misturado.

Todo e qualquer livro parecia antigo demais. Novos, porém antigos. Nem mesmo achou um nome ou título familiar. Até que, no último corredor, Sarah encontrou um grande livro no chão, grande e pesado, com a capa lisa de cor vermelho vivo. Este último fato, definitivamente, fazia-o destacar-se dos demais, cujas cores eram de simplórios tons de marrom. Além do mais, não havia título, autor, ou coisa alguma escrita nele, apenas um símbolo que lhe pareceu familiar. Tinha certeza que já o havia visto em algum lugar.

Buscando nas memórias quase esquecidas, lembrou-se de vê-lo no antigo escritório da bisavó, no qual, por acaso, não tinha permissão de entrar.

Abrindo o livro que lhe intrigava, Sarah se deparou com contos sobre uma espécie de mulher-cobra, uma entidade de outro mundo, que dizia aparece der tempos em tempos à procura de uma bela moça de quem pudesse roubar a juventude, mas não qualquer moça; reza a lenda de que uma mulher muito bela tinha convocado essa entidade para lhe pedir um favor, um favor difícil, que custaria caro, e um acordo foi feito entre as duas. A simples humana não percebeu que fazer um acordo com aquele ser era fazer um acordo com o diabo. Em troca, a cada 150 anos terrestres, o monstro vinha ao mundo dos humanos para tomar toda a juventude, a beleza e o vigor da moça mais jovem que possuísse o sobrenome daquela com quem fizera o pacto.

As ilustrações nas páginas eram horripilantes. Dizia o livro que seu rabo de serpente tinha um

pequeno sino que anunciava sua chegada; suas garras eram de gavião e banhadas em veneno, cujo efeito se desconhecia; a pele escamosa e branca; a boca com língua bifurcada soltava fogo e seus olhos de escuridão assustavam até o mais valente dos homens.

Kráta era seu nome.

Lendo alguns desses contos, que, inclusive, não pareciam nada infantis, e folheando o livro, a garota percebeu que estava escrito e ilustrado apenas até a metade, o restante estava totalmente em branco, como se fosse uma história com continuação. Cada capítulo, cada conto, parecia descrever uma vinda de Kráta ao mundo humano. Uma vinda que não parecia que pararia de acontecer.

A tempestade aparentava ter cessado do lado de fora, e a garota decidiu que era hora de ir embora. Levantou-se com o livro em mãos para colocá-lo de volta na estante, quando uma carta caiu ao chão. Guardou o livro e pegou a carta. A curiosidade a fez abrir e ler, já que, assim como o livro, não havia nenhuma informação no exterior. A carta dizia: “Nenhuma garota escapa. Cuidado com os sinos.” Estava escrito grande ocupando quase toda a folha, mas em letras miúdas dizia: “Corra”. Um arrepio percorreu seu corpo.

Definitivamente estava na hora de ir embora e era isso que Sarah faria. Apressou o passo e se dirigiu para a porta, não se lembrava de a loja ser tão grande. Estava quase lá quando o barulho de sino atrás de si a fez parar. Todo seu corpo se enrijeceu, sua respiração

ficou pesada e o coração galopava. Lentamente, ela virou seu corpo para trás, o barulho de sino ainda ecoando pelo lugar. Lá estava ela, aquele monstro, cara a cara consigo.

Os extintos e reflexo rápido fizeram-na abaixar-se antes de ser atingida pelas enormes e afiadas garras. Sinos soaram, indicando outro ataque. Dessa vez, a mulher cobra havia se posto em frente a porta de saída e fugir para rua não era uma opção. Kráta abriu a boca e o fogo azul saiu em direção à garota que mal teve tempo de se lançar ao chão. Os

incessantes gritos histéricos e agudos pedindo socorro pareciam não serem ouvidos. A cabeça de Sarah estava numa confusão, seu único raciocínio era sobreviver.

Antes mesmo que se levantasse, Kráta já havia se rastejado para seu lado e estava abaixando as unhas diretamente em seu pescoço. Dessa vez, Sarah não foi rápida o suficiente para desviar totalmente, mas colocou o braço na frente. As unhas rasgaram pele e carne quando se enterraram fundo e fizeram escorrer sangue quando puxadas. A dor lancinante deixou a jovem tonta, nunca havia sentido algo como aquilo. Uma dor de cabeça quase insuportável a atingiu. Kráta lambeu o sangue em suas unhas, parecia ansiar ainda mais para desfrutar da garota.

Sarah aproveitou a distração para jogar um livro, de uma estante ao lado, no monstro.

Isso a deu tempo suficiente para se levantar, mesmo com o corpo protestando pela dor. Então a jovem correu. Correu e correu em direção a porta com o barulho de sino a seguindo cada vez mais perto. O pânico a deu mais velocidade, cada vez mais próxima da porta, da saída.

Com a mão na maçaneta, Sarah ousou olhar para trás e seus olhos encontraram um olhar profundo que prometia uma vingança. Sem pensar duas vezes, saiu e fechou a porta atrás de si.

Completamente ofegante, a jovem menina pediu um táxi. O motorista perguntou se ela estava bem, então Sarah disse que havia tido uma experiência ruim na livraria daquela rua.

Para sua surpresa, o taxista desconfiado e disse que a livraria mais próxima ficava a mais de 3 km. Intrigada, ela virou-se para a janela para apontar o local logo ali, mas não havia nada.

Nenhuma livraria, nem ao menos uma construção.

Apenas um terreno vazio e abandonado. Aquilo não podia ter realmente acontecido, era loucura, assim pensava ela.

Entretanto, o corte latejante em seu braço lhe dizia o contrário. Decidiu encerrar o assunto e ir logo para casa.

Chegando em casa, exausta e talvez meio maluca, um banho quente lhe pareceu uma boa opção.

Tomou um longo e relaxante banho. Pensou sobre a ironia de sempre querer viver uma vida mágica com

aventuras, como nas histórias, e agora estar completamente apavorada com tudo que aconteceu.

O corte estava piorando e parecia haver algum líquido verde gosmento em seu interior.

Deveria ir ao médico, mas isso levaria a perguntas que não conseguiria responder sem os médicos interná-la em um hospital psiquiátrico. A dor de cabeça estava quase fazendo-a desmaiar.

A Sarah desligou o chuveiro e se enrolou em uma toalha com muita dificuldade, mal conseguia parar em pé. Silêncio, tanto silêncio naquela casa que podia até ouvir os tinidos.

Analisando bem, um hospital psiquiátrico não parecia uma ideia tão ruim. A garota tentava caminhar até a porta se apoiando nas paredes, quando, olhando para o espelho embaçado, viu aquela mesma letra. Com a visão turva da tontura e agora também do medo crescente, custou a ler a mensagem. “Corra”. Um sino começou a tocar e sua última visão antes de apagar foi um sorriso sem dentes em um rosto que era dono do olhar que lhe prometeu uma volta. E voltou.

Seu Eliasar, o caçador de fantasmas
Yasmin Walker Maciel Queiroz
3º Lugar

Em toda a sua vida, Eliasar sentia que nunca havia se dedicado a um grande propósito. Casara-se num ímpeto de indiferença, se é que isso é totalmente possível, o que o levou a um divórcio esperado anos depois. Filhos? Não houve oportunidade para tê-los. Seu trabalho, igualmente indiferente, era um conjunto de horas passadas em branco. Sua aposentadoria, que, antes, desejava incessantemente como um escape àquela realidade cinza, quando finalmente chegou, era nada mais que uma extensão da vida solitária que levava até então. Não havia mais cheiros, nem gostos, nem música que o fizessem ter vontade de continuar a erguer seu corpo, cada vez mais debilitado, pela manhã. Fazia-o, simplesmente, porque era o que estava acostumado a fazer. Sua rotina era levantar, tomar um chá na sua única xícara vermelha e, então, passar mais um dia fazendo coisas que não tinham muita relevância para serem registradas.

No ápice da decadência, a sua casa confortável e ricamente mobiliada, o único fruto saudável que seu trabalho indiferente lhe rendeu, já não podia mais ser bancada com o que ganhava de aposentadoria. A realidade o forçou a se mudar para uma outra casa, mais humilde, em um bairro periférico da cidade. Essa última mudança, ele pensou, era para ser o que faltava para consumir o fracasso de sua existência.

Seria o que provaria que o seu pai e a sua mãe estavam certos quando diziam que seu jeito de ser faria com que ele ficasse sem nada e ninguém. “Era” e “seria” são os termos corretos. Porque logo foi provado como todos estavam enganados, incluindo o próprio Eliasar. Pois, naquela casa, escassamente mobiliada com o que a condição financeira humilde poderia comprar, Seu Eliasar havia achado um novo propósito. Algo que impulsionava cada osso e músculo seu a se levantar da cama, tomar um chá em sua xicara vermelha e passar o dia se preparando para uma batalha grandiosa.

Quem poderia imaginar que, no fim de sua vida, Eliasar se encontraria em uma casa mal-assombrada? Sim, era verdade. Ele sempre havia sido cético e inconformado com a idiotice de quem acreditava nessas coisas sobrenaturais. Sua própria mãe o importunava o tempo todo, falando de espíritos e energias negativas que podiam se abrigar em casas, rondando os cômodos ao escurecer e atormentando os moradores. Por isso que, em sua primeira noite, ao comprovar a existência de fantasmas naquela residência, lembrou de sua mãe com carinho e decidiu usar de tudo que ela lhe contava como informações valiosas para a missão que começava a ser desenhada em sua cabeça.

É claro que Eliasar poderia ter se acovardado e fugido dali. Mas, então, que tipo de vida teria? Via, ao seu redor, diversos colegas de trabalho se aposentando e indo morar com familiares – ele não

tinha essa sorte —, ou partiam para asilos e lares de repouso.

Eliasar se recusava a passar seus últimos dias na convivência de pessoas que, como ele próprio, também lhe experientavam em um laço afetivo real para buscar apoio. Não, ele não partiria assim. Se tivesse que morrer, faria de seus últimos momentos uma experiência com mais significado do que a vida que arrastava até então.

Assim, por mais ridículo que parecesse, Seu Eliasar se autoneomeou um caçador de fantasmas. Todo o dia, após o sol se pôr, percorria aquela casa de ar sobrenatural, buscando encontrar e capturar os espíritos que por ali vagavam incessantemente com o chegar da noite. Seu objetivo era mais difícil de ser alcançado do que parecia. Não possuía nenhum aparato que o permitisse enxergar os fantasmas, embora sentisse sua presença na forma de barulhos inexplicáveis e risadinhas distantes. Sua dificuldade para se locomover rapidamente também era um grande obstáculo, pois o impossibilitava de alcançá-los antes que fossem embora. Dessa forma, as longas madrugadas de perseguição desesperada acabavam na fuga dos espíritos assim que surgiam os primeiros raios de luz da manhã.

Essas noites se prolongaram de tal forma que a situação se tornou insustentável, e se tornou necessária uma maior preparação para a missão. Após reunir diversas informações de livros e outras fontes

que encontrou na biblioteca pública da cidade, ele se convenceu de que aquela noite seria diferente. Fechou todas as janelas e portas externas e selou com sal os seus parapeitos e soleiras, gastou suas últimas economias comprando dispositivos analisadores de frequência de rádio e câmeras captadoras de ondas de calor para poder observar qualquer movimento suspeito - não via o porquê de guardar o dinheiro para uma doença futura, sabia que não viveria por muito tempo - e, por precaução, comprou também crucifixos e dentes de alho, mas não sabia exatamente se serviam para esse tipo de criatura. Finalmente, distribuiu e ligou os aparelhos por toda casa. Não haveria fantasma que pudesse competir com tal preparo. Então, calmamente, esperou que o céu escurecesse e revelasse os mistérios que a noite preparava.

Seu plano era relativamente simples. A casa possuía um quarto principal, um quarto de hóspedes, um banheiro, uma sala no mesmo cômodo que a cozinha e uma espécie de porão. Para evitar que os espíritos escapassem novamente, Eliasar atrairia todos para baixo da casa, onde, descendo a escada, encontrava-se um pequeno depósito.

Ali, fecharia a entrada com sal, deixando todos os fantasmas capturados, acabando de vez com aquela busca incansável. Para tal feito, apagou todas as luzes, deixando consigo apenas uma lanterna velha, e se escondeu, agachado, em um canto do quarto, atrás da única cama de solteiro que mobiliava

o ambiente, junto com um roupeiro. Era como se dissesse “pode entrar” para as assombrações que aguardavam silenciosamente, à espreita.

Quatro horas se passaram sem nenhum movimento na casa. Um silêncio perturbador reinava no ambiente e Elias se policiava para respirar somente o necessário, em um ritmo lento e discreto, para emitir a menor quantidade de barulho possível. Um cheiro incômodo pairava no ar, fazendo com que ele se arrependesse instantaneamente de ter distribuído dentes de alho pelo quarto também.

Ainda assim, seu coração estava acelerado, coisa que o surpreendia mais que a estranheza daquela situação. “Anos atrás, eu nunca imaginaria que ainda poderia passar por tantas emoções” – pensou. Nessa fração de momento, o aparelho detector de frequências de rádio chamou sua atenção. O pequeno quadradinho de metal começou a mostrar ondas sonoras que se moviam na tela em uma cadência que aumentava a cada segundo. Ainda assim, silêncio na casa. O aparelho começou a emitir som próprio, alertando sobre a intensidade daquelas vibrações. “Piii, piii, piii” – um barulho irritante e estridente começou a ecoar. Era ainda mais forte, levando em consideração que não havia na casa outro som para competir. “Será que eu comprei algo quebrado?”

“Piii, piii, piii”. Ele iluminou o aparelho com a lanterna e deu umas batidinhas para ver se voltava a funcionar corretamente. Naquele instante, barulhos

inexplicáveis no piso de madeira começaram a indicar uma movimentação pelo corredor.

“Eles estão aqui”, pensou. Era a hora de agir. Seu Eliasar, então, agarrou a câmera detectora de calor e checkou o quarto. Nada ali foi apontado. Bam! A porta do quarto bate e é trancada. Estavam tentando mantê-lo preso no cômodo. Será que sabiam do seu plano e, agora, queriam fazer o mesmo com ele? O barulho de passos no corredor aumentava cada vez mais. Eliasar, em um ímpeto de agilidade, alcançou o pé de cabra – que tinha posicionado, estrategicamente, embaixo da cama – e começou a arrombar a porta. Se eles duvidaram que estivesse mesmo preparado, haviam cometido um grande erro. Boom! Ele empurrou a porta com toda sua força e saiu do quarto principal.

Inexplicavelmente, os barulhos sumiram. Eliasar lacrou a porta do quarto com sal, para que os espíritos não entrassem mais lá, e olhou do corredor para a sala. Nada além do movimento das cortinas com o vento. Mas que vento, se as janelas estavam fechadas?

Barulhos de batidas de panela começam a chegar do outro lado do cômodo, cada vez mais fortes.

Ao se aproximar e iluminar a cozinha com a lanterna, ele não pôde deixar de notar que, ainda que as panelas estivessem dentro dos armários, os mesmos se mexiam e vibravam de forma assustadora com o estardalhaço. Pof! A porta de um armário de baixo atingiu sua canela, fazendo com que ele caísse no

chão. Sua perna começou a arder com o impacto e sua vista ficou turva. Em um segundo, uma rajada súbita de vento varreu a sala e a cozinha, abrindo as portas dos armários de cima e derrubando tudo que ali estava.

Clack! Bum! Plaft! Seu prato e sua xícara quebraram junto com um coral de barulhos ainda mais ensurdecedores para o ouvido de um homem da terceira idade. Um garfo e uma faca passaram perto de atingi-lo, ele desviou por um triz. Nessa hora, uma chaleira caiu na lateral da sua cabeça. A dor foi instantânea e ele começou a perder os sentidos. O ambiente foi ficando escuro, e a única coisa que Eliasar conseguia ouvir era o som de risadinhas perversas no fundo.

Seus olhos abriram. O primeiro sentimento que chegou era a confusão: ainda estava na cozinha? Depois, em um único golpe, a dor insuportável na cabeça e na perna. Demorou algum tempo para que Eliasar conseguisse se lembrar de como havia chegado naquele estado. Por que será que os fantasmas haviam sido tão violentos dessa vez? Nas várias outras noites que vagaram pela casa, o máximo que tinham feito era provocar barulhos irritantes, como o de passos, rangeres de porta, gritos e risadas. “Agora, sem dúvida, estão mais enfurecidos comigo”. Esse pensamento fez com que ele ficasse com um pouco de medo.

Com muito esforço, finalmente, conseguiu erguer-se, ao se apoiar na mesa da cozinha,

iluminando a sala com a lanterna, que ele tinha recuperado do chão. Seus olhos vagaram por vários crucifixos e dentes de alho até encontrar o relógio. Já eram quatro horas da manhã! Como podia ter passado tanto tempo desacordado? Faltava pouquíssimo para o amanhecer.

Sua vontade era de gritar, já que havia, mais uma vez, dedicado tempo e esforço para nada. Foi, então, que algo passou pelo corredor. Um vulto sem forma definida.

“Estão aqui, ainda existe uma chance!”. Eliasar precisava ir o mais rápido que conseguisse.

Mancando e sentindo dor a cada passo, checou, determinado, as câmeras e os dispositivos detectores de ondas de rádio na sala e na cozinha e, vendo que não havia mais nada ali, fechou as entradas do corredor com sal. Para sua surpresa, o mesmo aconteceu no banheiro e no quarto de hóspedes.

Agora, todos os sons estranhos pareciam vir do porão. Será que era possível? Foram parar bem onde ele queria que estivessem!

Desesperado, morrendo de dor na perna e na cabeça e sentindo a fadiga em cada respiração, partiu como louco em direção às escadas. Mais barulhos chegavam do porão. Seu plano estava funcionando! Passou do primeiro degrau e fechou sua entrada com sal. A cada novo degrau que descia, seu cansaço parecia menor. A luz da lanterna fraquejava, mas sua vontade, não. Precisava daquela descoberta mais que tudo, precisava de um feito para se orgulhar. Segurou

firme a câmera detectora de ondas de calor e o aparelho para frequências de rádio, com sussurros e risadas no porão encorajando-o a descer mais e mais. Estava quase lá. Descia mais um. Estava lá. Extasiado por aquela sensação, sua perna fraquejou e ele tropeçou no último degrau, dando de cara no piso frio.

O gosto sujo da poeira acumulada, após várias semanas sem uma única limpeza, chegou em sua boca. Sua lanterna velha já tinha escapado da mão e batido no chão, apagando de vez. Não, ele não iria falhar agora. Eliasar levantou a cabeça sem medo e apontou a câmera para o porão.

A câmera, obviamente, estava estragada.

Eliasar pegou o detector de frequências de rádio... aparentemente, aquela coisa inútil também não funcionava. O que havia de errado com os equipamentos? Bateu, e nada. Agitou, e nada.

Desligou e ligou de novo dez vezes e nada. Eliasar tentou ouvir, tentou enxergar naquele lugar escuro. Ele realmente tentou. Mas não havia coisa alguma, porque eles tinham ido embora. Escuridão e silêncio. Era um velho sozinho no porão.

Dessa vez, sem dores e sem nenhum sentimento em particular, subiu as escadas e não se importou em desfazer com seus pés a linha de sal que tinha marcado na entrada.

Chegando na cozinha, pegou a chaleira do armário, esquentou a água e serviu um chá na sua única xícara vermelha. Depois, sentou-se – possuía

apenas uma cadeira na mesa – e bebeu um gole do chá, que estava frio, apesar de tudo. Os raios da manhã passavam pela janela aberta e atingiam sua pele desbotada. Não estava mais triste ou desolado, afinal, tinha se acostumado a aceitar seus fracassos. Fez isso por toda vida. Fez isso durante a sua jornada como caçador de fantasmas, em cada manhã desde que chegou naquela casa.

Ainda assim, esperava que tudo aquilo fosse um aprendizado. Tinha que ser. E, por isso, convenceu-se de que o fim não estava ali e naquele instante. A próxima noite seria diferente. Ele conseguiria impedir que os fantasmas fugissem dele. Conseguiria impedir que eles o deixassem quando a manhã chegasse.

Mas não houve próxima noite. Semanas depois, os policiais encontraram o corpo de um velho sozinho no porão.

V Edição
Categoria Poema
Ensino
Fundamental

Tudo é Poesia
Richard Kletenberg Gutjahr
1º Lugar

Na minha vida, tudo é poesia
Cada dia, uma nova melodia
O sol nasce com tons de laranja
E a felicidade, em mim, se alavanca

A brisa sopra fresca no rosto
E o coração bate forte, exposto
À beleza que se espalha pelo mundo
Um sentimento tão profundo

Os pássaros cantam com alegria
E eu sigo em frente, sem melancolia
Pois a vida é uma dádiva divina
E eu quero aproveitá-la, sem machucar minha retina

A natureza é minha inspiração
E a poesia, minha vocação
Cada verso é como um pedacinho de mim
Refletindo o amor, o riso e o fim

Deixo o meu coração na página
Com todas as minhas emoções e coragem
Porque poesia é a minha alma
E eu não vivo sem ela, nem por um só instante

Então segue o meu caminho, meu destino
E eu sigo rimando, cada verso, um hino
Para celebrar a vida e a bondade
E espalhar a poesia, com toda sinceridade.

Pintura da Alma
Amanda Heinrich
2º Lugar

Toda poesia é pintura da alma
Colocamos coração, corpo e mente
Pintando com calma
e, sem pensar, revelando o que o coração sente

Quando a alma está cheia
E o corpo em silêncio absoluto
Você prende a tristeza na sua própria cadeia
E o coração guarda tudo, resoluto

Vá em frente, tente compreender
Só se entende uma pintura, se o pintor for você

Não tenha medo de se expressar!
Ser poeta é ver beleza nas alegrias da vida
Mas também nos desafios que ela professar

Se deixar falarem
Tudo que pensarem
Perderá sua identidade,
E vai deixar que ditem sua felicidade?

Por isso, não abaixe a cabeça ao encontrar um espinho
Continue andando com fé
Tentando ver beleza no caminho
Apreciando a beleza que a vida é

Esperançar
Bruno Romagnani Leopoldo
3º Lugar

A esperança é uma luz no fim do caminho,
Um sol que brilha mesmo em dias de chuva,
Uma chama que nunca se apaga,
E que acolhe o coração mesmo em meio à escuridão.

A esperança é um jardim de flores,
Que brota mesmo em terrenos áridos,
Um oásis em meio ao deserto,
E que nos faz seguir em frente, sempre.

É como uma fênix que renasce das cinzas,
Uma ave que voa alto mesmo com as asas feridas,
Uma semente que germina em solo infértil,

E que nos lembra que é possível vencer
Mesmo nas dificuldades.

A esperança é uma poesia que não acaba,
Uma melodia que embala o coração,
Um sonho que se realiza,

E que nos faz sentir vivos em cada respiração.

Ela é um abraço que nos conforta,
Uma mão amiga que nos ajuda a levantar,

Uma luz que nos guia mesmo nas trevas,
E que nos faz crer que tudo pode melhorar.

Por isso, nunca deixe a esperança morrer,
Nunca deixe de sonhar e acreditar,
Porque é ela que nos mantém em pé,
E que nos faz continuar a lutar.

V Edição
Categoria Poema
Ensino Médio

Cassino
Giovanni Pisetta Dolzan
1° Lugar

Adentam no cassino os poetas
Procuram nos dados a emoção
Apostam palavras incertas
Afastam de si a razão

Roletas de frases abertas
Baralhos de inerte paixão
Dopamina preenche as cabeças
Dos que buscam inspiração

Neste jogo perverso
Ninguém faz fortuna
Em busca de um novo verso
De uma estrofe oportuna

Mas no fim de todo poema
Não há trapaça nem artimanha
O cassino repete seu lema
A banca sempre ganha

Passageiros do trem
Maria Eduarda Rosa
2º Lugar

A vida é como um trem
Ela vai e vem.
Com bagagem carregada,
Ora leve ora pesada, é transportada ou deixada.

Cada um tem o seu vagão
Com destino a uma estação.
Carregando sua bagagem
Seguindo uma viagem.

A primeira parada é da cegonha,
A segunda da criança sem vergonha,
A terceira da rebeldia,
A quarta das decisões do dia a dia.

Nos trilhos
Podem ter empecilhos...
Dias calmos e tranquilos
Dias tensos sem cochilos.

Tem sempre um inspetor
Aquele que pode conduzir e orientar
Ou tem um ator
Capaz de te iludir e da capacidade duvidar.

É possível colocar assentos

Afinal, individual não precisam ser os momentos.
É possível compartilhar
Deixar alguém, o sino tocar.

Sem parar, seguir em frente
Até a vaga sobrar...

Não é sobre se aposentar para sempre
E sim, sobre um legado percorrido deixar.

Um povo muito além da sua cor
Joaquim Fronza Silveira
3º Lugar

Não é por conta do suor do amor,
Mas é pela força da dor.
Não é só pela religião,
é um povo marcado pela escravidão.

Na força de trabalho não-remunerado,
um povo era escravizado.

Discriminados pela religião, por costumes e pela cor,
Eles carregavam muita dor.

Hoje, ainda há preconceito.
Andando pelo mercado,
uma nação que foi (e é) discriminada.

Temos que as palavras suavizar,
e o preconceito deve parar.
Hoje, dizemos não,
a esse mal que foi a escravidão.

V Edição
Categoria Conto
Ensino
Fundamental

Colina dos Heróis
Gustavo Mezdari Guerrero
1º Lugar

O ano é 1299 a.C. A cidade de "Colina dos Heróis" está morta, um eco silencioso do que já foi um lugar próspero e repleto de vida. Os deuses, outrora adorados e reverenciados, abandonaram a cidade há muitos anos, deixando para trás apenas os ecos das suas bênçãos. Agora, os humanos que restaram estão lutando para sobreviver em meio às ruínas e lembranças do passado glorioso.

A desesperança paira sobre a cidade, como uma névoa densa que envolve tudo. Os campos que antes eram férteis e abundantes estão secos e estéreis. As ruas que uma vez vibravam com a energia do comércio e da cultura agora estão vazias e sombrias. A vida se tornou uma batalha diária pela sobrevivência, e a fé nos deuses desapareceu como uma vela que se apaga ao vento.

Então, em um dia que parecia igual a tantos outros, algo extraordinário aconteceu. Um grupo de nômades, com roupas gastas pelo tempo e olhos cheios de determinação, chegou à cidade. Eles eram liderados por um homem chamado Krotálias, cujo nome parecia ecoar como um trovão distante. Krotálias era conhecido por sua devoção inabalável a Hades, o Senhor do Submundo. Seus olhos brilhavam com uma crença fervorosa, e ele acreditava que a cidade ainda poderia ser salva.

Krotálias e seus homens não eram simples nômades em busca de abrigo temporário. Eles tinham uma missão, uma busca que desafiava os próprios deuses que haviam abandonado a cidade. Eles estavam atrás do lendário "matador de deuses", um artefato poderoso que diziam ser capaz de enfrentar até mesmo os deuses mais poderosos e tirar-lhes a vida divina.

Políphastos, um construtor da cidade que havia testemunhado a decadência gradual da sua terra natal, sentiu sua curiosidade despertar diante da chegada dos nômades. Impulsionado por uma mistura de esperança e desconfiança, ele decidiu seguir os nômades e para sua surpresa viu Krotálias, seu melhor amigo, liderando os homens até um dos mega túneis da cidade, um lugar sombrio e esquecido onde poucos se aventuravam.

Lá, Políphastos testemunhou algo que desafiou sua compreensão da realidade. Krotálias e seus homens estavam usando o temido "matador de deuses" para confrontar os próprios seres que haviam sido considerados intocáveis. Ele viu deuses caírem diante do poder implacável do artefato, sua divindade dissipada como fumaça ao vento.

O horror invadiu o coração de Políphastos. Ele não podia aceitar a ideia de que os deuses, mesmo que abandonados, poderiam ser destruídos por mãos humanas. Com um grito de desafio, ele se lançou contra Krotálias, movido pelo desejo de deter o que ele via como um sacrilégio imperdoável. Mas a

bravura de Políphastos não foi suficiente para deter o ímpeto implacável de Krotálias, que o apunhalou sem hesitação.

Políphastos caiu, sentindo a escuridão se aproximando. No entanto, sua jornada estava longe de terminar. Em um instante que parecia esticado no tempo, ele sentiu a presença majestosa de Zeus, o Rei dos Deuses, envolvendo-o. Sua alma foi salva da beira do abismo, e Zeus, com sua infinita compaixão, tomou uma decisão extraordinária.

Com um gesto cósmico, Zeus transferiu a alma de Políphastos para o corpo de um humano moribundo. Assim, Políphastos se tornou receptáculo terreno para a essência divina de Zeus, uma fusão única entre mortalidade e divindade.

O renascimento de Políphastos foi marcado por uma sensação de poder inimaginável. Ele podia sentir a força dos deuses fluindo através de suas veias, suas ações guiadas pela sabedoria e determinação divinas. Agora, ele era mais do que um simples construtor; ele se tornara um verdadeiro herói, destinado a moldar o destino da cidade e daqueles que nela viviam.

Com seu novo poder, Políphastos enfrentou Krotálias e seus seguidores. O confronto foi épico, uma batalha que ecoaria através dos séculos. Os poderes divinos de Políphastos superaram os esforços de Krotálias, e, com um gesto imponente, ele derrotou o líder dos nômades e petrificou a todos, transformando-os em estátuas silenciosas que serviriam como um lembrete eterno da sua derrota.

Com a cidade em ruínas à sua volta, Políphastos não hesitou em começar a tarefa colossal de reconstrução. Seu toque, agora imbuído da força dos deuses, trouxe vida de volta às estruturas desmoronadas. As ruas voltaram a ser preenchidas com o som de passos esperançosos, e a cidade começou a se erguer novamente das cinzas do seu passado.

A história de Políphastos, o construtor que se tornou um deus, espalhou-se como um incêndio nas noites de verão. Sua coragem, sua determinação e a harmonia única entre mortalidade e divindade o tornaram uma lenda viva. Ele se casou, fundou uma família e viu seus descendentes crescerem sob sua proteção vigilante.

Mas, apesar de sua felicidade, Políphastos nunca esqueceu o amigo que uma vez fora. Krotálias, agora petrificado para a eternidade, permaneceu como uma sombra constante em seus pensamentos. Políphastos visitava a estátua do antigo líder nômade regularmente, refletindo sobre os misteriosos que os deuses trilham e as escolhas que os mortais fazem em nome da crença.

E assim, a cidade de "Colina dos Heróis" ressurgiu das profundezas da desolação, guiada pela coragem e determinação de um homem que carregava o espírito de um deus.

O voar de um sonho
Nádia Sautner
2º Lugar

A primeira visão que teve ao abrir totalmente os olhos, quatro dias após ter saído da casca de seu ovo, foi de uma pequena coisa feia, de pele totalmente lisa e rosada, que estranhamente parecia não saber o que era manter a boca fechada. Logo descobriu, para seu desgosto, que aquela “coisa” era sua irmã e que, provavelmente, ele era tão feio quanto ela. Também descobriu que, nos dias em que não enxergava, quem saciava sua fome eram duas grandes criaturas cobertas por penas pretas, os seus pais. Morava em um ninho, formado por folhas e gravetos, localizado no alto de uma árvore, à beira de um grande rio. A Mãe e Pai revezavam-se para cuidar dos dois ou buscar comida. Para seu alívio, no final de sua primeira semana de vida, seu corpo, assim como o de sua Irmã, desenvolveram lindas e delicadas penas.

Em seu primeiro mês de vida, a Mãe e o Pai decidiram que já estava na hora de começar a treinar o voo. A Irmã conseguiu de primeira planar da árvore para o chão, pousando de uma forma muito graciosa, enquanto ele, batendo as asas em um ritmo frenético, deu umas cambalhotas no ar e caiu esparramado no chão. Os pais assistiam orgulhosos à Irmã, mas pareciam preocupados com ele. Quando tentava pegar impulso, sempre se enrolava e caía, e, para seu aborrecimento, sua Irmã parecia achar graça de todas

as suas iniciativas frustradas. Embora o cansaço tentasse vencê-lo, praticou o restante do dia inteiro sozinho até que, finalmente, conseguiu se manter no ar por alguns segundos. Não cabia em si de felicidade. Naquela semana, treinou todos os dias com a Irmã, que, embora fosse chata, parecia tentar lhe ajudar, aumentando cada vez mais o tempo que conseguia permanecer no ar. Ainda não era o bastante, mas já conseguia voar por alguns minutos. Os pais, emocionados, assistiram a todo o seu crescimento do ninho e, na segunda semana daquele mês, o Pai resolveu levar ele e a sua Irmã, para dar uma volta pela mata. Ensinou-lhes que a maioria dos animais de quatro patas eram perigosos e a diferenciar o que eles podiam comer do que não podiam. Tudo estava indo bem. Ele e a Irmã estavam aprendendo todos os dias com seus pais sobre mais técnicas de sobrevivência. Logo seriam iguais a eles, voariam como a Mãe e encontrariam comida como o Pai. Ele e a Irmã gostavam de voar ao anoitecer para ver o sol se pôr, e observar, no outro dia, ele surgir novamente, imponente sobre a mata. Até que, em uma noite, foram acordados bruscamente por uma forte luz e por cheiro de fumaça. Os pais estavam alerta e

observavam uma chama que se alastrava rapidamente pela vegetação, consumindo insaciavelmente tudo que vinha pela frente, deixando para trás somente cinzas. Observou os olhares que eles trocavam. Estava decidido. O fogo ainda não estava muito perto, mas, em alguns minutos, logo

chegaria ali. O Pai levantou voo, seguido pela Irmã e pela Mãe.

A única opção que lhe restou, apesar de ser contra a sua vontade, foi segui-los, pois não conseguiria sobreviver sozinho sem eles, embora ainda não houvesse dominado totalmente a arte de voar. Enquanto voava, via tanto nos céus, quanto no chão os animais que, outrora, fora ensinado a temer, fugindo do mesmo inimigo. Enquanto seus pais e a Irmã voavam determinados, suas asas começaram a fraquejar e o seu corpo começou a sentir cansaço. Sua visão estava ficando turva pela fumaça que subia e seu voo começou a apresentar desvios. Nem seus pais, nem sua Irmã perceberam isso, porque voavam sem olhar para trás. Sem forças para continuar a segui-los, acabou caindo no chão. Sua visão escureceu e sentia seu corpo queimando, enquanto perdia a consciência.

Teve sorte de sobreviver. Foi resgatado por uma equipe que apagava o fogo e realizava o resgate de animais feridos. Seu corpo todo tinha sido queimado. Não conseguiu passar no teste do Centro de Reabilitação de Animais, para poder voltar à natureza, porque perdeu a capacidade de voar. Vivia confinado em uma pequena gaiola, em que a única coisa que podia fazer era andar ora para um lado, ora para outro. Sentia falta de seus pais, do seu lar e por incrível que pareça, até da Irmã. Não sabia a forma de agir a respeito de não conseguir mais voar. As vezes acordava no meio da noite e achava que tudo não tinha passado de um pesadelo, mas ao abrir as assa

para alçar voo, a dura realidade sempre lhe atingia. As pessoas da equipe que lhe davam suporte, ao notarem sua infelicidade, optaram por realizar uma eutanásia. Ele nada sentiu – garantiram. Antes de cerrar os olhos para sempre, desejou que, pelo menos em seu sono eterno, pudesse voar.

O mistério do Rio Perdido
Bruno Romagnani Leopoldo
3º Lugar

Era começo de uma tarde de verão quente e abafada no início do mês de dezembro, e um grupo de vinte e um estudantes do ensino médio da escola estadual Professor Ambrósio Ferreira da Costa Silva decidiu fazer uma trilha pelas margens do Rio Perdido. Rio bem extenso, há uns 25 km da escola, que fica na divisa com uma pequena cidade também de interior. O professor de biologia, o Senhor Roy, alto, loiro, barbudo, de meia idade, conhecido por sua paixão pela natureza e por suas histórias misteriosas, liderava a excursão. Os alunos estavam bastante animados com a ideia de explorar a beleza natural do rio e aprender mais sobre a flora e a fauna local.

À medida que caminhavam pela longa trilha sinuosa, cercada por árvores exuberantes e arbustos densos, uma sensação de inquietação começou a tomar conta de todo o grupo. Ouviam-se murmúrios sobre um antigo mito que rondava aquelas terras, algo ~~sobre~~ sobre um misterioso tesouro escondido nas profundezas do rio. O professor Roy, sempre disposto a alimentar a imaginação de seus alunos, sorria enquanto os escutava, atento.

Quando finalmente chegaram à margem do Rio Perdido, a visão do fluxo cristalino e das rochas pontiagudas era fascinante. Os estudantes estavam maravilhados com a serenidade do encantador lugar.

O professor Roy explicou que a região era famosa por suas lendas e mitos, e contou uma antiga história de um explorador que desapareceu misteriosamente enquanto procurava o tal tesouro perdido.

Enquanto os alunos mergulhavam nas águas límpidas do rio para se refrescarem do intenso calor, um deles, com cabelos ruivos, olhos verdes e com sua bermuda de tacetel de bolinhas vermelhas e regata listrada, chamado Tobias, notou algo estranho no fundo do rio. Uma fina ponta de objeto de cor metálica brilhava entre as pedras. Ele chamou a atenção do

professor Roy e, juntos, começaram imediatamente a tentar escavar com as mãos na esperança de

desvendar o mistério.

A medida que cavavam, a tensão aumentava.

Não era fácil pegar fôlego para ficar embaixo da água e escavar ao mesmo tempo, mas iam se revezando para fazer isso. O objeto parecia ser bem grande. O sol já estava se pondo no horizonte e a escuridão começava a envolver toda a belíssima paisagem, mas eles não paravam de cavar. De repente, quando a lua emergiu por trás das nuvens rosadas, um grito ecoou pela floresta. Todos se viraram e viram um assombroso vulto entre as imensas árvores e a vegetação verde escura.

O professor Roy, corajoso e curioso, parou de escavar o grande objeto reluzente no rio e liderou o grupo em direção ao peculiar som. Seguindo um caminho estreito e curvo, chegaram a uma clareira escondida. Lá, encontraram um velho barco

abandonado, com as madeiras já bem desgastadas e apodrecidas pela ação do tempo e um mapa amarelado rasgado que parecia pertencer ao explorador perdido. Era um achado notável, mas algo não estava certo...

Enquanto os alunos examinavam com cautela o mapa, começaram a sentir uma presença sinistra os observando de longe. Uma névoa espessa começou a se formar ao redor deles, obscurecendo a visão e causando um arrepio na espinha. O professor Roy, percebendo o perigo iminente, ordenou que todos corressem de volta para a trilha naquele mesmo instante.

Correndo pela gigantesca floresta escura, apavorados, os estudantes tropeçavam nos galhos caídos e raízes das árvores e se chocavam com os arbustos espinhosos. A presença maligna parecia persegui-los, risadas sinistras preenchiam o ar com longos ecos. Finalmente, alcançaram a trilha e correram o mais rápido que puderam até chegarem ao transporte que os levaria de volta à escola sãos e salvos.

Já sentados nas poltronas do ônibus, ofegantes, suados e sujos com lama, os alunos olharam para trás, esperando ver o professor Roy chegar em segurança, mas ele nunca apareceu... O professor de biologia havia desaparecido na floresta misteriosa, junto com o mapa e o tesouro.

Os estudantes, assustados e perplexos, sabiam que a então história do tesouro perdido era real, assim

como o perigo que o cercava. Prometeram nunca mais retornar ao Rio Perdido, mas o mistério e o fascínio daquele lugar sinistro e aterrorizante permaneceriam em suas mentes, como uma lembrança de um verão repleto de mistérios e suspense.

V Edição
Categoria Conto
Ensino Médio

A Reunião

Yasmin Walker Maciel Queiroz

1º Lugar

— Meus colegas soldados, neste momento, estamos a um passo de concluir a missão que ajudará a decidir o futuro da nossa espécie. Só nós sabemos o esforço que dedicamos durante esses 100 anos para que o plano fosse bem sucedido. — Disse Zrhalug, em sua língua materna.

O ano era 2023 e três oficiais do antigo povo Zrunit encontravam-se na sala de comando da nave, sentados em volta da mesa. Há séculos, seus semelhantes haviam sido expulsos de sua terra natal pelas mãos de um cruel adversário: Os Yiehknom, raça terrível e impiedosa, viajavam pelas constelações, destruindo civilizações inteiras para se aproveitarem dos recursos naturais. Os planetas que haviam sido devastados até seu núcleo apenas para abastecer o império Yiehknom não poderiam ser contados, nem com todos os dedos da mão de um zrunitano, e eles eram conhecidos por possuir muitos.

Desde que sua terra natal foi invadida, os Zrunit contavam os dias para sua completa extinção. Com o tempo, viram as nações vizinhas cair uma a uma e se tornaram fugitivos em seu próprio planeta. Uma resistência se formou, mas seu poder bélico era inexpressivo quando comparado ao do império Yiehknom, cujas espaçonaves tinham dimensões de grandes corpos celestes. Por esse motivo, os mais

experientes guerreiros e os mais sábios mestres foram enviados pela galáxia, em busca de alianças militares e de uma forma de derrotar o inimigo que ameaçava sua sobrevivência.

– E, aqui, estamos. – Ponderou Zraghart, com a feição triste. – Quantos de nosso povo tiveram que dar a vida para que chegássemos nesse momento...

– Não será agora que vamos desanimar! – Exclamou Zrhalug, com um soco na mesa. A emoção era tanta que suas veias vibravam por baixo de sua pele azul e escamosa. – Além disso, só nos resta o

último teste para que possamos confirmar o sucesso do projeto. Por falar nisso, Zrenish, quais foram os resultados das simulações?... Zrenish?... Zrenish!

O soldado considerado mais franzino entre os três despertou subitamente, devido ao chute que seu outro colega deu por baixo da mesa, em uma de suas várias pernas.

– Como pode pegar no sono em um momento tão importante?

– Desculpe-me. Fiquei dias acordado para conferir se os dados dos testes estavam corretos.

– E, então?

– Com o alcance e a magnitude da carga, acredito que nossa arma surtirá o efeito esperado. Como vocês bem sabem, precisaremos testá-la com a potência reduzida para nos certificarmos de que a força nuclear dos elementos não irá colapsar sobre si mesma. Ainda assim, a energia necessária para realizar um disparo é o suficiente para abastecer 10

naves como a nossa, pelo período de 20 anos. Por isso, podemos fazer apenas um teste se quisermos preservar nosso poder de fogo para a guerra.

— Tem certeza de que ela será capaz de derrubar o escudo da nave-mãe? — Disse Zraghart, ansioso, imaginando a imensa espaçonave que os Yiehknom possuíam, e que sobrevoava a órbita de seu planeta como símbolo de dominação.

— Essa confirmação só terei depois de calcular os danos do impacto no alvo escolhido.

Em suas viagens pelo espaço, os Zrunit encontraram um planeta com vestígios de um povo ancião, dizimado pelo mesmo inimigo. Nas ruínas daquela terra, já devastada e sem nenhuma matéria ~~foriana~~ que pudesse ser aproveitada, descobertos cálculos para a construção de uma arma letal, capaz de superar as forças do temível império. Após duas gerações de aprimoração, o projeto foi finalmente concluído e os três soldados, que, agora, reuniam-se na sala de comando, foram enviados para testá-lo longe do conhecimento das forças inimigas.

Muitas buscas foram realizadas, até que a tripulação encontrou um planeta com as condições ideais para simular a nave Yiehknom. Entretanto, sua varredura de reconhecimento havia indicado uma forma de vida inteligente habitando a superfície. Enquanto Zrenish fazia os ajustes finais para o teste da arma, Zrhalug e Zraghart foram enviados para se infiltrar entre aquela espécie e verificar se havia algo que valesse a pena ser poupado. A reunião era

justamente para decidir sobre o futuro daqueles que se autodenominavam “seres humanos”.

– Ainda acho a aparência deles desprezível. – As feições de Zrhalug exibiam um desgosto involuntário.

– Além do fato de terem só dois globos oculares. Realmente... lamentável.

– E quanto à inteligência? – Zrenish indagou. – Pelo que notei, possuem a capacidade mental muito reduzida. – Continuou Zraghart. – Durante o século em que os observamos, alcançaram muito pouco em questão de desenvolvimento

tecnológico. Mal conseguem viajar nas proximidades do próprio sistema solar! Comparando-os com nossa espécie, no mesmo período de existência, já tínhamos descoberto a viagem entre galáxias e como prolongar nossa vida em 10 vezes.

– Não terão a mínima chance quando os Yiehknom chegarem até eles.

– Zrhalug sentiu a necessidade de encontrar mais justificativas. – O único mérito que alcançarão será servir de teste para nossa arma e possibilitar a vitória contra nosso inimigo. Assim, pelo menos, iremos poupá-los da vergonha.

– Então, pelo visto, vocês confirmaram que não há mesmo algum motivo para preservar a existência deles. É isso? Posso dar início à sequência de ativação? – Disse Zrenish, animado para colocar em prática a pesquisa pela qual dedicou tanto tempo.

Zrhalug e Zraghart se entreolharam, muitas vidas dependiam daquela resposta.

– Sim... – Responderam juntos. De nada adiantaria prolongar a decisão que precisavam tomar. Cada momento que passava era fundamental para a sobrevivência de seu povo e de vários outros que viriam depois dele.

A afirmativa, mesmo sem total convicção, foi o suficiente para que Zrenish se levantasse e começasse a operar o painel de controle. Ainda assim, a discussão não parecia estar devidamente finalizada.

– Sabe, Zrhalug, não achei que me sentiria culpado.

– Zraghart o encarou. – Mas pensar que convivemos com eles por tanto tempo...

– Você é que se tornou muito sentimental com o passar dos anos. – Zrhalug respondeu, mas não conseguiu soar tão ríspido quanto pretendia. No fundo, compartilhava a mesma insegurança.

– Talvez você esteja certo. – O soldado respondeu, em um tom abatido. Alguns instantes se passaram, até que conseguisse quebrar o silêncio. – Mas sabe que há algo naquela espécie que nunca entendi?

O que me incomodou não foram as guerras, a violência, ou a ganância, porque são males que todas as sociedades que já conhecemos também enfrentam. Entretanto, se eles sabem que não conseguem sair de seu planeta para popular outro, por que desperdiçam seus recursos naturais para fins insignificantes e de forma tão despreocupada?

Zrhalug ponderou por um tempo até encontrar uma explicação.

– Acredito que faça parte da sua ingenuidade.
 – Como assim?
 – No fundo, sabem que o destino que os aguarda não é promissor e que seus maus hábitos os conduzirão à extinção. Mas existe, dentro deles, uma resistente força, que os faz acreditar, contra todas as evidências, em um futuro melhor. – Zrhalug fitava o chão, deixando-se levar pelos pensamentos. – É essa ingenuidade que faz a maioria de sua espécie ignorar os problemas e continuar vivendo, como se não houvesse amanhã. Seria quase poético, se não fosse triste. Não que um exclua o outro...

– Será que não é justamente isso que os torna dignos de salvação?

– Zraghart sabia que a hesitação atrapalhava a conclusão do objetivo, mas não conseguiu evitar uma comparação. – Afinal, eles acreditam que sua espécie merece um futuro feliz. Assim como nosso povo, resistindo em nosso planeta natal ou vagando pelo espaço em busca de justiça, também são movidos pela esperan...

conclusão. “Atenção, sequência de ativação Preparar para disparar em 3...2... 1... Disparo efetuado com sucesso!”

Zrhalug e Zraghart encararam Zrenish com o olhar congelado, tinham esquecido de que ele também estava na sala. Após o aviso da interface, o rosto de Zraghart corou em um novo tom de azul.

– O que foi? – O soldado franzino olhou para o painel confuso. – Era para realizar o teste... não era?

Os outros dois ficaram sem palavras. Tudo o que conseguiram fazer foi assentir lentamente com a cabeça.

– Ufa! Achei que tinha feito algo errado. – O tom aliviado de sua voz enfraqueceu quando notou algo estranho na expressão de seus colegas. – De qualquer forma, devido a distância que estamos do planeta, o impacto levará um ano para atingir o alvo. Então, terei os dados de que precisamos para cumprir nossa missão. É isso... Podemos comer agora?

Zrhalug e Zraghart, ainda um pouco aéreos, levantaram-se. Os três partiram juntos em direção à saída. Em suas mentes, a mesma pergunta vagava, sem cessar: “O que os seres humanos farão com o tempo que lhes resta?”.

As luzes da sala de comando foram apagadas.
Reunião encerrada.

O menino que se apaixonou pela Lua
Lucas Gabriel Stopassolli
2º Lugar

Alguns dizem que amar é o maior ato de loucura do ser humano, mas eu penso que, em um mundo tão doente com a monotonia, a loucura pode ser um pequeno resquício daquilo que, um dia, se chamou "felicidade". Particularmente, nunca acreditei no amor. Talvez pelo fato de ser órfão e não ter tido pais presentes, ou, talvez, pelo fato de ter aprendido sozinho, desde cedo, que o mundo é cruel e as pessoas, frutos do egoísmo e do individualismo.

Por ironia do destino, ter encontrado Samuel naquela noite me fez repensar se esse meu pré-conceito sobre amar não passava de uma opinião estúpida sobre algo que ainda não havia sentido antes, ou talvez havia, mas não me recordava....

Na verdade, fez-me pensar se eu só estava agindo igual a esta massa de pessoas que tanto critico: de forma egoísta e individualista, tentando esconder meus sentimentos e a minha carência por uma mínima atenção, atrás de traumas mascarados por um orgulho hipócrita e arrogante.

De qualquer forma, eu estava terminando de tomar meu café, peguei um pedaço de bolo de chocolate com morango, e, no final, sobraram alguns pedaços da fruta no prato, porque eu detesto. Olhei pela janela que ia do teto ao chão, ao lado da minha mesa para dois, que estava ocupada apenas comigo, e

vi a lua cheia, brilhando como nunca, reluzindo tão forte no céu que projetava sombras dos postes do lado de fora... Essa noite, em específico, cheirava a terra molhada e havia uma brisa fresca em meio a uma onda de calor em plena noite no verão, obrigando-me a andar de bermuda e camiseta. Paguei a conta e sai da cafeteria, seguindo um caminho sem rumo pelas calçadas iluminadas pelos poucos postes que havia na rua, além, é claro, da luz da Lua.

Logo que andei uns dois quarteirões, deparei-me com um menino sentado em um banco de madeira, olhando fixamente para a Lua. Possuía pele morena, com cabelos volumosos e meio bagunçados, estava com uma camiseta branca e um shorts preto, só de chinelo, e notei que tinha olhos profundamente azuis e brilhantes, pareciam até de boneca. Tinha uma estatura um tanto magricela, porém relativamente baixa, portanto supus que tinha por volta de oito anos. O que mais me intrigou foi: Por que um garoto dessa idade estaria andando sozinho por aí?

Logo que sentei ao seu lado para perguntar o que havia de tão especial na Lua, perguntei seu nome, e ele apenas continuou admirando o belo astro e respondeu em tom baixo, como se tivesse que sussurrar:

- Samuel Trivolloni, senhor!

Perguntei sobre seus pais, porém ele não respondeu e continuou admirando a Lua de forma que não piscava, nem por um momento. Então, perguntei:

- Por que você está olhando fixamente para a Lua dessa forma? Parece que nunca a viu antes..

Ele simplesmente virou para mim, sorrindo, e disse, em tom suave:

- Você sabe a resposta, não sabe?

E, de repente, Samuel saiu correndo, como se eu tivesse dito algo que o assustou.

Fiquei mais intrigado que antes: do que eu sabia? Eu não havia entendido o que estava acontecendo desde que me sentei naquele banco (talvez, devesse ter pedido outro café e permanecido na cafeteria).

Decidi ir atrás de Samuel, pois já era tarde da noite, era potencialmente perigoso e eu não tinha ideia de onde os pais dele estavam, muito menos onde ele morava. Conforme eu corria para tentar alcançá-lo, mais os meus pulmões queimavam de dor, minhas pernas ardiavam e parecia haver espinhos espetando as solas dos meus pés.

Corremos por uns dez minutos até que Samuel entrou em uma floresta ao lado das casas, adentrando cada vez mais, seguindo uma trilha que havia delimitada no chão. Por um momento, senti meu corpo gritar de exaustão. Eu parei em um tronco de árvore caído, sentei por alguns instantes para recuperar o fôlego e continuei correndo, mas já tinha perdido o garoto de vista.

Na esperança de encontrá-lo, corri mais alguns metros, até que encontrei uma saída, como se, dali para frente, a floresta simplesmente acabasse. Ao

passar por alguns galhos retorcidos e outros que pareciam braços prontos para me pegar, cheguei em um campo. Havia algumas baixadas e elevações, cobertas por uma grama verde escuro e uma pequena queda d'água vinda de um paredão de pedras, que corria quase que silenciosamente por entre as pedras. Parecia até um conto fictício.

Para minha surpresa, no topo de uma das elevações, havia uma árvore de médio porte, cheia de folhas em tom rosa claro, e uma casca lisa, em tom avermelhado. Era uma árvore Cercis. Logo abaixo dela, havia uma pequena sombra, aparentemente, estava falando. Continuei andando calmamente em direção a essa sombra, e, quanto mais eu me aproximava, mais nítida a imagem de um menino se construía diante de mim: era Samuel. Era meia noite passada quando cheguei naquele campo. A grama que o cobria acompanhava a direção do vento, preenchendo todo espaço de terra, como um tapete com cerdas relativamente longas. Conforme o vento alterava sua direção, a grama dançava de um lado para o outro, criando uma sonoridade contínua e suave, somada com a correnteza quase silenciosa que corria pelo riacho ali próximo. As folhas de Cercis, conforme a força da brisa, desprendiam-se dos galhos e voavam, livres, cobrindo o redor da árvore e formando um lindo círculo ao seu redor.

Samuel estava encostado no tronco, porém, diferentemente de antes, não estava com os olhos

fixos na Lua, mas mantinha-os cerrados e sorria, enquanto recitava algo que aparentava ser uma poesia. Quando ele notou minha presença, parou subitamente e olhou para mim com olhos reluzentes, que refletiam a luz da Lua, e com um sorriso que mal podia esconder atrás de dentes banguelas.

- Não é linda? - perguntou ele.

- De quem você está falando? - perguntei ao menino, que me fitava com olhos reluzentes e puros, como uma criança que ganhou um presente de natal.

- Ela... - pausou por um instante e voltou seu olhar para o grande astro prateado - a Lua.

Logo entendi do que ele estava falando. Agora fazia sentido, seu olhar brilhante, seu fascínio pelo astro que reluz àquela esta hora da noite: ele estava apaixonado.

- Realmente, ela é incrível... - foi a única coisa que eu consegui pensar como resposta...

- Quer ler meu poema me declarando para ela? Eu levei uma tarde inteira para compor...

Acenei com a cabeça que sim. Ele pegou um pedaço de papel dobrado e levemente amassado que estava em seu bolso direito e me entregou, aparentemente muito entusiasmado. Desdobrei o papel e, com muita dificuldade, li o poema, à luz da Lua, escrito com uma letra cursiva difícil de ler, ainda mais que tudo estava mal iluminado:

“Há noites que eu te admiro com todo o coração, / Por isso eu expresso meu amor na arte da escrita / Às vezes, eu penso em compôr uma canção

/ Mas seria vaga, boba e, de certo modo, bonita / Para alguém que emerge no céu, / Seria egoísmo pedir para ser amado / Da cor prata, compõe seu lindo véu / Destaca seu contraste com o astro dourado / Amar você não é loucura, / Nesse mundo doente pelo monótono / Talvez essa seja nossa única cura / A dor de saber que está tão distante / Apesar de me machucar / Saber que estás ali é reconfortante”.

Naquele momento, eu soltei o pedaço de papel no chão, e levantei a cabeça.

Samuel mantinha seus olhos fixos em mim, porém sua expressão de alegria e de empolgação desapareceram, dando lugar para uma expressão preocupada, a julgar pela sua testa franzida.

- Você está bem? - perguntou ele, abaixando-se para juntar o pedaço de papel que havia deixado cair.

Eu sempre fui uma pessoa extremamente fechada e introvertida. Nas salas de aula, meu espaço de fala era limitado a “olá”, “tchau” e “presente”, quando eu respondia à chamada. Normalmente, não falava muito e não demonstrava sentimentos, até porque nunca tive a oportunidade, ou talvez porque eu nunca tenha me aberto a isso. E, depois de tantos anos, eu chorei.

Talvez fosse uma lágrima sincera de emoção, ou apenas algo momentâneo, tentando me empatizar com essa dor de saber como é não ser amado, como é doloroso esperar por algo que não será correspondido... ainda mais um amor de uma criança,

algo tão puro, desperdiçado com um pedaço de rocha presa na órbita gravitacional do nosso planeta.

- Moço, o senhor está bem? - perguntou ele novamente.

- Sim... Eu só... - fiz uma pausa angustiante com um nó na garganta - Eu só queria dizer que sinto muito... Eu imagino como deve ser difícil não ter um amor correspondido, como o seu.

Ele, até então, havia permanecido com uma cara de preocupação. Conforme eu lia as linhas daquela poesia, mais lágrimas se formavam em meus olhos e mais pena eu sentia da inocência de um garoto de oito anos preso a um amor platônico, talvez mais impossível que a neve cair em uma plena noite de verão. Entretanto, por algum motivo, ele sorriu para mim, novamente do jeito que sorria no momento em que me entregou a folha com o poema, e disse:

- Amar não é difícil... É impossível. Na verdade, amar é uma escolha impossível que cabe a você fazer. A dor de amar alguém que não está nem aí para você machuca, mas acredite, a solidão dói ainda mais. Não espere por uma pessoa perfeita... Isso será impossível de encontrar, até porque não é sobre esperar. Amar é moldar ambos para que tenham a maior compatibilidade possível. Amar não é julgar os defeitos do outro, mas aprender a gostar deles e a conviver com eles. A Lua não me esquece, a Lua nem sequer me conhece, mas eu sei que toda noite, quando eu precisar dela, mesmo que seja somente para

preencher essa minha solidão, eu sei que ela vai estar lá.

Estas últimas palavras me machucaram um pouco... Talvez porque eu estivesse tentando romantizar meu passado, ou talvez pelo fato de eu comumente inventar cenários fantasiosos como parte do meu trabalho de escritor... Seria um livro e tanto se eu tentasse desenvolver a minha história baseada na Lua, minha primeira paixão de infância. De qualquer forma, eu estava terminando de tomar meu café, peguei um pedaço de bolo de chocolate com morango, e, no final, sobraram alguns pedaços da fruta no prato, não porque eu detesto, mas talvez porque não estivesse com vontade de comê-las. Olhei pela janela que ia do teto ao chão, ao lado da minha mesa para dois, e vi a lua cheia, brilhando como nunca, reluzindo tão forte no céu que projetava sombras dos postes do lado de fora... E pela primeira vez, em muito tempo, eu me senti vivo. Sai da cafeteria, caminhando pela calçada em direção à minha casa, com algumas ideias para meu romance infantil: "O menino que se apaixonou pela Lua" por Samuel Trivolloni.

Flor de Gardênia

Ágatha Cristiny Knoth Horst

3º Lugar

Joaquim não estava muito bem naquele dia e não era pelo fato de tudo estar dando errado desde cedo. Não era porque havia perdido a hora e acordado tarde, ou então porque alguém sem muita empatia passou com um carro em uma poça enorme ao seu lado, deixando sua roupa toda suja. Ele havia guardado, esperando ansiosamente, aquele terno há meses...mas não, não era por isso que estava mal. Naquele dia, um dia ensolarado após semanas de chuva, fazia quinze anos que seu irmão, Júlio, faleceu. Os dois eram como carne e unha e a perda de Júlio amargurou a vida de Joaquim.

Belo Horizonte estava animada com a aparição do grandioso sol e todos pareciam decidido sair de casa. O trânsito estava um caos, mas nas calçadas o fluxo não era muito diferente. Pessoas e mais pessoas passavam de um lado ao outro, algumas quase correndo, enquanto outras perderiam para uma lesma numa corrida. Essas últimas eram alvos de alguns ~~carros~~ ^{carros} dos apressados. Joaquim incansavelmente um táxi. O Universo não conspirava muito a seu favor ultimamente.

A concentração do homem foi dispersada para outro lugar. Um aroma de gardênia lhe invadiu o nariz. Doce e intenso. Doce, intenso e... familiar. Lampejos de cabelos longos e ruivos vieram-lhe à

mente por milésimos de segundos. Instintivamente deixou-se guiar pelo cheiro, quase hipnotizado. Andando, cego pelo instinto, o perfume lhe guiou até um parque que ele não conhecia. O lugar era grande e tinha trilhas feitas de lajotas que cortavam a longa extensão de grama. Os caminhos se cruzavam e se perdiam entre as diversas árvores. Eram tantas que, apesar do sol em toda sua plenitude, deixavam o local escuro. Havia banquinhos e mesas de madeira espalhados aos montes, passarinhos cantando, mas o parque estava vazio e, apesar da beleza, não era aconchegante.

Com um calafrio percorrendo seu corpo, Joaquim reparou onde estava. Deveria voltar, sabia disso, mas ele precisava de mais. Precisava ver novamente a dona dos longos cabelos ruivos. A mulher que, durante tanto tempo, permaneceu nos becos de sua memória, esquecida.

Aquela que viu tudo o que aconteceu com Júlio. Ele queria explicações.

Andando pelas trilhas, Joaquim percebeu que o parque parecia mais um labirinto que qualquer outra coisa. Antes de entrar não era possível ter uma real dimensão do seu tamanho.

Ele já estava perambulando há uns dez minutos e estava completamente perdido. Começou a duvidar de sua própria sanidade mental, que claramente estava desestabilizada.

Uma rajada de vento balançou a copa das árvores e algumas folhas voaram. Quando o vento

passou e as árvores pararam de balançar, um abismo mortal de silêncio preencheu o ambiente. Os pássaros já não cantavam mais. Joaquim escutava as batidas do próprio coração, que pulsava receoso. O barulho de pedras caindo na água à esquerda lhe chamou atenção.

Saindo da trilha e adentrando as árvores alguns metros, o homem encontrou uma clareira e um grande lago de água cristalina. Boiando na água, próximo da borda, havia uma flor de gardênia. Uma agonizante dor de cabeça lhe atingiu e, agora, ele estava de volta ao dia em que viu Júlio pela última vez.

Júlio, 2 anos mais velho que Joaquim, tinha dez anos e corria entre árvores na sua frente. Ele, choramingando para que o irmão fosse mais devagar, ia atrás, de vez em quando engatando o pé nos cipós e quase caindo. Seu irmão era rápido e inteligente, era difícil acompanhá-lo nas brincadeiras.

Os dois chegaram até um pequeno lago isolado em uma área de mata. Iam lá escondidos da mãe quase toda semana para brincar de arremessar pedras. A pedra que pulasse mais vezes na água antes de afundar, era a vencedora. O perdedor arrumaria o quarto do outro por uma semana. Júlio sempre ganhava, mas Joaquim não desistia fácil. As duas crianças tiraram as pedras que estavam carregando nos bolsos das calças e o jogo começou.

Júlio arremessou sua primeira pedra, que afundou no primeiro toque com a água.

Joaquim riu e jogou a sua, que pulou uma vez. O irmão não gostou de começar perdendo e fez um segundo arremesso muito bom, mas a pedra afundou de primeira. Alguma coisa parecia errada. Ignorando a vez de Joaquim, Júlio jogou uma terceira vez, apenas para ver sua pedra indo diretamente para o fundo novamente.

Júlio já estava irritado e foi até a borda do lago dar uma olhada se havia algo na água que estava atrapalhando seus arremessos. Ajoelhando-se no chão, o garoto olhou para o fundo. Realmente havia algo diferente. A água totalmente transparente deixava o fundo exposto. No fundo, não havia nada além de uma fina areia azul, azul feito céu em dia de verão, e nenhum sinal das pedras. A única coisa que tinha era uma linda flor branca bem no meio do lago.

~~Fatava~~, submersa, completamente sussurrando para Júlio. Ah, sim! A formosa gardênia chamava pelo garoto, convidava-o a entrar na água com ela.

Joaquim assistia de longe seu irmão agachado na beira do lago olhando fixamente para o meio. Já fazia mais de cinco minutos e ele nem se mexia. Os instintos do garoto diziam para ele não ir até lá. Joaquim chamou o irmão, mas ele não respondeu. Ao invés disso, esticou a mão para tocar a água.

A água era quente, tão aconchegante... O conforto era convidativo e a gardênia ainda sussurrava: “venha, entre”. Júlio sentou, tirou seus tênis sujos e velhos e mergulhou seus pés na água. O

garoto sentiu como se estivesse atravessando para outro mundo. Um mundo que ele queria entrar, entrar por completo.

Joaquim gritava com seu irmão, mas Júlio não parecia escutar. Agora, o menino acabara de mergulhar completamente no lago e Joaquim corria em sua direção. Quando chegou, viu seu irmão nadando calmamente, como se flutuasse, até uma linda flor branca.

Júlio nadava em direção à gardênia e esta parecia recebê-lo de braços abertos. O garoto não sabia como, mas sentia seu doce perfume. Ela era tão majestosa, parecia intocável. Estava chegando perto, perto do aconchegante abraço da gardênia. Quando chegou perto o suficiente, esticou o braço para tocá-la, mas algo se enrolou em seu punho, impedindo-o. Era uma das folhas da flor.

Como se despertasse, Júlio puxou seu braço, mas a folha apertava com mais força.

Sentiu seus pés serem presos e, antes que pudesse sequer reagir, seu outro braço também estava comprometido. O menino começou a se debater, mas agora já estava difícil continuar prendendo respiração. A gardênia ainda sussurrava: “venha, minha doce criança”. Não parecia mais tão convidativo e, sim, ameaçador. O medo começou a tomar conta de Júlio, outra folha vinha em sua direção.

Por mais que se debatesse, a folha se enroscou em seu pescoço e começou a puxá-lo para baixo. Júlio não conseguia mais prender a respiração e a pouca

força que tinha de nada lhe adiantava. O oxigênio acabava, conforme dava espaço para a água adentrar seus pulmões.

Aos poucos, foi arrastado para o fundo, para aquela areia azul. Era como ser arrastado para o imenso céu com a vida escapando-lhe pelos dedos.

As coisas estavam mais escuras, o mundo de Júlio estava apagando com ele enquanto a areia envolvia seu corpo. A última coisa que viu antes de ser engolido foi a imagem da imponente gardênia, intocável.

Do lado de fora, Joaquim assistia horrorizado seu irmão sendo levado. Júlio se fora, engolido pelo céu do inferno. Lágrimas começaram a escorrer pelo rosto empoeirado do menino, mas um movimento nas árvores lhe chama atenção. Espiando entre os troncos, estava uma linda garota ruiva, com os longos cabelos até a cintura parecendo brasas. O rosto salpicado de sardas em contraste com a pele branca e os esbugalhados olhos amarelos o encarava. Ela estava descalça, vestia apenas uma espécie de vestido branco com pequenas manchas do que parecia ser sangue e, no cabelo, havia uma gardênia.

A garota sorriu para Joaquim. Seus dentes da frente eram separados e ele lembrou que sua mãe sempre lhe dissera que: mentiroso é aquele que tem dentes ralos. O garoto deu um passo para ir até ela, mas a menina imediatamente saiu correndo entre as árvores. Joaquim tentou segui-la, porém não conseguiu. Ficou só, fitando aquela flor, tão bela, que

lhe roubara o irmão. Daquele dia em diante, sua vida nunca mais fora a mesma.

Voltando para o presente, Joaquim percebe que está na beira do imenso lago, quase encostando na flor de gardênia. Puxa seu braço imediatamente. Um barulho nas árvores o faz olhar, já sabendo o que ia ver. Lá estava a garota ruiva, exatamente como nas suas lembranças, mas dessa vez com roupas limpas.

A menina se aproxima de Joaquim e segura-lhe o rosto carinhosamente. O cheiro que ela exalava o deixava completamente paralisado, ele não conseguia se mexer. Com um sussurro de “bons sonhos”, a menina o beija na bochecha e sua visão fica turva. Seus joelhos cederam e ele apagou completamente.

Joaquim acorda em um local completamente diferente e estranho. Está deitado em uma cama de gardênia e amarrado. A única luz que entra na pequena sala escura é por uma porta à direita. Ali, encarando-o, está seu irmão Júlio, com roupas brancas manchadas de sangue.

Joaquim sussurra seu nome, mas, antes de sequer terminar, as folhas das flores que compunham a cama lhe tapam a boca e também o nariz. A última coisa que ele vê é seu irmão lhe dando um sorriso de dentes ralos, nada humano, dizendo-lhe que tudo ficará bem.

4 Biografias dos Vencedores

4.1 Vencedores da I edição do Concurso Literário Manoel Karam (2019):

A estudante do Instituto Federal Catarinense - campus Rio do Sul, Jamile Ramos, foi a primeira colocada, com o conto “A Adaga do Destino”.

A estudante do Instituto Maria Auxiliadora, Karine Giovana Chaves Neumann, foi a segunda colocada, com o conto “Deus na Natureza”.

A estudante do Instituto Federal Catarinense - campus Rio do Sul, Ane Cristine Crispim, foi a terceira colocada, com o conto “O Coma”.

Apresentação dos vencedores:

Jamile Ramos

Jamile Ramos nasceu no dia 14 de janeiro de 2002 na cidade de Rio do Sul. Técnica em Informática, cursando Arquitetura e Urbanismo na UNIDAVI. Durante o ensino médio, estudou no Instituto Federal Catarinense, onde teve bastante contato com a leitura e diversas oportunidades relacionadas, tanto dentro quanto fora da instituição. A leitura está presente diariamente em sua vida e com ela estimula a criatividade, essencial em sua área de estudo.

Karine Giovana Chaves Neumann

Karine Giovana Chaves Neumann concluiu o Ensino Médio no Instituto Maria Auxiliadora de Rio do Sul. Atualmente cursa a faculdade de Medicina na Unidavi.

Ane Cristine Crispim

Ane Cristine Crispim nasceu em Rio do Sul no dia 26 de fevereiro de 2002 e mora na cidade desde então. Formada Técnica em Informática e cursando Ciências da Computação no IFC. Foi a partir da adolescência que criou o hábito da leitura, por meio da qual começou a escrever frases e pensamentos, passando para a criação de personagens e mundos fictícios. Sempre gostou de histórias curtas com um final de certa forma impactante, por isso se descobriu na escrita de contos literários, porém, já escreveu crônicas, versos e poemas. Hoje, sua futura formação leva à escrita acadêmica científica, mas com isso acredita que a escrita fez e ainda faz parte de quem é.

4.2 Vencedores da II edição do Concurso Manoel Karam (2020):

Categoria Poemas

A estudante do Instituto Maria Auxiliadora, Beatriz Bennert Felipe, conquistou a primeira colocação, com o poema “Desabafo”, sendo orientada pela professora Priscila Pawlack.

A estudante da Escola de Educação Básica Professor Henrique da Silva Fontes, Leticia Brandl da Silva, obteve a segunda colocação, com o poema “Como o Brilho da Lua”, sendo orientada pela professora Katiana Boeira de Andrade.

O estudante da Escola de Educação Básica Professor Henrique da Silva Fontes, Leonardo dos Santos, foi o terceiro colocado, com o poema “Doce Antítese”, sendo orientado pela professora Katiana Boeira de Andrade.

A estudante do Instituto Maria Auxiliadora, Camila Angioletti de Souza, foi a quarta colocada com o poema “Efêmera Nostalgia”, sendo orientada pela professora Priscila Pawlack.

Apresentação dos vencedores:

Beatriz Bennert Felipe

Beatriz Bennert Felipe nasceu em 01 de setembro de 2004, é estudante e escritora amadora natural de

Rio do Sul-SC. Passou por diversas escolas durante o Ensino Fundamental e completou o Ensino Médio no Instituto Maria Auxiliadora de Rio do Sul. Atualmente estudante de Engenharia Mecânica da UDESC, Beatriz equilibra a exatidão dos cálculos de sua graduação com sua paixão pelas histórias e pelos poemas. Desde muito nova, desenvolveu um amor pela escrita e leitura e elaborou diversas obras para trabalhos, exposições e competições escolares, além de obras pessoais. Durante sua vida escolar, recebeu reconhecimento em competições de escrita e eventos literários locais, como o 2º lugar no Concurso Oratória nas Escolas da JCI (2018), 1º lugar na categoria Poema e 4º lugar na categoria Conto do II Concurso Literário Manoel Karam (2020) e 1º lugar na categoria Poemas - Ensino Médio do III Concurso Literário Manoel Karam (2021). Fora da escrita, ela também é uma ávida leitora e se dedica a atividades como música e dança, além, é claro, do seu primeiro amor: a mecânica.

Leticia Brandl da Silva

Leticia Brandl da Silva cursou parte do Ensino Médio no Instituto Federal Catarinense - campus Rio do Sul e concluiu essa etapa de formação educacional na Escola de Educação Básica Professor Henrique Fontes da Silva. Atualmente é estudante do curso de Fisioterapia na Unidavi.

Leonardo dos Santos

Leonardo dos Santos nasceu no dia 11 de setembro de 2002 na cidade de Ituporanga - SC. Seus pais, Maria Salete Lohn dos Santos e Nilson José dos Santos, viveram em diversas cidades do Brasil até a chegada a Rio do Sul, onde Leonardo viveu até então, aos 21 anos de idade, com seus irmãos Rafael José dos Santos e Gabriela Aline dos Santos. Cresceu no mundo da arte desde pequeno por influência de sua irmã mais velha, Gabriela. Aos 8 anos iniciou suas atividades nos cursos de dança na Fundação Cultural de Rio do Sul seguindo para outros cursos como desenho, violão, canto, argila e teatro. Em 2021, conheceu a agência Ella Models Management de São Paulo, onde iniciou sua carreira artística de forma profissional, e foi selecionado pela JS Assessoria Artística para o elenco do filme “É Ela” onde interpretou o personagem Gui Santiago. Em 2023, recebeu a oportunidade de participar do filme “A Vida é Assim”, da mesma produtora, onde interpretará o personagem Titiu.

Camila Angioleti de Souza

Camila Angioleti de Souza, nasceu no dia 12 de março de 2004 em Rio do Sul e atualmente cursa Psicologia na UNIDAVI. Formou-se em 2021 no Instituto Maria Auxiliadora, onde teve a oportunidade de participar do Concurso Literário

Manoel Karam com incentivo da escola. Desde nova é apaixonada pela leitura e escrita, em especial com um carinho muito grande pela poesia. Apesar de algumas experiências prolongadas com o “fantasma do bloqueio criativo”, sempre acaba voltando para a escrita, de um jeito ou de outro. Espera poder escrever mais poemas e histórias futuramente, para se ver imersa novamente em universos empolgantes.

Categoria Contos

Lucas Andrin, estudante do Instituto Federal Catarinense - campus Rio do Sul, conquistou a primeira colocação, com o conto “O Vimeiro”, sendo orientado pela professora Cátia Cristina Sanzovo Jota.

Gabriele Maria Schmitz, estudante do Instituto Maria Auxiliadora, obteve a segunda colocação, com o conto “A Lenda de Eco e Ares”, sendo orientada pela professora Priscila Pawlack.

Natália de Freitas Marcelino, estudante da Escola de Educação Básica Professor Henrique da Silva Fontes, foi a terceira colocada, com o conto “Eroda”, sendo orientada pela professora Karina Bento Renken.

Beatriz Bennert Felipe, estudante do Instituto Maria Auxiliadora, foi a quarta colocada, com o conto “Os Comedores de Batata”, sendo orientada pela professora Priscila Pawlack.

Apresentação dos vencedores:

Lucas Andrin

Nascido em uma sexta-feira gélida no dia 04 de julho de 2003 na cidade de Videira, Santa Catarina, filho de Benjamin Jezreel Andrin e Patrícia de Souza Fiamoncini. Quando criança, brincava na horta, sob videiras, inspecionando a vida de caracóis de jardim.

Seu primeiro crime foi assassinato – matou um caracol esmagado, e se culpa por isso até hoje. Recorda-se cada segundo do divórcio dos pais e da mudança para a fazenda dos avós. Via a mãe apenas nos finais de semana, e o pai uma vez por ano, e aguardava ansioso para rever seus caracóis. Quando passou a residir com a mãe em Rio do Sul e acompanhá-la à faculdade no Instituto Federal Catarinense, apaixonou-se por física e astronomia.

Anos mais tarde, na mesma instituição, cursou o Ensino Médio Técnico Integrado em Informática, e atualmente segue estudando Ciências Computação, aspirando em ser escritor e sonhando todos os dias com suas histórias, lapidando-as o máximo possível, e enchendo seus caracóis de dilemas e personalidades.

Gabriele Maria Schmitz

Gabriele Maria Schmitz atualmente é estudante do Instituto Maria Auxiliadora.

Natália de Freitas Marcelino

Natália de Freitas Marcelino nasceu em 07 de setembro de 2004 em Rio do Sul, Santa Catarina. Em 2022 se formou na Escola de Educação Básica Professor Henrique da Silva Fontes e é atualmente acadêmica do curso de Medicina Veterinária na UNIDAVI. Desde nova desenvolveu grande interesse em escrita, e continua praticando a mesma atualmente. Em 2020 foi ganhadora em terceiro lugar no II Concurso Literário Manoel Karam, e no mesmo ano participou do II Sarau Literário da Escola de Educação Básica Professor Henrique da Silva Fontes.

A biografia de Beatriz Bennert Felipe já foi apresentada.

4.3 Vencedores da III edição do Concurso Manoel Karam (2021):

Contos - Ensino Fundamental

A estudante da Escola de Educação Básica Professor Frederico Navarro Lins, Júlia Lichtenfels Weçolovis, conquistou a primeira colocação, com o conto “O Bendito Livro”, sendo orientada pela professora Elisiane Lichtenfels.

O estudante do Centro Educacional Daniel Maschio, Vinícius Buzzi Kalbusch, obteve a segunda colocação, com o conto “Os Intrigantes Olhos Vermelhos”, sendo orientado pela professora Patrícia Pawlak Kissner.

O estudante do Centro Educacional Daniel Maschio, Luiz Gustavo Becker Schmidt, foi o terceiro colocado com o conto “A Lenda do Kraken”, sendo orientado pela professora Patrícia Pawlak Kissner.

Apresentação dos vencedores:

Júlia Lichtenfels Weçolovis

Júlia Lichtenfels Weçolovis nasceu no dia 30 de outubro de 2008 em Rio do Sul, onde mora até hoje. Estuda na escola Henrique Fontes e seus pais são Elisiane Lichtenfels e Jônatas Weçolovis. Começou a escrever por volta de 2019 e o sonho de se tornar uma escritora no futuro nunca saiu de sua cabeça. Contos

e poemas são seu local de conforto. Além de escrever, também tem a leitura como hobby, e se encanta toda vez que lê um livro novo. Cada história, interpretação e forma de contar é diferente. O mundo da imaginação literária é simplesmente uma viagem criativa onde ela se permite viver as mais loucas e surreais aventuras possíveis sem nem sair do lugar, pelo menos fisicamente.

Vinícius Buzzi Kalbusch

Vinícius Buzzi Kalbusch concluiu o Ensino Fundamental no Centro Educacional Daniel Maschio. Atualmente está cursando o Ensino Médio no Colégio Dom Bosco de Rio do Sul.

Luiz Gustavo Becker Schmidt

Luiz Gustavo Becker Schmidt concluiu o Ensino Fundamental no Centro Educacional Daniel Maschio.

Poemas - Ensino Fundamental

Ana Beatriz Kraemer Ferreira, estudante da Escola de Educação Básica, Professor Henrique da Silva Fontes, conquistou a primeira colocação, com o poema “Nosso Voo”, sendo orientada pela professora Katiana Boeira de Andrade.

Artur José Mazzini, estudante do Centro Educacional Ricardo Marchi, obteve a segunda colocação, com o poema “Tecendo Fé”, sendo orientada pela professora Patrícia Pawlak Kissner.

Rafaela de Sousa Cerutti, estudante da Escola de Educação Básica Willy Hering, foi a terceira colocada, com o poema “Em Busca de Uma Transformação”, sendo orientada pela professora Katiana Boeira de Andrade.

Apresentação dos vencedores:

Ana Beatriz Kraemer Ferreira

Ana Beatriz Kraemer Ferreira tem 16 anos, nasceu no dia 21/05/2008 em Rio do Sul. Para ela todos nós vivemos sem rumo onde constantemente tentamos nos encontrar, mesmo não tendo um lugar de fato a se chegar; ela, por exemplo, nunca imaginaria que as palavras que não conseguia falar na verdade se encaixariam na poesia, o concurso Manoel Karam abriu portas e, ao invés de ter ficado apenas no vôlei e no desenho, decidiu nas palavras complicadas rimar versos.

Na escrita ela se autointitula como alfinetes para o coração, e sua marca registrada são os gatinhos, uma paixão que leva consigo desde pequena. Atualmente estuda no Instituto Federal Catarinense, e pretende transmitir ideias não só para si, mas também para o

mundo que pode lhe ver por meio da poesia e dos estudos.

Sem dúvidas, Ana é um livro aberto para aqueles que leem seus poemas e se identificam não só com a melodia dos versos.

Artur José Mazzini

Artur José Mazzini, tem 15 anos e atualmente está no Ensino Médio, na escola Professor Henrique da Silva Fontes. O Concurso Manoel Karam foi sua porta de entrada para o mundo da escrita, ao retratar a luta, a conquista e os sentimentos de sua “noninha” (bisavó, em italiano) em forma de um poema. Seu objetivo sempre foi mostrar para as pessoas ao seu redor a batalha e força da noninha em sua juventude. Com isso, provou a si mesmo ser capaz de fazer coisas que nem imaginava que conseguiria.

Rafaela de Sousa Cerutti

Rafaela de Sousa Cerutti concluiu o Ensino Fundamental na Escola de Educação Básica Willy Hering. Atualmente é estudante no Ensino Médio do Instituto Federal Catarinense - campus Rio do Sul.

O estudante do Instituto Federal Catarinense - campus Rio do Sul, Lucas Andrin, conquistou a primeira colocação, com o conto “A Marca do Assassino”, sendo orientado pela professora Cátia Cristina Sanzovo Jota.

O estudante do Instituto Maria Auxiliadora, Bruno Moretti Leite, obteve a segunda colocação, com o conto “Ligação Espiritual”, sendo orientado pela professora Priscila Pawlack.

A estudante do Instituto Maria Auxiliadora, Yasmin Walker Maciel Queiroz, foi a terceira colocada com o conto “No Balcão”, sendo orientado pela professora Priscila Pawlack.

Apresentação dos vencedores:

A biografia de Lucas Andrin já foi apresentada.

Bruno Moretti Leite

Bruno Moretti Leite é estudante do Instituto Maria Auxiliadora em Rio do Sul.

Yasmin Walker Maciel Queiroz

Yasmin Walker Maciel Queiroz nasceu em 29 de dezembro de 2005, em Blumenau, e morou em Rio do Sul por 16 anos. Estudou desde muito nova no Instituto Maria Auxiliadora, lar onde fez amizades especiais e amadureceu até se encontrar. Mesmo

tendo interesse em diversas áreas do conhecimento, sua maior aptidão é na Língua Portuguesa. Participou do Concurso Literário Manoel Karam por 3 anos seguidos, experiência na qual encontrou uma via de escape para sua criatividade e ideias mirabolantes, que se tornaram boas histórias no fim.

Poemas - Ensino Médio

Beatriz Bennert Felipe, estudante do Instituto Maria Auxiliadora, conquistou a primeira colocação, com o poema “A Vida do Tempo”, sendo orientado pela professora Priscila Pawlack.

Camila Angioleti de Souza, estudante do Instituto Maria Auxiliadora, obteve a segunda colocação com o poema “Tornar-se Arte”, sendo orientado pela professora Priscila Pawlack.

Yasmin Walker Maciel Queiroz, estudante do Instituto Maria Auxiliadora, foi a terceira colocada, com o poema “Cova de Loucos”, sendo orientado pela professora Priscila Pawlack.

A biografia de Beatriz Bennert Felipe já foi apresentada.

A biografia de Camila Angioleti de Souza já foi apresentada.

A biografia de Yasmin Walker Maciel Queiroz já foi apresentada.

4.4 Vencedores da IV edição do Concurso Manoel Karam (2022):

Poemas - Ensino Fundamental

A estudante do Centro Educacional Sebastião Back, Jholiny Miranda Souza, conquistou a primeira colocação, com o poema “A Incógnita da Lanterna”, sendo orientada pela professora Patrícia Pawlak Kissner.

O estudante da Escola de Educação Básica Professor Frederico Navarro Lins, Bruno Venturi Moretti, obteve a segunda colocação, com o poema “Pequenos Insetos”, sendo orientado pela professora Elisiane Lichtenfels.

O estudante do Colégio Salesiano Dom Bosco, Augusto Cesar Nasário, foi o terceiro colocado com o poema “O Simples Fato de Ser Simples”, sendo orientado pela professora Eduarda Metzger.

Apresentação dos vencedores:

Jholiny Miranda Souza

A estudante Jholiny Miranda Souza concluiu o Ensino Fundamental no Centro Educacional Sebastião Back de Rio do Sul. Também participou de oficinas e atividades educativas na Escola Modelo Ella Kurth. Sua família é originária de outra região brasileira. No período que Jholiny participou do concurso Manoel

Karam, seus familiares estavam residindo em Rio do Sul. Atualmente sua família voltou para o estado de origem.

Bruno Venturi Moretti

Bruno Venturi Moretti nasceu em 01 de janeiro de 2010, em Rio do Sul. Desde cedo demonstrou interesse pelas artes, leitura e escrita, explorando sua criatividade em diversas formas de expressão. Além disso, encontrou nos esportes uma paixão, destacando-se no tênis de mesa e no vôlei. Com uma mente curiosa e determinada, Bruno pretende seguir carreira na área da engenharia mecânica. Sua educação é marcada por um forte compromisso com os estudos, buscando constantemente aprimorar seus conhecimentos e habilidades. Apesar de jovem, Bruno é uma pessoa dedicada e focada em suas metas futuras. Seus planos incluem se formar em engenharia mecânica e contribuir para o avanço tecnológico em sua área de atuação. Com uma combinação de talento artístico, habilidades esportivas e determinação acadêmica, Bruno promete alcançar grandes conquistas em sua jornada.

Augusto Cesar Nasário

Augusto Cesar Nasário é filho de Júlio Cesar Nasário e Grasiela Vanderlinde Schuelter Nasário. Nasceu em Rio do Sul no dia 23 de junho de 2007,

onde reside até hoje. Estudou do berçário ao 1º ano do EFI no Instituto Maria Auxiliadora, do 2º ao 9º ano do ensino fundamental no Colégio Salesiano Dom Bosco, iniciou seu 1º ano do EM no Instituto Federal em Agroecologia e continuou no Colégio Universitário UNIDAVI, onde estuda até hoje, no 2º ano. Sempre gostou de ler, escrever, estar em contato com a natureza e com Deus, sendo coroinha dos 6 aos 14 anos e desde então acólito na Catedral São João Batista. Sempre apreciou a arte da música, tocando violão, flauta doce, lira e violino. Além disso, adora o aprendizado de idiomas, com foco no inglês e alemão.

Contos - Ensino Fundamental

Maria Eduarda Goede de Souza, estudante do Instituto Maria Auxiliadora, conquistou a primeira colocação com o conto “Meu amigo, O Homem Sombra”, sendo orientada pela professora Caroline Ferrari.

Ayla Luiza de Souza, estudante do Instituto Maria Auxiliadora, obteve a segunda colocação com o conto “O Romance Inesquecível do Pianista”, sendo orientada pela professora Caroline Ferrari.

Júlia Lichtenfels Weçolovis, estudante da Escola de Educação Básica Professor Frederico Navarro Lins, foi a terceira colocada, com o conto “A Menina do Vestido Amarelo”, sendo orientada pela professora Cristiani Schmitz.

Apresentação dos vencedores:

Maria Eduarda Goede de Souza

Maria Eduarda, nasceu em abril de 2008, reside em Rio do Sul e estuda no Ensino Médio no Instituto Maria Auxiliadora. Desde pequena, sempre foi apaixonada por histórias, o que a levou a devorar livros como se fossem chocolates e a viver em um mundo de fantasia. Curiosa, comunicativa, extrovertida e criativa, adora a arte, pois acredita que ela torna a vida mais colorida, principalmente com a música. Passa horas escutando diferentes composições e ama tocar piano e flauta. Também gosta muito de escrever e criar novas histórias e, por esse motivo, sonha em um dia publicar seu próprio livro.

Ayla Luiza de Souza

Ayla Luiza de Souza é estudante do ensino médio, nasceu na cidade de Rio do Sul no dia 19/09/2007 e gosta de se divertir, sair para comer pizza, conversar com os amigos, assistir filmes, ler, ouvir músicas e podcasts, escrever e praticar atividades físicas. Frequentei durante muitos anos a Fundação Cultural de Rio do Sul para atividades de aulas de balé e piano, e neste período utilizava a Biblioteca Municipal, o que fez crescer sua curiosidade e o gosto pela leitura. Gosta de ler sobre vários assuntos, como universo astrológico, física,

curiosidades e contos românticos. Escreve sobre o sentimento mais importante para a humanidade, que reflete pela simples linguagem universal: o amor.

A biografia de Júlia Lichtenfels Weçolovis já foi apresentada.

Categoria Poesia - Ensino Médio

O estudante do Instituto Maria Auxiliadora, Bruno Moretti Leite, conquistou a primeira colocação, com a poesia “Sincretismo Financeiro”, sendo orientado pela professora Priscilla Pawlack

O estudante do Colégio Sinodal Ruy Barbosa, Patrick Sabino, obteve a segunda colocação, com a poesia “A Chuva”, sendo orientado pela professora Priscilla Pawlack.

A estudante do Colégio Unidavi, Maria Eduarda Rosa, foi a terceira colocada, com a poesia “17 Anos”, sendo orientada pela professora Viviane Steinheiser Burger.

Apresentação dos vencedores:

A apresentação de Bruno Moretti Leite já foi apresentada.

Patrick Sabino

Patrick Sabino nasceu em Ituporanga, Santa Catarina, em janeiro do ano de 2006. Cresceu na mesma cidade, juntamente com seus pais e seu irmão mais novo. No ano de 2021, começou a estudar no Colégio Sinodal Ruy Barbosa, onde concluiu o Ensino Médio. Atualmente, cursa Artes Cênicas na Universidade Estadual do Paraná, no Campus II da Faculdade de Artes Paranaense, em Curitiba. Desde pequeno, gostava de ler livros, e em 2020 entrou em contato com os RPGs (“Jogo de Interpretar Papéis”, em tradução livre do inglês), desenvolvendo o gosto pela escrita ao criar universos de fantasia para aventuras inimagináveis e infinitas. Após algum tempo, além de escrever roteiro para as suas sessões, começou a escrever poemas como maneira de expressar o que sentia e precisava ser ouvido pelas pessoas ao seu redor. Seus estudos atuais são focados na parte de roteiros, desejando seguir no rumo.

Maria Eduarda Rosa

Maria Eduarda Rosa nasceu em 2005 na cidade de Rio do Sul/SC, onde mora com os pais e o irmão mais novo. Concluiu a Educação Básica no Colégio Universitário UNIDAVI e atualmente cursa Psicologia no Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí - UNIDAVI. Desenvolveu o gosto e o hábito pela leitura após ler

uma obra da escritora brasileira Paula Pimenta, aos 10 anos de idade, e foi conquistada pelos livros. Adora romances, mistérios e ficção científica/fantasia. Uma jovem nerd, aventureira, criativa e curiosa que começou a escrever poemas como uma forma de expressar seus sentimentos. Além de poeta nas horas vagas, é escoteira no Grupo Escoteiro Mafeking/56 - SC desde 2014. Um dos seus sonhos é escrever e publicar um livro autoral e o primeiro passo foi acreditar em si mesma e nos seus poemas ao se inscrever no Concurso Literário Manoel Karam.

Contos - Ensino Médio

Augusto Henrique Bennert, estudante do Colégio Sinodal Ruy Barbosa, conquistou a primeira colocação, com o conto “Progressão”, sendo orientado pela professora Caroline Ferrari.

Ágatha Cristiny Knoth Horst, estudante do Instituto Federal Catarinense - campus Rio do Sul, obteve a segunda colocação, com o conto “Cuidado com os sinos”, sendo orientada pela professora Bruna Maria Silvério.

Yasmin Walker Maciel Queiroz, estudante do Instituto Maria Auxiliadora, foi a terceira colocada, com o conto “Seu Eliasar, o caçador de fantasmas”, sendo orientada pela professora Caroline Ferrari.

Apresentação dos vencedores:

Augusto Henrique Bennert

Augusto Henrique Bennert nasceu na cidade de Ituporanga, Santa Catarina. Escreve desde criança, tendo publicado independentemente pela primeira vez aos onze anos. Aos 17 anos, depois de encerrar o tratamento contra um câncer, venceu a quarta edição do Concurso Literário Manoel Karam na categoria Conto com “Progressão”, trabalho que flerta com o horror cósmico e o existencialismo, seus temas de maior interesse. Hoje, é estudante de Medicina na Universidade do Planalto Catarinense, em Lages, e continua dedicando parte de seu tempo à escrita.

Ágatha Cristiny Knoth Horst

Ágatha Cristiny Knoth Horst nasceu no dia 23/02/2006 na cidade de Ituporanga, Santa Catarina. Seu interesse pela literatura começou quando ainda era criança, por meio de livros como “Diário de um Banana”. Porém, gosto pela escrita se manifestou durante a pandemia, período em que se sentia muito sozinha e começou a escrever como forma de distração. Sempre teve a escrita como um hobby apenas, até ingressar no IFC de Rio do Sul para cursar o Ensino Médio, quando se inscreveu para o Concurso Literário Manoel Karam (2022). Ser uma das ganhadoras do concurso foi seu incentivo para

continuar evoluindo e, também, participar de concursos literários. Atualmente, já formada em técnica agrícola em Agroecologia no IFC Rio do Sul, ingressou na Universidade Federal de Santa Catarina para cursar Engenharia Aeroespacial, mas não pretende deixar a escrita de lado.

A biografia de Yasmin Walker Maciel Queiroz já foi apresentada.

4.5 Vencedores da V edição do Concurso Manoel Karam (2023):

Categoria Poema - Ensino Fundamental

Richard Kletenberg Gutjahr, estudante da Escola S, conquistou a primeira colocação, com o poema “Tudo é Poesia”, sendo orientado pela professora Keila Raquel de Souza.

Amanda Heinrich, estudante da Escola S, obteve a segunda colocação, com o poema “Pintura da Alma”, sendo orientada pela professora Keila Raquel de Souza.

Bruno Romagnani Leopoldo, estudante da Escola Modelo Ella Kurth, foi o terceiro colocado, com o poema “Esperançar”, sendo orientada pela professora Patrícia Kissner.

Apresentação dos vencedores:

Richard Kletenberg Gutjahr

Richard Kletenberg Gutjahr mora em Rio do Sul - SC, estuda na Escola SESI desde os 3 anos de idade. Pensa que a leitura agrega conhecimento e sabedoria em nossas vidas e os seus gêneros favoritos são ficção científica, aventura e fantasia. Antigamente jogava xadrez, mas agora é mesatenista e atleta de Vôlei, modalidades nas quais já obteve algumas medalhas.

Amanda Heinrich

Amanda Heinrich tem 13 anos e estuda na Escola Sesi de Rio do Sul. Desde pequena sempre gostou muito de ler. Por mais que goste de praticar esportes, também se motiva a ler cada vez mais. Seu livro favorito é Percy Jackson, e seu gênero de literatura preferido é fantasia. Começou a se interessar por poemas há pouco tempo, e pretende continuar melhorando na escrita.

Bruno Romagnani Leopoldo

Bruno Romagnani Leopoldo tem 13 anos, é estudante no Centro Educacional Daniel Maschio, onde se destaca por sua dedicação aos estudos e sua paixão por mangás e gibis. Apesar de sua natureza tímida, Bruno é conhecido por sua gentileza e simpatia com seus colegas de classe. Ele encontra conforto e inspiração nas páginas dos mangás e gibis, onde mergulha em mundos de fantasia e aventura. Fora da sala de aula, Bruno é visto frequentemente com um livro nas mãos, perdido em suas histórias favoritas. Seu amor pela leitura e sua natureza tranquila fazem dele um amigo confiável e um aluno dedicado.

Categoria - Poema Ensino Médio

O estudante do Instituto Maria Auxiliadora, Giovanni Pisetta Dolzan, conquistou a primeira colocação, com o poema “Cassino”, sendo orientado pela professora Caroline Ferrari.

A estudante da Escola Unidavi, Maria Eduarda Rosa, obteve a segunda colocação, com o poema “Passageiros do trem”, sendo orientada pelo professor Janio Oliveira.

O estudante do Instituto Maria Auxiliadora, Joaquim Fronza Silveira, foi o terceiro colocado com o poema “Um povo muito além da sua cor”, sendo orientado pela professora Caroline Ferrari.

Apresentação dos vencedores:

Giovanni Pisetta Dolzan

Giovanni Pisetta Dolzan tem 18 anos, cursou o ensino fundamental e médio no Instituto Maria Auxiliadora, em Rio do Sul, e atualmente é estudante do curso de Direito da Universidade Federal de Santa Catarina. Sempre teve muito interesse pela ampla área das ciências humanas e o contato com a literatura foi essencial na sua formação como pessoa e como escritor. Seu livro favorito é “Estação Carandiru”, do autor Drauzio Varella, e o seu poeta favorito é Vinicius de Moraes.

A biografia de Maria Eduarda Rosa já foi apresentada.

Joaquim Fronza Silveira

Joaquim Fronza Silveira nasceu e cresceu em Rio do Sul, frequentando o Instituto Maria Auxiliadora (IMA) desde os dois anos de idade. Ao longo de mais de 14 anos, destacou-se na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas e Privadas (OBMEP) por dois anos seguidos e conquistou o terceiro lugar no Concurso Literário Manoel Karam, na categoria de poesia, durante o primeiro ano do ensino médio.

Participou ativamente da vida colegial, sendo reconhecido como destaque na feira interna do colégio por abordagens inovadoras. Desde cedo, desenvolveu interesse pela matemática e jogos de cartas e tabuleiros, o que fortaleceu seu raciocínio lógico e criatividade, e atualmente mantém uma paixão pelo tradicionalismo e pela cultura ancestral, elementos que moldaram sua identidade e continuam a influenciar sua jornada de descoberta e aprendizado. Com isso busca ainda mais conhecimento, que tornem mais fácil a caminhada para o que almeja para o futuro.

Categoria Conto - Ensino Fundamental

Gustavo Mezdri Guerrero, estudante do Instituto Maria Auxiliadora, conquistou a primeira

colocação com o conto “Colina dos Heróis”, sendo orientada pela professora Ligian Albertina Tenffen.

Nádia Sautner, estudante do Instituto Maria Auxiliadora, obteve a segunda colocação, com o conto “O voar de um sonho”, sendo orientada pela professora Caroline Ferrari.

Bruno Romagnani Leopoldo, estudante do Centro Educacional Daniel Maschio, foi o terceiro colocado, com o conto “O mistério do Rio Perdido”, sendo orientado pela professora Patrícia Kissner.

Apresentação dos vencedores:

Gustavo Mezdri Guerrero

Gustavo Mezdri Guerrero é estudante do Instituto Maria Auxiliadora.

Nádia Sautner

Nádia Sautner é estudante do Instituto Maria Auxiliadora.

A biografia de Bruno Romagnani Leopoldo já foi apresentada.

Categoria Conto - Ensino Médio

Yasmin Walker Maciel Queiroz, estudante do Instituto Maria Auxiliadora, conquistou a primeira

colocação, com o conto “A Reunião”, sendo orientada pela professora Caroline Ferrari.

Lucas Gabriel Stopassolli, estudante do Instituto Maria Auxiliadora, obteve a segunda colocação, com o conto “O menino que se apaixonou pela Lua” - sendo orientado pela professora Caroline Ferrari.

Ágatha Cristiny Knoth Horst, estudante do Instituto Federal Catarinense - campus Rio do Sul, foi a terceira colocada com o conto “Flor de Gardênia”, sendo orientada pela professora Bruna Maria Silvério.

Apresentação dos vencedores:

A biografia de Yasmin Walker Maciel Queiroz já foi apresentada.

Lucas Gabriel Stopassolli

Lucas Gabriel Stopassolli é um escritor amador, poeta e músico em tempo livre, autor de obras inacabadas, um cristão meramente imperfeito e um grande fã de músicas e filmes antigos. Nascido e criado em Rio do Sul, Santa Catarina. Poderia se

intitular um membro de um grupo de espionagem ultrassecreto, ou um astronauta que viajou à Lua, um viajante do tempo que viu Leonardo da Vinci pintar a Monalisa e sentou junto a Nikola Tesla para tomar um café. De qualquer modo, mesmo que qualquer uma dessas coisas fosse verdade, ainda não seriam

suficientes para que pudessem fazer seus leitores o conhecerem suficientemente. Gosta de pensar que “viver não é sobre esperar a tempestade passar, mas sobre aprender a dançar na chuva” (Autor desconhecido).

A biografia de Ágatha Cristiny Knoth Horst já foi apresentada.

O Concurso Literário Manoel Karam foi criado em 2019 pelos agentes culturais Adriano Lucas, Cintia da Silva e Johan Henryque. Na primeira edição ainda não havia uma nomenclatura específica e o concurso integrou a programação da Feira do Livro de Rio do Sul, em Santa Catarina. A Associação de Escritores do Alto Vale do Itajaí, a Biblioteca Pública Municipal Nereu Ramos e a Fundação Cultural de Rio do Sul foram as entidades parceiras na criação do projeto.

Em 2020, o jornalista e historiador Jonas Felácio Júnior sugeriu dar ao concurso um nome e assim homenagear o escritor rio-sulense Manoel Carlos Karam.

Em 2023, surgiu uma nova parceira: a Prosacult Editora e Produtora Cultural atuando na coordenação do projeto.

Em seus cinco primeiros anos, o Concurso Literário Manoel Karam contemplou quarenta e sete prêmios: três em 2019, oito em 2020, doze em 2021, doze em 2022, e doze em 2023.



Apoio



FUNDAÇÃO
CULTURAL
DE RIO DO SUL



Realização

MINISTÉRIO DA
CULTURA

